

LUGARES DE ABANDONO

DA OBSOLESCÊNCIA ARQUITETÓNICA AO TURISMO IDENTITÁRIO

PROPOSTA DE TURISMO VITIVÍCOLA PARA A REABILITAÇÃO DO PALÁCIO DOS
DUQUES DE AVEIRO EM AZEITÃO

Marta Lagoutina Maia

(Licenciada em estudos arquitetónicos)

Projeto de Final de Mestrado para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura

E todo eu me alevanto e todo eu ardo.

*Chego a julgar a Arrábida por Mãe,
quando não serei mais que seu bastardo.*

- Sebastião da Gama, Serra-Mãe

Orientação Científica

Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Professor Doutor Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira

Composição do Júri

Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos, Presidente

Doutor Ricardo Jorge Fernandes da Silva Pinto, Vogal

Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite, Orientador

Lisboa, FA ULisboa, dezembro de 2019

ÍNDICE

RESUMO	V
ABSTRACT	VII
AGRADECIMENTOS	IX
INTRODUÇÃO	XI
METODOLOGIA	XIV
I – CONTEXTUALIZAÇÃO GENÉRICA	1
1. OBSOLESCÊNCIA ARQUITETÓNICA - O ABANDONADO	1
1.1 - MAS, POR QUE É QUE ESTES EDIFÍCIOS EXISTEM?	2
1.2 - EXEMPLOS DE LUGARES ABANDONADOS	4
1.3 - QUE FORMAS EXISTEM PARA CONTORNAR O ABANDONADO E DEGRADADO A NÍVEL ARQUITETÓNICO?	6
1.4 - QUE NOVOS USOS PODEM POTENCIALIZAR?	10
2 - O TURISMO	11
2.1 - O TURISMO EM PORTUGAL	12
2.2 - O TURISMO VITIVINÍCOLA	13
2.2.1 - COMO A PRODUÇÃO DO VINHO INFLUENCIA A ARQUITETURA	16
2.2.2 - CASOS DE ESTUDO	22
II - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E SOCIAL DE AZEITÃO	29
3 - CARACTERÍSTICAS E HERANÇAS DE VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO	33
3.1 - FAUNA E FLORA	33
3.2 - GASTRONOMIA REGIONAL - O QUEIJO DE AZEITÃO	34
3.3 - GASTRONOMIA REGIONAL - AS DOÇARIAS	35
3.4 - AGRICULTURA	36
3.4.5 - PRODUÇÃO DO VINHO	37
3.4.6 - PRESENÇA DA PRODUÇÃO VINÍCOLA EM AZEITÃO	40
3.5 - PATRIMÓNIO	43

3.5.1 - IGREJA DE VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO	43
3.5.2 - PELOURINHO DE VILA NOGUEIRA E CHAFARIZ DOS PASMADOS	44
3.5.3. - CONVENTO DE SANTA MARIA DA PIEDADE DOS PADRES DA ORDEM DOMINICANA DE SÃO DOMINGOS	46
4 - O ANTIGO ROSSIO – PRAÇA DA REPÚBLICA	47
4.1 A PROBLEMÁTICA	47
5 - O PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO	53
5.1 - PERCURSO HISTÓRICO	53
5.2 - DESCRIÇÃO ARQUITETÓNICA DO PALÁCIO E QUINTA DOS DUQUES DE AVEIRO	56
6 - INTERVENÇÃO NA PRAÇA DA REPÚBLICA E PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO	61
6.1 - ESTRATÉGIA (CONCEITO)	61
6.2 - INTERVENÇÃO URBANA	63
6.3 - INTERVENÇÃO NO LOTE: UNIDADE HOTELEIRA	65
6.4 - INTERVENÇÃO NO LOTE: PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO E JARDINS	66
6.5 - INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA - NOVO EDIFICADO	67
6.5.1 - DESCRIÇÃO PROJETUAL DA ADEGA	70
6.5.2 - MATERIALIDADES E CONSTRUTIVIDADE	76
6.5.3 – PROGRAMA	81
6.5.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
7 - BIBLIOGRAFIA	87
8 - ÍNDICE DE IMAGENS	91
9 - ANEXOS GERAIS	97
10 – ANEXOS - PEÇAS DESENHADAS E FOTOGRAFIAS MAQUETE	103

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Título | Lugares de Abandono, da Obsolescência Arquitetónica ao Turismo Identitário

Subtítulo | Proposta de Turismo Vitivinícola para a Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão

Nome do estudante | Marta Lagoutina Maia

Orientação Científica | Professor Doutor António Santos Leite

| Professor Doutor Francisco Oliveira

Mestrado | Arquitetura

Data | Dezembro 2019

RESUMO

O seguinte projeto final de mestrado parte de dois grandes temas: o Abandonado e o Turismo.

Primeiramente pretende-se criar uma reflexão crítica sobre o abandono de grandes e antigas casas, de relevância arquitetónica, e sobre o porquê deste abandono existir. Parte-se do princípio que o grande problema recaí sobre a obsolescência arquitetónica; isto é, a perda de sentido nas funções ao longo dos tempos e ao longo das sociedades.

Segundamente, uma reflexão sobre as possíveis soluções a utilizar no combate a estes casos, partindo do princípio que uma das mais adequadas hoje em dia passa pelo uso do turismo, recaindo principalmente, no caso do presente trabalho, sobre o turismo vitivinícola.

O objetivo é encontrar uma estratégia sólida e coerente, passível de ser aplicada em vários casos de estudo, que possa salvar este tipo de edifícios, conferindo-lhes, de novo, a majestuosidade de que outrora eles foram donos. E assim, passando da obsolescência arquitetónica do local, ao turismo identitário que melhor assenta na sua memória.

PALAVRAS-CHAVE | Abandonado | Obsolescência Arquitetónica | Reabilitação | Turismo | Enoturismo | Vila

Nogueira de Azeitão | Palácio dos Duques de Aveiro

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Title | Places of Abandonment, from the Architectural Obsolescence to Identity Tourism

Subtitle | A proposal of Wine Tourism for the Rehabilitation of the Aveiro Dukes' Palace in Azeitão

Student's name | Marta Lagoutina Maia

Supervisors | Professor Doctor António Santos Leite

| Professor Doctor Francisco Oliveira

Master | Architecture

Date | December 2019

ABSTRACT

The following master's project starts from two major themes: the Abandoned and the Tourism.

First of all, it is intended to create a critical reflection on the abandonment of large and old houses of architectural relevance, and on why this abandonment exists in the first place. It is assumed that the major problem lies in architectural obsolescence; that is, the loss of meaning in functions over the time and throughout societies.

Secondly, a reflection on the possible solutions to combat these cases, assuming that one of the most appropriate today is the application of tourism, specifically in the case of the present work, the wine tourism.

The goal is to find a solid and coherent strategy that should be able to be applied in several case studies, so that it can save this type of buildings, restoring, once again, the majesty they once owned. And so, moving from the architectural obsolescence of the place, to the identity tourism that best rests in its memory.

KEYWORDS | The Abandoned | Architectural Obsolescence | Rehabilitation | Tourism | Wine Tourism |

Vila Nogueira of Azeitão | Aveiro Dukes' Palace

AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus pais, por nunca me largarem a mão, mas também por não pegarem nela para direção nenhuma que não a que eu quisesse. Por acreditarem sempre em mim, sem qualquer sombra de dúvidas. E por me educarem e criarem para ser a pessoa que sou hoje, sem medo de começar esta longa caminhada que é a vida adulta.

Aos meus avós, por nunca colocarem em hipótese que eu pudesse não conseguir, e por terem sempre amor e carinho para me oferecer, incondicionalmente.

Ao meu namorado, por me ter acompanhado nesta aventura, sempre com toda a certeza das minhas capacidades, mesmo quando era eu quem tinha as dúvidas. Pelo brilho nos olhos com que me gaba, seja qual for o meu resultado ou decisão. Por me ajudar a ser destemida e por se lançar comigo na longa caminhada que é a vida, sem medos.

Aos meus amigos, aqueles que sabem quem são, aos que sempre estiveram comigo e aos que chegaram com o curso, a todos os que me ajudaram a que este momento fosse possível e que são a minha segunda família.

Aos meus orientadores, professor António Leite e Francisco Oliveira, pela paciência e dedicação com que se entregaram a este projeto, por tudo o que me ensinaram e por me trazerem sempre entusiasmo ao desenvolvimento desta etapa.

À experiência de trabalho que tive a oportunidade de ter, não só por me ter feito crescer e abrir os horizontes a outras áreas de estudo, como por ter acabado por ser o verdadeiro motor de arranque para o desenvolvimento do tema deste projeto final de mestrado; e ainda me trazer colegas a que hoje posso chamar de amigos.

A quem, com grande carinho e interesse a tempo inteiro para me ajudar, fosse para me dar aulas de arquitetura clássica, fosse para opinar e aconselhar sobre o meu projeto, foi o meu terceiro orientador sem que fosse preciso pedir isso.

A todos os que contribuíram para o meu crescimento e formação, e em especial aos que ajudaram no seguimento deste projeto, até mesmo respondendo às minhas dúvidas.

Na conclusão desta etapa da minha vida, um grande obrigada a todos, guardar-vos-ei a vós e a esta memória para sempre.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de abandono, é inevitável que surjam algumas memórias claras de sítios por onde já passámos. Infelizmente, é um estado recorrente em muitas casas antigas, de grande valor histórico e arquitetónico, e que nem sempre recebem a devida atenção. A grande inquietação surge ao pensarmos que em curtos períodos de tempo se podem perder tantos séculos de histórias e memórias e que se percam por completo heranças que deveriam ser guardadas e cuidadas.

Se existir a oportunidade de poder fazer a diferença e salvar algum destes locais, é necessário estudar com cuidado tudo aquilo que esse local já foi e tudo o que poderá vir a ser, de modo a que não volte a cair em esquecimento.

A razão que levou à escolha do local deve-se, primeiramente à proximidade afetiva do mesmo à autora. É um lugar que se encontra desconstruído, tendo-se desenvolvido sem consideração à sua hierarquia e contextualização, e hoje acaba por providenciar um espaço sem qualquer vida ou sentido, que acabou por ir crescendo e evoluindo sem controlo nem preocupação a nível de desenvolvimento turístico e cultural, naturalmente merecido pela importância histórica que envolve.

O foco será direcionado para a zona de Azeitão, no Concelho de Setúbal, área que reúne um considerável número de quintas e palácios, que se estendem desde a vasta vegetação do parque natural da Serra da Arrábida até as zonas hoje mais urbanizadas, como é o caso do local em estudo. A área de intervenção consta no centro de Vila Nogueira de Azeitão, das localidades mais centrais da região de Azeitão, onde encontramos o antigo Rossio, no qual se insere o Palácio e Quinta dos Duques de Aveiro.

O Palácio dos Duques de Aveiro, suposto ponto de partida e edifício-chave para o crescimento do Rossio, não foi tomado como tal e acabou por ser afastado para um canto do mesmo, perdendo toda a sua axialidade e imponência, o que deixou a praça sem qualquer tipo memória relativa ao mesmo. Aliado a isto, o edificado está ao abandono há muitos anos, tendo ficado num estado deteriorado e visualmente degradado, o que acabou por lhe retirar a vivacidade e altivez que lhe é merecida.

É, como tal, um local que inquieta do ponto de vista arquitetónico e, pelos cidadãos, é apenas um local onde os mesmos não desejam ficar, mas sim passar. O desafio será trabalhar todo o espaço público, o antigo Rossio e atual Praça da República, em consonância com a reabilitação do próprio Palácio dos Duques de Aveiro, que merece voltar a ganhar o estatuto que outrora perdeu.

Assim, é considerado conveniente proceder a alterações espaciais do que hoje existe e a acrescentos de novos edifícios que possam solidificar a estratégia de reabilitação.

QUESTÕES DE PARTIDA

1. Como podemos devolver a memória do Palácio dos Duques de Aveiro através da sua reabilitação e da requalificação da sua envolvente urbana?
2. De que forma podemos trabalhar o espaço público de modo a garantir uma maior vivência do mesmo e, por consequente, uma maior valorização do edifício que nele se insere?
3. De que modo será possível garantir os antigos valores do Palácio dos Duques de Aveiro, no contexto da atualidade e da existência arquitetónica que hoje o envolve?

HIPÓTESES

1. Através da requalificação da envolvente urbana do Palácio, será feita uma revitalização do espaço público, garantido um melhor e maior usufruto da Praça da República, o que trará uma maior vida ao local. Assim, com o desenho adequado do espaço, tendo como matriz o Palácio, será possível devolver o valor de importância ao mesmo, cativando os habitantes a deslumbrarem e quererem visitar o edifício novamente. Por sua vez, as funções que o mesmo albergará deverão ser dignas e instigadoras da memória ali presente, uma memória que passará a ser valorizada e possivelmente, nunca mais esquecida.
2. O espaço público deverá ser trabalhado de forma cuidada, procedendo a uma divisão do mesmo, sendo que hoje em dia a sua área é demasiado vasta para garantir a sua identidade. Assim sendo, visa-se um desenho de várias “pequenas” praças que terão

identidades próprias e possibilidade de oferecer tipos de uso diferentes, o que tornará o espaço muito mais atraente e definido. Neste espaço público dever-se-ão concentrar atividades como o comércio e a restauração, garantindo um maior fluxo de pessoas no local e, como tal uma maior dinâmica e, até mesmo economia, que poderá ser uma vantagem para a revalorização do Palácio.

3. Terá de se tentar manter e restabelecer os valores antigos do Palácio, adaptando-os aos dias de hoje, em que, possivelmente já não fará sentido usá-lo como habitação da nobreza, mas sim como parte da comunidade, servindo de marco histórico e cultural, mas passando sempre uma atmosfera austera e nobre, mantendo as suas fachadas imponentes e todas as características arquitetónicas que o compõem, deixando à vista toda a sua história, de forma disponível para o habitante, numa componente museológica, e com isso garantir a passagem das suas memórias e, consequentemente, o seu grande valor. É necessária uma consciencialização de como o "antigo" e o "novo" podem coincidir e valorizarem-se um ao outro, ao invés de se anularem. A escolha de uma função adequada será a chave que irá solucionar problema, sendo que a mesma deverá ser atual e providenciar um maior fluxo, uso e garantia económica do local.

METODOLOGIA

Numa primeira abordagem, deverão ser estudados os vários edifícios abandonados em Portugal, de forma a compreender a razão da sua existência e as eventuais soluções a tomar para a contrariar. Assim, o trabalho dividir-se-á em duas grandes componentes teóricas: a contextualização genérica, onde se estudará o tema do *abandono* e do *turismo*, sendo o último uma consequência que poderá ser solução para o primeiro. Nestas componentes serão estudados livros, artigos e documentos que possam fundamentar o desenvolvimento escrito do presente trabalho. Uma segunda componente será a contextualização específica, que incidirá no próprio local escolhido, onde se aplicarão as técnicas de recolha de dados, não só a observação direta – *in situ*, como também a análise de documentos úteis à compreensão da história e da memória do local, tais como monografias do local, cartas antigas, mapas, fotografias, entrevistas e relatos de pessoas locais.

Ao estudar as duas primeiras componentes do trabalho, o resultado será aplicado ao caso em estudo, numa terceira componente mais prática, em que através do projeto de intervenção na área, que deverá basear-se em tudo aquilo que neste trabalho irá ser desenvolvido, se deverá chegar a uma conclusão positiva de aplicação da tese aqui desenvolvida, podendo esta, após ser verificada, ser passível de ser aplicada em outros casos de estudo que se insiram na mesma problemática.

Esta componente prática de projeto deverá dividir-se em duas partes, sendo uma primeira a intervenção urbana, que deverá restabelecer o fluxo natural que a memória do local indica e, como tal, irá devolver a importância ao edifício principal em estudo, e uma segunda, a intervenção arquitetónica, que deverá solucionar, de modo não agressivo a degradação e descontextualização do Palácio dos Duques de Aveiro.

I – CONTEXTUALIZAÇÃO GENÉRICA

1. OBSOLESCÊNCIA ARQUITETÓNICA - O ABANDONADO

“O passado conservado não é só o que existiu há muito tempo; é o conjunto de todos os elementos que são postos de parte porque deixaram de ser operatórios na sociedade presente. Da mesma maneira, o presente preservado hoje, porque se supõe ser o “passado” de amanhã, é composto por elementos que se julga que “vão passar”, ou seja, cessar em breve de ser operatórios”.¹

“Efemeridade, obsolescência – característica das sociedades contemporâneas e seus produtos e, ao mesmo tempo, realidade em que elas se instalam e a que estão particularmente atentas, procurando reagir de diversas formas (práticas de conservação/restauro, e, em geral, toda a patrimonialização). A efemeridade do presente e o individualismo têm o seu contraponto na conservação coletiva, que acentua compensatoriamente os valores da duração e do passado. O património surge como uma forma de tornar vivível, aceitável, a aceleração do presente, o sofrimento de uma sociedade em fuga para a frente.”²

Passamos apressados pelas ruas, aldeias e cidades espalhadas pelo país, sem se quer parar para ouvir o que aquilo que nos rodeia tem para dizer; há, de facto, casas à nossa volta que gritam, e é com inquietação que, alguns de nós, passam mais devagar, observando as fachadas já cinzentas, o reboco e a tinta que foram escorrendo pelas paredes, os caixilhos cansados que suportam os pedaços de vidro que ainda restam dos vãos que outrora iluminavam grandes salões de festa, quartos de reis e duques portugueses, que na sua época ergueram grandes Solares e Palácios, marcando a história da arquitetura e também de Portugal, que hoje sem qualquer pudor para quem passa, descansam;

¹ Guillaume, Marc. A Política do Património, 1980. p.89 - Retirado de

² Definições por Marc Guillaume.” Catela, Fernando. Reabilitação e Alteração de uso do Palácio Mantero, Cascais. 2016, Dissertação no departamento de Arquitetura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

perdendo a cada dia a vida e a imponência que os caracterizavam; hoje são velhinhos sem-abrigo, perdidos, com os seus farrapos e sapatos esfolados, cara suja e cabelo desarranjado. Alguns exibem-se estrondosamente, porque a destruição e o caos por vezes também são arquitetura, também nos fazem sentir, porque de alguma maneira se assemelham a uma das personagens que guardamos dentro de nós, e são glorificados pelo seu estado de degradação, tornam-se arquitetura de ruína, e há quem aproveite essa beleza de abandono para que nada seja feito de forma a salvar estas obras.

1.1 - MAS, POR QUE É QUE ESTES EDIFÍCIOS EXISTEM?

"(...) existe uma terceira hipótese – a do o mesmo ponto se encontrar não parado, não estático, mas em movimento e, nesse caso, aos três valores ou dimensões (x, y, z) que o definem haverá que acrescentar uma quarta dimensão t (tempo)(...)"³

Diferentes graus de abandono e de conservação (ou não conservação), seja pela mais inevitável das razões, o tempo, e não só o seu sentido literal, a passagem do tempo e a sua ação na decadência e no envelhecimento de tudo aquilo que existe, incluindo os edifícios; como também a sua mudança, a mudança dos tempos, que acabam por desencadear esta destruição, começando pela destruição das funções. A obsolescência funcional é um dos maiores motivos para a existência deste problema, a mudança dos valores, da sociedade e dos seus modos de vida, faz com que seja forçosa a mudança no tipo de espaços, no tipo de edifícios. É claro para todos que as funções de um grande Palácio não se adequam ao tipo de vivências que hoje temos, não só pela adição de novos espaços como as instalações sanitárias, como pela adição de comodidades como a eletricidade e a internet, mas também porque simplesmente ninguém se identifica com uma vida solitária num grande Palácio, rodeado de criados e com grandes salões que servem apenas nas ocasiões mais remotas.

³ Távora, Fernando. *Da organização do espaço*, Porto: FAUP Publicações, 2008 (1a ed. 1962), p.11.

A criação de espaço, a arquitetura, é dependente de vários fatores: a época, o local, a cultura, a envolvente. Sabemos que, de continente para continente, de país para país, todos os espaços são usados de maneira diferenciada; não só os públicos, pela diferença de vivências que cada local pode ter, como os privados, até aos locais de residência, que refletem a mais íntima das utilizações. E no mesmo local, essas vivências também sofrem metamorfoses, seja por razões políticas, ambientais, culturais, tecnológicas.

Se não só a forma como se usam os espaços, mesmo no contexto doméstico, muda de década para década; com o aparecimento da rádio, da televisão, da internet, da mudança nos hábitos e passatempos dos cidadãos ao longo da linha do tempo; então podemos imaginar como de século para século, um edifício pode tornar-se completamente descabido. É essa perda de razão de ser que força o abandono destes locais, deixando-os “à espera” que alguém se lembre de como se pode reutilizar, como se pode devolver vida. Na maioria dos casos, esta “espera” é longa, e é ela que leva à decadência, à ruína, e muitas vezes à extinção.

Ora, se ao fazer arquitetura de raiz, é obrigação do arquiteto o estudo do local, do solo, do clima, da sociedade e da cultura, de todos os fatores que podem ou não influenciar o tipo de espaços a criar, o seu tamanho, a sua luminosidade, o seu destaque, a sua cor, a sua textura, a sua vida; então na arquitetura de reabilitação, restauro e revitalização, é também obrigatória a procura destes fatores que em tudo influenciarão, não uma construção de raiz, mas uma arquitetura de raiz, no sentido em que se recria um ambiente, uma essência, um espaço novo dentro dos limites físicos do antigo.

Então, é necessário compreender o “porquê” deste abandono, a forma que o abandono tem, o que era outrora este abandono, que formas existem de o ressuscitar, que potencialidades existem para o local.

É importante salientar a importância da descoberta da essência do local, o que o local nos diz, a sua memória, a sua alma, a sua identidade, o seu sentido arquitetónico. Esta essência não se deverá perder, mesmo que os limites físicos sejam violados, mesmo que o aspeto seja mudado. Esta essência deve transparecer no ambiente, na luz, no toque, nas materialidades, nos diferentes planos e, adaptada à sua nova utilização, deve ser exaltada e exibida como “cartão de apresentação” do exemplar.

1.2 - EXEMPLOS DE LUGARES ABANDONADOS

“90 ou mais destes palácios estão protegidos oficialmente, não por classificações individuais, mas porque se situam em zonas de proteção de outros bens classificados. Há situações caricatas de palácios que estão protegidos por quatro zonas de proteção... e estão em ruína.”⁴

Palácio da Comenda, Arrábida

No coração da Serra da Arrábida, aos pés do rio Sado, encontra-se um excecional exemplo de intervenção arquitetónica em pré-existências por Raul Lino⁵, o Palácio da Comenda, atualmente ao abandono e em já avançado estado de degradação. É possível entrar no terreno e percorrer as salas ainda seguras do Palácio, e é por isso que, a cada dia que passa, se torna menos rico, seja por vandalização ou até por roubo de azulejaria, por exemplo.



Ilustração 1 Palácio da Comenda – Antes



Ilustração 2 Palácio da Comenda – Antes

⁴ Ferrera, Paulo. 13 de Maio de 2016. *Viagem aos Palácios Abandonados*. (Expresso. Soares, Manuela Goucha)

⁵ Macedo, Isabel Maria Duarte Espada Pratas Sousa. 24 de Março de 2016. *A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a residência de veraneio*.



Ilustração 3 Palácio da Comenda – Depois



Ilustração 4 Palácio da Comenda



Ilustração 5 Palácio da Comenda

Estalagem do Gado Bravo, Vila Franca de Xira

Localiza-se na “Reta do Cabo”, entre Vila Franca de Xira e Porto Alto, e foi inaugurada em 1952.⁶ Já foi, outrora, um local muito procurado, especialmente por lavradores, ganadeiros e toureiros, tendo recebido muitas celebridades e vivido anos áureos até ficar ao abandono, a partir dos anos setenta/oitenta. Hoje não passa de um edifício esquecido à beira da estrada e, como os outros, tem sofrido bastante de abandono e vandalismo.



Ilustração 6 Estalagem do Gado Bravo – Antes



Ilustração 7 Cartaz alusivo



Ilustração 8 Estalagem do Gado Bravo



Ilustração 9 Estalagem do Gado Bravo – Depois



Ilustração 10 Estalagem do Gado Bravo

⁶ Restos de Coleção, 2016. Disponível em <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>.

1.3 - QUE FORMAS EXISTEM PARA CONTORNAR O ABANDONADO E DEGRADADO A NÍVEL ARQUITETÓNICO?

“Um edifício como este tem imenso para nos ensinar e o meu principio aqui é, antes de começar a falar, “estar caladinho e ouvir”, isto é como sentar à mesa com uma senhora de idade com um olhar perspicaz. Primeiro, ouvimos o que a senhora tem para nos dizer, não abrimos boca. E depois... vamos fazendo algumas perguntas. (...) O edifício tem um problema, como todas as joias. (...) O problema do investimento e dos custos, mas obviamente como a senhora de idade também precisa de cuidados paliativos, e quando são pessoas famílias a que nós estamos ligados afetivamente ninguém olha a custos. O que eu acho é que neste tipo de recuperação temos que ter essa vontade, temos de ter uma vontade para além dos números, temos de ter uma vontade emocional. E, portanto, o edifício fala e nós temos que ouvir os edifícios, e eles andam a gritar (...) estão à espera de nós.”⁷

1.3.1. Restaurar o Antigo

A primeira e mais óbvia intervenção possível será, claro está, o restauro do edificado principal. O reparo das patologias existentes, o reforço estrutural do sistema construtivo, o embelezamento e restituição dos componentes e materialidades antigas, sendo passível de ser aplicado de diversas formas, com resultados obviamente diferentes; mas sempre com o intuito de restituir o próprio edificado e torná-lo tão viável como era no passado, quer a nível físico e funcional, como a nível visual.

⁷ Favila, João. 13 de Maio de 2016. *Viagem aos Palácios Abandonados*. (Expresso. Soares, Manuela Goucha)

1.3.2. Manter a ruína

Uma outra abordagem será assumir a ruína, se assim o for, e manter os traços que a definem – ausência de telhados e caixilhos, pedra por tratar e limpar, pavimento em terra – e assim, enaltecer a arquitetura de ruína. Por esta arquitetura quer-se dizer o ambiente formado pelo abandono do edificado, ao invés do ambiente que existia aquando da utilização do mesmo; quando se sente que esse ambiente será mais importante e, por isso, deve ser privilegiado no novo projeto. A verdade é que, com a quantidade de edifícios abandonados que existem, estes locais quase que se tornam exponencialmente mágicos e charmosos com o passar do tempo, e desse modo ainda mais atrativos por isso, do que pela história do que outrora foram. E com a criação desta atmosfera, introduzir um novo uso que possa coexistir com ela, criando uma imagem assumida de “velho”, contrária à imagem de “antigo”, geralmente imponente, grandiosa e limpa.

Este método está presente, por exemplo, na Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa pousada, pelos arquitetos Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira, em que se utiliza o caixilho embutido em parede, para simular a falta de janelas; a cobertura plana, para simular a falta de telhado quando visto ao nível dos olhos; e o pavimento cru, em terra e areia, simulando a falta de ajardinamento e, como tal, a presença de abandono.



Ilustração 11 Convento de Santa Maria do Bouro



Ilustração 12 Convento de Santa Maria do Bouro



Ilustração 13 Convento de Santa Maria do Bouro



Ilustração 14 Convento de Santa Maria do Bouro

*"A reabilitação significa a restituição da estima pública. Sendo o seu objetivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e a coletividade."*⁸

1.3.3. Construir novo

Por outro lado, existem outras formas de intervir no edificado abandonado. Ora, para além da escolha entre as duas primeiras hipóteses aqui propostas, poderá ser feita a adição de um novo edificado; novo edificado este que possa albergar todas as funções que não deverão ser atribuídas ao corpo antigo, ora por obrigarem à descaracterização do mesmo, ora por não fazerem sentido à sua imagem. É certo que edifícios anteriores à canalização e à eletricidade, por exemplo, terão de ser minimamente descaracterizados para que se possam adicionar estas comodidades em grande escala, para um edifício público, por exemplo. Por outro lado, é muito comum a projeção de alojamento e funções de hotelaria que, se não for devidamente cuidada, poderá também descaracterizar a arquitetura; visto que obrigam a espaços mais contidos e repetitivos, que não são compatíveis com os grandes salões normalmente presentes em edifícios como estes.

Assim, uma opção verosímil será a construção de um novo corpo de apoio ao antigo, que em nada se deverá sobrepor – pelo contrário, deverá encaixar-se sóbria e subtilmente na envolvente antiga

⁸ Soutinho, Alcino. *2º Encontro dos Programas e Reabilitação Urbana*, 1998:48.

– e que poderá criar um contraste saudável entre o moderno e o clássico. Este novo corpo pode, até, ser utilizado, a nível de volumetria e materialidades, para intensificar o sentido do primeiro, desenhar os novos limites, compor a antiga volumetria e privilegiar a sua autenticidade.

Esta opção é válida, tanto para a construção de um corpo inteiro anexo, como para a construção de pequenos apontamentos que possam ser introduzidos no próprio corpo antigo, se assim permitirem o aparecimento de funções arriscadas no mesmo.

Exemplos deste tipo de procedimentos são a Pousada da Cidadela de Cascais, pelos arquitetos Gonçalo Byrne, João Góis e David Sinclair; o Hotel Paço de Vitorino, em Ponte de Lima, pelo atelier PROD arquitetura&design e a Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, pelo arquiteto Fernando Távora.



Ilustração 15 Pousada da Cidadela de Cascais



Ilustração 16 Pousada da Cidadela de Cascais



Ilustração 17 Hotel Paço de Vitorino



Ilustração 18 Hotel Paço de Vitorino



Ilustração 19 Pousada de Santa Marinha da Costa



Ilustração 20 Pousada de Santa Marinha da Costa

1.4 - QUE NOVOS USOS PODEM POTENCIALIZAR?

Aquando de uma reabilitação num edificado deste tipo, que hoje terá perdido a sua razão de ser, o desafio será encontrar funções que o possam potencializar e valorizar. Ora, sendo que a função privada de habitação perde o seu sentido, terá sentido o desenho de um projeto de carácter público e que valorize a comunidade e a região que envolve este edificado?

Primeiramente, para garantir sustentabilidade, para que se possa manter a si próprio, deverá ser introduzida uma função no edificado que promova a economia do terreno e, também, da região. Uma função que possa envolver a participação dos locais e mesmo dos visitantes, para promover a importância do que está a ser restaurado. Por outro lado, esta função deve ser flexível no seu desenho, ou seja, existir e surgir de modo a que posteriormente, se assim for necessário, possa existir uma mutação para uma outra função que possa ter mais sentido. Pois, se foi verificado que, ao longo do tempo, e com a mudança das vivências e usos por parte da sociedade, as funções ganham e perdem sentido, e para que não se perca novamente a alma dos edifícios, deverá ser instalada uma estrutura que se possa rapidamente modificar e reutilizar de novos e diferentes modos.

Posto isto, parece sequencial o aparecimento do turismo; turismo que, hoje em dia, está em tão grande crescimento, especialmente em Portugal, e que valoriza e potencializa todo o território em que se insere; serve de motor para a reabilitação e revitalização, sendo que impulsiona o fluxo e a economia no local.

2 - O TURISMO

Segundo a Organização Mundial de Turismo e a Organização das Nações Unidas, turismo define-se como *“As atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”*.

Turismo, pode então chamar-se a qualquer tipo de deslocação para fora do local onde se reside, incluindo todas as atividades realizadas durante essa deslocação.

Este setor terá evoluído muito ao longo dos séculos, tendo tendência a complicar-se e desenvolver-se cada vez mais, tornando os turistas cada vez mais exigentes e originais nas suas escolhas, procurando não só o “descanso”, mas, sobretudo, uma “experiência” nova.

Nos dias de hoje, o turismo de repouso, durante o qual o indivíduo se desloca para destinos variados, por entre eles, o mais comum - o destino balnear - procurando o maior número de comodidades e o menor número de esforços, deixa de ser tão procurado e é cada vez mais substituído por um turismo de experiência, durante o qual se escolhe sair da sua zona de conforto, do seu habitat, à procura de uma nova cultura, onde se possa integrar de forma real, conhecer exatamente aquilo que se pratica no seu destino e querer fazer parte dessa realidade. Cada vez mais se procura um turismo de risco, não comodista, um turismo enriquecedor e que proporcione uma “aventura” que identifique exatamente aquilo que define este mesmo lugar.

Este turismo de experiência é, então, identitário, um turismo que não só dá a conhecer o local, como também o valoriza, o enaltece e o caracteriza, sendo que será diferente de país para país, de cidade para cidade, de cultura para cultura e, fará parte do mesmo, maioritariamente, a prática de atividades locais e a experiência gastronómica.

2.1 - O TURISMO EM PORTUGAL

Atualmente, o turismo é um dos setores mais importantes em Portugal, sendo dos mais relevantes a nível económico, e tendo vindo a desenvolver-se e intensificar-se cada vez mais, após ter sofrido um grande aumento que, em 2017, foi reconhecido, com o alcance de seis prémios de grande prestígio para o setor; entre eles o de “Melhor Destino do Mundo” nos World Travel Awards como país, o de “Melhor Destino para City Brake” na cidade de Lisboa e “Melhor Destino Insular”, na ilha da Madeira. Portugal é conhecido principalmente por ser um destino seguro e calmo, onde a qualidade de vida é recomendável, não só pela pouca poluição e grande presença de natureza, como pelos baixos custos de vida; é, também, um destino com muita história e onde se podem visitar muitos monumentos de grande interesse turístico e, como tal, atrativos.

Um dos vários tipos de turismo em Portugal, será o religioso, sendo que o país está entre os mais procurados no mundo pela existência do Santuário de Nossa Senhora de Fátima; o turismo de sol e praia, não só pelo equilibrado clima como pela existência da vasta costa marítima portuguesa; o turismo residencial, cada vez mais procurado através da compra de uma segunda ou terceira residência em Portugal para uma estadia esporádica; o turismo de desporto, durante o qual o turista se desloca para realizar algum tipo de desporto nesse mesmo local, sendo que um dos mais procurados em Portugal será o surf; o turismo de negócios, com o objetivo de participar em algum tipo de atividade relacionada com o trabalho (conferências, por exemplo); o turismo de saúde, que compreende as deslocações por ordem de procura de bem-estar; o turismo de aventura, durante o qual se procura atividades radicais e de grande esforço; e, por fim, o turismo rural e ecoturismo, muito presente e com grande potencial em Portugal devido ao vasto número de localidades rurais, geralmente já desertificadas, mas muitas em desenvolvimento graças a este crescimento do setor.

A verdade, é que, felizmente, cada vez mais as cidades interiores, as localidades mais rústicas, se tornam mais apelativas e voltam a ser lembradas, depois de tanto tempo esquecidas, depois do grande êxodo rural. É crescente o número de pontos turísticos longe das grandes cidades e que atraem e oferecem diferentes tipos de experiência daqueles a que estávamos acostumados.

2.2 - O TURISMO VITIVINÍCOLA

*"E começou Noé a cultivar a terra e plantou uma vinha."*⁹

A produção vinícola remonta há já muitos séculos, tendo sido possível que surgisse de um acaso, pela fermentação de um conjunto de uvas esquecidas, mas foi só mais tarde, após a sedentarização dos nómadas, que se passou a produzir vinho através da plantação de vinhas, havendo várias teorias sobre o primeiro país produtor¹⁰.

Em Portugal, sabe-se que a cultura do vinho é já bastante antiga, sendo que a primeira referência à sua produção é relativa ao Douro e é de 989, no livro de *Datas do Convento de Fiães*, o que significa que o vinho em Portugal vem até antes da conceção da nação portuguesa. Produzia-se, inicialmente, para consumo cultural à refeição, e sempre foi um símbolo da cultura do povo, não só sendo espalhada pelo mundo através do Império Português, como através da exportação do vinho¹¹.

Esta cultura teve um aumento exponencial como forma de comércio após 27 de Dezembro de 1703, quando é assinado pelo embaixador britânico John Methuen, por parte da Rainha Ana da Grã-Bretanha, e D. Manuel Teles da Silva, marquês de Alegrete; o Tratado de Methuen, também conhecido como Tratado dos Panos e Vinhos, no qual se estabelecia um compromisso de consumo de têxteis britânicos, que se trocariam por vinhos Portugueses, começando pelos Vinhos do Porto. Como consequência, e porque o Vinho do Porto já era tão relevante na cultura e economia portuguesa, em 1756 o Alto Douro foi distinguido como região demarcada¹², tendo sido a primeira no mundo.

"I. Sua Majestade ElRey de Portugal promete tanto em Seu proprio Nome, como no de Seus Sucessores, de admitir para sempre daqui em diante no Reyno de Portugal os Panos de lã, e mais fábricas de lanificio de Inglaterra, como era costume até o tempo que forão prohibidos pelas Leys, não obstante qualquer condição em contrário.

⁹ Bíblia, Gênesis, capítulo 9, versículo 20.

¹⁰ Em https://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_vinho.

¹¹ Barreto, António. (Novembro de 2018). Douro – Rio, Gente e Vinho. Relógio D'água, Lisboa.

¹² Barreto, António. (Novembro de 2018). Douro – Rio, Gente e Vinho. Relógio D'água, Lisboa. Pág. 131.

II. He estipulado que Sua Sagrada e Real Magestade Britanica, em seu proprio Nome e no de Seus Sucessores será obrigada para sempre daqui em diante, de admitir na Grã Bretanha os Vinhos do produto de Portugal, de sorte que em tempo algum (haja Paz ou Guerra entre os Reinos de Inglaterra e de França), não se poderá exigir de Direitos de Alfândega nestes Vinhos, ou debaixo de qualquer outro título, directa ou indirectamente, ou sejam transportados para Inglaterra em Pipas, Toneis ou qualquer outra vasilha que seja mais o que se costuma pedir para igual quantidade, ou de medida de Vinho de França, diminuindo ou abatendo uma terça parte do Direito do costume. Porem, se em qualquer tempo esta dedução, ou abatimento de direitos, que será feito, como acima he declarado, for por algum modo infringido e prejudicado, Sua Sagrada Magestade Portuguesa poderá, justa e legitimamente, proibir os Panos de lã e todas as demais fabricas de lanifícios de Inglaterra.

III. Os Exmos. Senhores Plenipotenciários prometem, e tomão sobre si, que seus Amos acima mencionados ratificarão este Tratado, e que dentro do termo de dois meses se passarão as Ratificações."¹³

A produção vinícola teve, não só, um papel de elevada importância na cultura, como na economia dos países produtores, sendo cada vez mais vista como um setor de elevada procura e diversidade. A economia do vinho está a tornar-se extremamente mais relevante para os países onde esta se insere, e com essa relevância, consequentemente, vem a abertura para uma nova visão sobre esta produção e os seus locais, não só as regiões, como a própria construção – a arquitetura do vinho.

É verdade que os edificadoss onde a produção do vinho se inseria sempre foram obras de grande valor arquitetónico, sendo que estariam sempre incluídas em casas de grandes senhores, palácios e conventos. Ainda assim, com a intensificação e industrialização desta produção, os edificadoss novos perderam o interesse arquitetónico, passando a ser vistos como edifícios industriais que apenas teriam de servir a produção.

Não obstante, nos dias de hoje, esta nova aceitação e visão sobre o mundo dos vinhos, tem vindo a resultar numa enorme investigação na área da arquitetura vitivinícola e, hoje, já existem grandes obras contemporâneas, com um enorme interesse arquitetónico, não só pelo seu desenho, como pelo desempenho técnico do edificado. Obras estas que, se assumem agora como edifícios de

¹³ Transcrição do Tratado de Methuen, retirado de (https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Methuen).

interesse público e turístico, e que não se limitam a servir somente a produção dos vinhos; atraindo não só quem os aprecia, mas também quem procura um programa turístico ou arquitetónico.

Podemos até dizer, que este crescimento tem sido tão relevante, que existe já um novo setor turístico – o turismo vinícola – durante o qual os turistas se deslocam para regiões produtoras de vinho, tendo como único objetivo o percurso por várias caves, conhecimento de diferentes formas de cultivo e produção e, obviamente, a degustação de vários tipos de vinho. Sendo que a presença arquitetónica se torna, hoje, tão relevante no meio, quase que podemos concluir que este turismo vinícola se pode aliar a um turismo arquitetónico, ou seja, não só se procura a produção dos vinhos e a sua degustação, como também a experiência arquitetónica que os envolve.

2.2.1 - COMO A PRODUÇÃO DO VINHO INFLUENCIA A ARQUITETURA

Ao observar, visitar e inclusivamente trabalhar em enoturismo, torna-se claro que os aspetos sobre o tipo de usos e o tipo de espaços que o meio implica são totalmente diferentes do que qualquer outro tipo de edificado. Trata-se de uma produção, que não só implica a existência de grandes áreas, como de espaços que possam conter o produto no seu processo de fabricação de forma estável e equilibrada. Para entendermos o tipo de salas que se devem projetar, devemos perceber o tipo de processos pelos quais o vinho passa.

Ora, veja-se desde a plantação da vinha e a colheita da sua matéria prima – as uvas, que serão transportadas para locais adequados, onde existe uma primeira triagem e avaliação e, posteriormente, dá-se o processo de fabrico. Este processo começa com a fermentação da uva, que deve ser realizada em cubas de fermentação, em espaços amplos, mas sem necessidade de controlo climatérico, visto que o equipamento se encarrega dessa questão; o mesmo acontece com a prensa e a maceração pelicular. Sendo que o projeto final de mestrado em curso se reflete na construção de um edificado que engloba apenas os processos seguintes aos referidos – o estágio e envelhecimento em barrica e garrafa – é nesses processos que se deverá focar esta análise; e sendo que o mesmo se insere numa localidade pertencente à Península de Setúbal, conhecida pelo fabrico de vinhos tintos e brancos, mas maioritariamente pela produção de Moscatel, será conveniente analisar as diferenças entre ambas as produções.

É, então, de referir que o estágio de um vinho branco ou tinto nada tem que ver com o envelhecimento de um Moscatel e que, por isso, deverão existir condições ambientais diferentes para cada um destes processos. O Moscatel é um vinho fortificado que passa por um processo inicial bastante diferente dos restantes vinhos, pois a sua fermentação é interrompida com a adição de uma aguardente vínica, fazendo com que os seus açúcares se concentrem na sua forma original e aumentando o seu teor alcoólico; podendo surgir como conclusão, que o Moscatel é um vinho rico em teor de açúcar e álcool e, como tal, é um vinho muito mais resistente que os restantes, conferindo-lhe uma adaptação às mudanças de temperatura que não só dificulta a sua oxidação, como providencia um melhor envelhecimento do mesmo. Para além dos aspetos referidos, é de notar que o equipamento utilizado em estágio de vinho de mesa é, também, muito diferente do usado em

envelhecimento de vinho generoso; sendo que as barricas do vinho branco/tinto são geralmente barricas novas, ou pelo menos, jovens e as barricas de vinho generoso são já usadas e, muitas vezes, já bastante envelhecidas, o que lhes confere uma estabilidade muito superior. A madeira nova é uma madeira que se encontra ainda em fase instável, o que resulta na sua contração e dilatação constantes, o que por sua vez resulta em evaporação elevada do volume de vinho que está no seu interior.

Assim sendo, geralmente estes processos encontram-se em locais enterrados – caves – e que, com a ajuda do solo, encontram-se mais isolados, frescos e húmidos. Ainda assim, o controlo de uma sala de estágio de vinho de mesa deve ser rigoroso, sendo que a sua temperatura deverá rondar os 14°C e os 22°C, de forma a não danificar o vinho e a própria madeira; a humidade os 70%-80%, não só para favorecer o estado de conservação da madeira, como também para evitar uma maior evaporação do próprio vinho; e as luzes deverão ser reduzidas também para favorecer estas condições. Estes locais deverão ser amplos e permitir a passagem entre cada corredor de barrica, não só de pessoas, como também de pequenas maquinarias de revisão, colheita, análise, trasfega de vinho e transporte de barricas, que deverão estar empilhadas em não mais do que duas linhas, para facilitar o manuseamento e manutenção regulares deste vinho mais frágil.



Ilustração 21 Barricas de Estágio de Vinhos Tintos, Bacalhã Vinhos de Portugal



Ilustração 22 Barricas de Estágio de Vinhos Tintos, Bacalhã Vinhos de Portugal

Assim como o estágio de vinhos de mesa em barrica, este também se pode dar em ânforas/talhas de barro, este processo é mais antigo e já menos utilizado, embora hoje em dia esteja a ser cada vez mais trazido para o mercado, como forma de regresso às origens e aos processos mais tradicionais. É um processo que resulta num vinho mais frágil e menos duradouro, mas com sabores totalmente diferentes e pode ser realizado em condições semelhantes às do estágio em madeira.



Ilustração 23 Herdade do Esporão, Adega



Ilustração 24 Adega José de Sousa, Alentejo

Analisando o processo de envelhecimento de Moscatel, conclui-se que este encontra-se em barricas mais estáveis, podendo localizar-se em salas de menor controlo e mais elevada temperatura e, sendo que não necessita de uma manutenção tão regular, pode envelhecer em barricas empilhadas em mais que duas linhas, o que permite uma utilização do espaço em altura, e assim, não é necessária uma área tão vasta.



Ilustração 25 Barricas de Envelhecimento de Moscatel, Bacalhôa Vinhos de Portugal



Ilustração 26 Barricas de Envelhecimento de Moscatel, Bacalhôa Vinhos de Portugal

A nível de estágio em garrafa, este deve ser feito em condições de temperatura baixa e humidade elevada, e pode dar-se em altura, em suportes adequados onde as garrafas deverão estar posicionadas na horizontal.

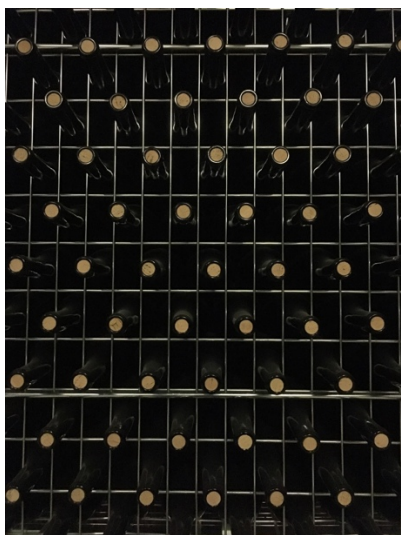


Ilustração 27 Herdade do Esporão,
Estágio em Garrafa



Ilustração 28 Herdade do Esporão,
Estágio em Garrafa

*"O derradeiro significado de qualquer edifício está para lá da arquitetura; direciona a nossa consciência de volta para o mundo e em direção ao nosso sentido de ser e estar. A arquitetura significativa faz-nos experienciar como um todo e faz de nós seres espirituais. Na verdade, esta é a grande função de toda a arte com um sentido."*¹⁴

Mas fazer arquitetura não passa apenas por desenhar, construir ou projetar de forma funcional e regrada, mas por criar e providenciar espaços nos quais o utilizador se sentirá bem e com os quais se possa relacionar e identificar, de forma a criar nele uma vontade de permanecer ou regressar, como se, de certa forma, aquele fosse um lugar desejável e seguro. Posto isto, as condições de temperatura e humidade não deverão ser as únicas a ser analisadas e tomadas em consideração. Esse aspeto da

¹⁴ PALLASMAA, Juhani. *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*, Chichester: John Wiley & Sons, 2005, p. 19.

arquitetura é, então, uma criação de uma atmosfera para determinado local, e a atmosfera é algo que varia sob influência de inúmeros fatores, como Peter Zumthor descreve, sendo esses fatores os ingredientes, as ferramentas para a construção de algo especial. Qualquer objeto que seja arquitetura deverá ser um objeto que, um pouco ao olhar de todos, sem todos saberem bem “porquê”, seja algo que move e comove.

“Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças materiais, texturas e também formas. (...) E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura em que ali estava sentado.”¹⁵

Desta forma, é apropriado ter em conta os vários aspetos que, no seu todo levam à construção daquilo que é arquitetura e ao aparecimento das sensações já referidas: a luz e a sombra, a temperatura e a humidade, a materialidade, a cor, o aroma, o som e o silêncio, a escala e a proporção.¹⁶

“Estou (...) preocupado com a inclinação para privilegiar o sentido da visão, e com a supressão dos restantes sentidos, (...) com a forma como a arquitetura é concebida, ensinada e criticada, e com o consequente desaparecimento de qualidades sensoriais e sensuais da arte e arquitetura.”¹⁷

Assim sendo, quando se fala em arquitetura do vinho, fala-se em espaços que reúnam esses ingredientes e ferramentas, na construção de uma atmosfera vinícola - *mas que tipo de atmosfera é a atmosfera vinícola?*

¹⁵ ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas* (trad. Astrid Grabow), Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009 p. 17.

¹⁶ Bernardo, Bárbara Abreu Ventura. *A Arquitetura dos Sentidos, um projeto de enoturismo no Douro. Um projeto final de mestrado orientado por Professor Doutor José Cabral Dias, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Setembro de 2018.*

¹⁷ PALLASMAA, Juhani, *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*, Chichester: John Wiley & Sons, 2005 p. 10.

Para além da produção de vinho *per si*, a aplicação do turismo temático do vinho – enoturismo – em arquitetura, sugere, também, espaços com atmosferas diferentes, sendo que este implica uma visita guiada e/ou provas de vinhos, que geralmente incluem um percurso parcial pelas salas de produção e estágio, e posterior degustação.

Ora, para a criação de uma atmosfera propícia a uma adequada degustação, devemos entender que a mesma passa, também, por ser uma experiência sensorial, onde a visão, o olfato e o paladar se juntam. Como tal, se for possível adicionar arquitetura a estas sensações, para que não seja só o vinho o alvo destas, mas também o espaço à volta do utilizador e, por vezes, trazendo até outras, como o tato, por exemplo; poder-se-á elevar esta experiência a um novo patamar.

2.2.2 - CASOS DE ESTUDO

Herdade do freixo, Alentejo

Num terreno com cerca de 300ha, por entre subtis colinas tipicamente alentejanas, e nas quais surgem zambujeiros, oliveiras, azinheiras e vinhas, foi possível a realização deste projeto, que esconde um dos maiores exemplares de adegas contemporâneas do país – Herdade do Freixo – perfeitamente fundida na linha orgânica do local e integrada na morfologia do terreno, sem que haja qualquer tipo de falha no equilíbrio do mesmo.



Ilustração 29 Herdade do Freixo, Frederico Valsassina Arq⁰⁵

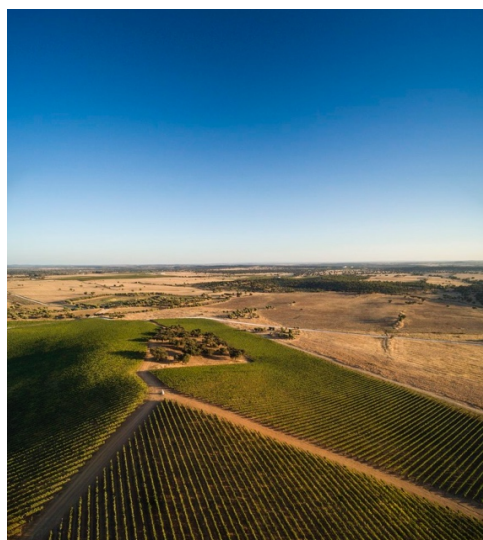


Ilustração 30 Herdade do Freixo, Frederico Valsassina Arq⁰⁵

Um projeto que não se assume visualmente, mas que vai surgindo de forma sequencial, resultando em vistas sobrepostas que deixam na expectativa sobre o que existe na continuidade, convidando o visitante a percorrer o trajeto total, sempre surpreendido com aquilo que lhe é apresentado.

Não só de interesse a nível visual e conceptual, um projeto profundamente técnico, com o qual foi possível a utilização de avançadas práticas de enologia; por se estender a mais de quarenta metros de profundidade, permitiu, não só, a utilização de força gravítica na conceção do processo vinícola, como também facilitou a criação de condições térmicas e húmidas adequadas à conservação dos vinhos.

O edifício apresenta grandes perfurações, que permitem a entrada de luz de forma profunda e a encaminham estrategicamente até às paredes pretendidas, fazendo surgir espaços de grande interesse na relação interior/exterior; perfurações que desencadeiam o aparecimento de átrios monumentais e arquitetonicamente relevantes.

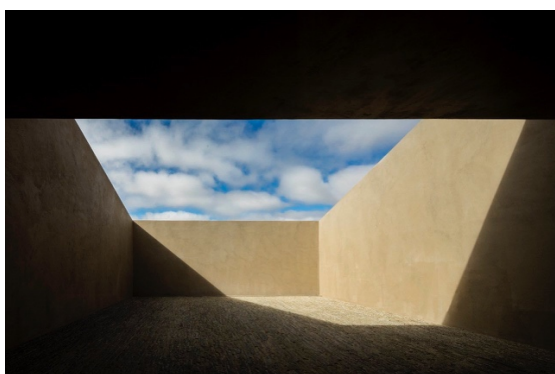


Ilustração 31 Herdade do Freixo



Ilustração 32 Herdade do Freixo

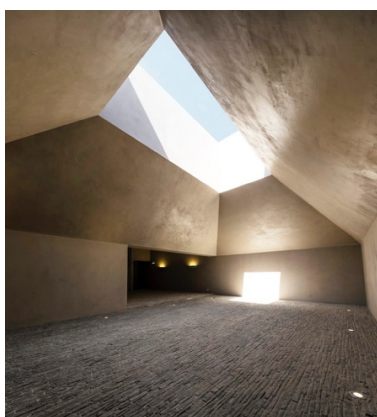


Ilustração 33 Herdade do Freixo



Ilustração 34 Herdade do Freixo

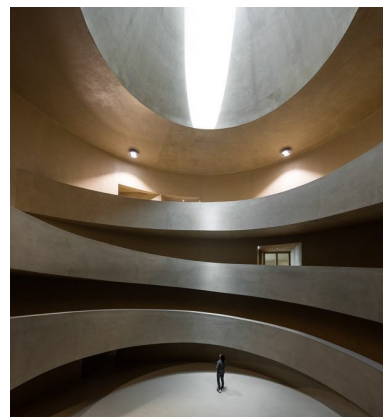


Ilustração 35 Herdade do Freixo

Herdade do Esporão

A Herdade do Esporão situa-se no Alto Alentejo, em Reguengos de Monsaraz, e distingue-se pela produção, não só de vinhos, mas de azeites. Inserida num território de 1863 hectares, apresenta vários blocos construídos que, recentemente, sofreram uma alteração arquitetónica e que surgem com várias funções diferentes: enoturismo e loja, restaurante, adegas de vinho e lagar de azeite.



Ilustração 36 Herdade do Esporão, SKREI

O trabalho desenvolvido pelo atelier SKREI, baseia-se na reutilização dos materiais, sendo alguns destes materiais os utilizados na função do edificado em si, neste caso – a vinificação.

Assim, esta arquitetura minimalista e de traços contemporâneos, reúne vários espaços agradáveis com a utilização de materiais sustentáveis, como por exemplo as aduelas das barricas no teto do restaurante (Ilustração 37), a taipa utilizada no teto da adega (Ilustração 38), que não só se torna sustentável como bastante favorável para o vinho a nível de condições atmosféricas – a temperatura e a humidade.



Ilustração 37 Herdade do Esporão, Entrada de restaurante



Ilustração 38 Herdade do Esporão, adega

Quinta do Vallado



Ilustração 39 Quinta do Vallado, Francisco Vieira de Campos

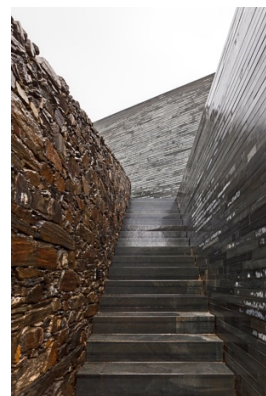


Ilustração 40 Quinta do Vallado

A Quinta do Vallado insere-se em Vilarinho dos Freires, Peso da Régua e, como tal, distingue-se de qualquer outra adega, visto que surge num território bem característico e único como é o território do Douro.

O projeto da adega como é hoje, foi fruto de uma expansão conduzida pelo arquiteto Francisco Vieira de Campos, em 2011, o que implicou, não só o trabalho com grande inclinação e presença de socacos, como com a presença de um edificado pré-existente. Esta expansão surge, então, como uma intervenção muito precisa e simples, que garante um impacto mínimo, tanto na paisagem, como no edificado original. O corpo construído surge por entre o terreno, também ele em socacos, utilizando o xisto, pedra típica da região, como sua materialidade (Ilustração 40) e revelando formas esguias e desencontradas, que acabam por originar pequenos pátios que vão sendo descobertos pelos visitantes (Ilustração 41) e estão diretamente relacionados com a vinha, e em salas de grande interesse arquitetónico pela abertura de vãos estratégicos que permitem uma boa iluminação (Ilustração 42). Já a sua adega de estágio em barrica foi alvo de uma intervenção contemporânea com a utilização de arcos desencontrados, o que confere ao espaço uma profundidade interessante do ponto de vista arquitetónico.



Ilustração 41 Quinta do Vallado



Ilustração 42 Quinta do Vallado



Ilustração 43 Quinta do Vallado

L'and Vineyards



Ilustração 44 L'AND Vineyards, Promontório



Ilustração 45 L'AND Vineyards, Promontório

O l'and Vineyards trata-se de um resort turístico perto de Montemor-o-Novo, que surge inserido num terreno de vinhas, onde o visitante pode ficar alojado, disfrutar do serviço de um restaurante de luxo e, no âmbito vitivinícola, com o apoio de especialistas, plantar, produzir, engarrafar e rotular o seu próprio vinho.

O projeto nasceu em 2011, de um convite por parte da sociedade agrícola alentejana ao atelier Promontório, que aliado ao atelier de arquitetura de interiores Studio MK27 e de paisagismo PROAP, num território com 2964m², ergueu um aldeamento constituído por sete grupos de moradias e terreiros semipúblicos, que se revelam por entre a topografia como se dela fizessem parte, em forma de monte tipicamente alentejano. É um projeto que se insere na paisagem de forma muito delicada a nível de linhas, mas que se apresenta bem contrastante com as suas fachadas de cor branca contra os montes verdejantes e ao lago inserido no local.

O edifício revela formas geométricas articuladas, por entre as quais se abrem pequenos pátios estratégicos, que oferecem espaços agradáveis e privativos e diferentes perspetivas sobre a paisagem envolvente. Para além da paisagem e da privacidade, estas aberturas foram concebidas de forma a trabalhar a luz de forma controlada e que permita uma incidência solar estrategicamente reduzida e, como tal, uma temperatura confortável no verão.



Ilustração 46 L'AND Vineyards, Promontório



Ilustração 47 L'AND Vineyards, Promontório

II - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E SOCIAL DE AZEITÃO

"(...) está situada esta terra nas abas de uma serra a quem os nacionais não dão nome, a qual um vistoso vale lhe embaraça a vizinhança da Serra da Arrábida: pela parte do sul lhe fica a dita serra que lhe embaraça a dilatar as vistas; do Sul para o poente descobre o Castelo de Sesimbra, que dista légua e meia, Nossa Senhora do Cabo, que dista quatro léguas. Pela parte do Nascente descobre-se a Vila de Palmela; e continuando a vista para o Norte se vê a Senhora da Atalaia, no alto de uma campina, de que dista quatro léguas; também se vê a Cidade de Lisboa de que dista três léguas de mar, servindo-se pelo porto de Coina, mais imediato a esta terra, e se vê grande parte do Termo de Lisboa, e a levantada Serra de Sintra que desta terra dista nove léguas e meia..."¹⁸

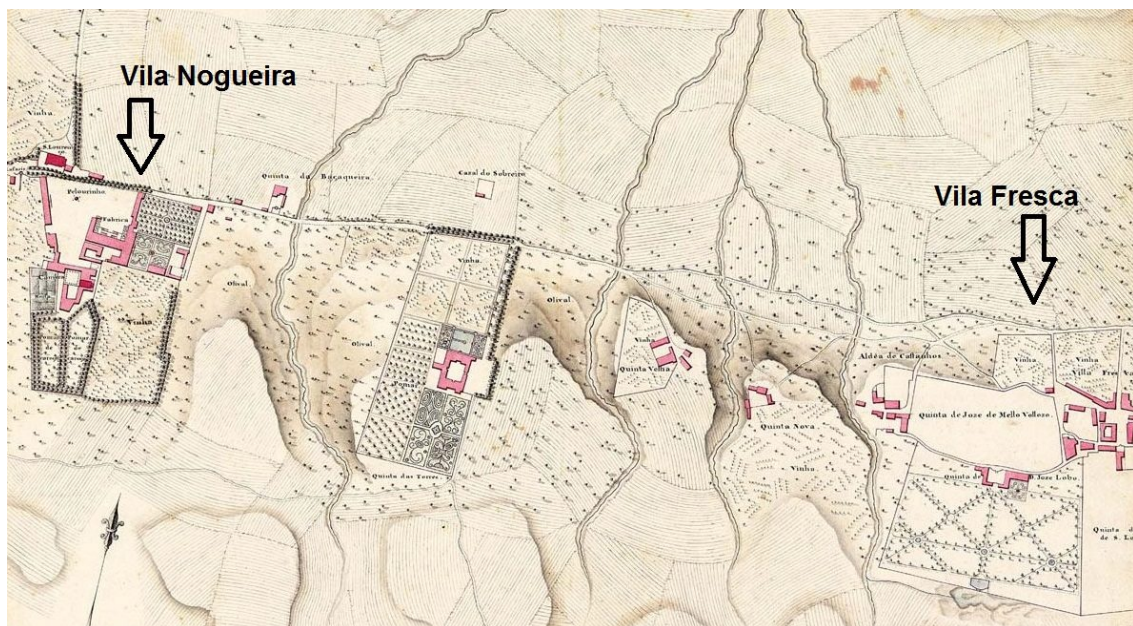


Ilustração 48 Mapa antigo de Azeitão, Época da Fábrica de Chitas

¹⁸ "Távora, Manuel; padre da paróquia. Dicionário Geográfico, Torre do Tombo. 1758." Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

Serra da Arrábida, incluída no Parque Natural da Arrábida, é constituída por terrenos acidentados e fauna e flora vastas, situada na margem norte do estuário do Sado, rodeada de pequenas e escondidas praias banhadas pelo Oceano Atlântico. Muito visitada e procurada por quem por Lisboa e Setúbal passa, é a pérola da região, e há quem a intitule como os “pulmões” da mesma. Uma zona conhecida pelo seu património cultural e natural, pelo excelente clima e terrenos férteis.

Há alguns séculos atrás, a chegada a Azeitão dava-se por via fluvial, com desembarque em Coina a Velha, conhecida, antigamente como *Equabona*¹⁹, dos romanos; das zonas mais antigas na região de Azeitão, e onde existia, para além do porto de chegada, um Castelo. Hoje em dia, tendo o rio recuado, esta localidade tem o nome de “Piedade”, e surgiu um novo ponto de chegada, mais a Norte, em Coina a Nova, ou apenas Coina. Com o aparecimento do automóvel e das estradas nacionais, a chegada a Azeitão passou a dar-se diretamente de Norte para Sul para o centro da Vila, e nesta dava-se a distribuição para Este, para Setúbal e para Oeste, para Sesimbra, como se verifica nas ilustrações abaixo. Assim sendo, Vila Nogueira foi sempre um momento de chegada de quem vinha de Lisboa, uma localidade que encaminhava os visitantes para as restantes e, como tal, com uma grande importância.



Ilustração 49 Estrada Nacional 10, chegada ao Rossio



Ilustração 50 Entrada do Rossio, Rua da República

¹⁹ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994.

Ergue-se uma área de exceção, Azeitão, que:

“pela sua altitude e consequente pressão atmosférica, por se situar ao sul de uma planície florestal, recebendo oxigénio em profusão, transportados pelos ventos do Norte e ainda, pelas suas abundantes nascentes de água, era e é, um sítio ameno, fresco e agradável, propício por isso à implantação humana.”²⁰

Por si só, não é uma localidade, mas sim um conjunto de localidades que no seu nome têm essa mesma palavra; palavra que deriva do nome “*Azzeitum*”, de origem árabe e, assim, se refere ao cultivo das oliveiras, que ainda hoje são parte do património azeitonense, existindo um pequeno campo de oliveiras milenares junto à estrada nacional 10. Mas é também nesta zona de olival que se espalham encostas de vinhas, hoje responsáveis pela tão conhecida produção e principal fonte de atração turística desta área. Ambos se verificam desde os mapas mais antigos (Ilustração 48), e continuam a ser parte do património azeitonense, existindo cada vez mais campos destes cultivos.

Foi aqui que se estenderam várias casas senhoriais da corte portuguesa de entre os séculos XV e XVI. Ainda assim, é já desde o século XIII que grandes senhores se deslocavam para a região, em lazer, para pescar e caçar. Hoje em dia, alguns destes edificadados já só existem na memória, mas outros ainda se revelam por entre antigos portões e extensas vinhas.

Ao longo destes hectares, encontram-se ruínas históricas e algumas quintas que, apesar do avançar dos séculos, se mantiveram de pé, e hoje começam a ser o principal alvo de reabilitação e reutilização para a área do turismo rural e enoturismo, não só pela maior afluência devida às caves de vinhos existentes, mas também devido à tão grande influência que a Serra da Arrábida e as suas praias oferecem, junto a uma cidade já bem desenvolvida e gastronomicamente procurada, a cidade de Setúbal.

Aqui se erguem propriedades como o Convento de Santa Maria da Piedade dos Padres Dominicanos da Ordem São Domingos, o Palácio dos Duques de Aveiro, a Quinta da Má Partilha, a

²⁰ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994.

Quinta das Torres, o Palácio do Salinas, o Palácio do Calhariz, a Quinta da Bacalhôa e, ainda, um vasto número de capelas antigas, de grande interesse azulejar e arquitetónico; património que serve e se serve deste potencial que Azeitão tem vindo a ganhar. É por entre estas jóias arquitetónicas que podemos encontrar um vasto património azulejar de Portugal, e hoje em dia, até um Museu do Azulejo, junto ao Palácio da Bacalhôa.

Da região de Azeitão fazem parte várias localidades: Vila Fresca de Azeitão, Brejos de Azeitão, Vendas de Azeitão, Aldeia de Irmãos, Oleiros, Castanhos, Aldeia Rica, Picheleiros, Casais da Serra, Portinho da Arrábida, Aldeia de Pinheiros, Aldeia da Piedade, Aldeia de São Pedro, Aldeia da Portela, Pinhal de Negreiros, Alto das Necessidades, Vale Florete, Brejos de Camarate, e a mais central e sede de todas, Vila Nogueira de Azeitão.

É em Vila Nogueira de Azeitão que se situa a Junta de Freguesia da União de Freguesias de São Lourenço e São Simão, o Pelourinho, a primeira igreja – Igreja de São Lourenço, e é no Rossio, como era chamado antes da Restauração da Independência, e hoje em dia Praça da República, que se encontra o Palácio dos Duques de Aveiro.

3 - CARACTERÍSTICAS E HERANÇAS DE VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO

3.1 - FAUNA E FLORA

A fauna e flora da região de Azeitão são bastante ricas e diversificadas, sendo esse um dos fatores de atração do local, quer para habitação como para turismo, não só nos dias de hoje, como já há muitos séculos, como já referido anteriormente.

Em termos de fauna, é frequente a presença do coelho bravo, a lebre, o texugo, a raposa, o ginete, o gato-bravo, a doninha, o saca-rabos, o javali, entre outros. Encontra-se ainda, em Palácios como o de Calhariz, a presença de troféus de caça, entre os quais as cabeças de urso e hastes de veado, o que nos indica também a presença destes mamíferos na localidade. Em relação à avifauna, avistam-se regularmente a perdiz vermelha, a gaivota argêntea, o pombo das rochas, o pombo trocáz, o andorinhão, a calhandra, o bufo real, a coruja das torres, o melro azul, a pega azul e a águia de bonelli, entre outros.²¹ É devido a esta abundância que se estabeleceu, já há alguns séculos, a prática da caça, que desencadeou a vinda de Senhores para a região. E é, também, a presença de tão variadas espécies que aumenta a concentração de turismo, principalmente de quem quer conhecer a natureza e quem nela habita.

"(...) O solo da serra compõe-se de rochas calcárias dos períodos secundários e terciário, e o das planícies de camadas arenosas de terreno quaternário... Toda a zona de terreno plano de dois a três quilómetros de largura que corre ao longo dos montes de Azeitão é uma das porções de trato mais produtivo que nesta região se conhece. A camada vegetal é de grés finos, desagregados, predominando a sílica, o feldspatho, o calcáreo, o ferro e a argila. O subsolo tem partes da mesma composição, e outras de argila arenosa..."²²

²¹ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

²² "Ribeiro, Carlos (Engº). Estudos Geológicos. 1882." Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

A flora também é vasta e diversificada devido à grande fertilidade dos solos da Serra da Arrábida, são comuns entre muitos, o medronheiro, a azinheira, o carvalho cerquinho e português, o zambujeiro, a madressilva, a esteva, o rosmaninho, o loendro, o alecrim e a alfazema, e nos terrenos mais baixos e planos, o orégão, a alcachofra e os cardos. Em locais e alturas do ano mais específicas, dá-se também o aparecimento do azevinho, do feto e do agrião.²³

Da vasta flora há dois tipos de arvoredo que se destacam e garantem valor à região: o pinheiro manso e bravo, que serve de sombra para as vivendas e de adorno ecológico para a valorização dos terrenos; e o sobreiro, de herança secular e indígena, que continua a prevalecer na paisagem, muito valorizado a nível económico e biológico, mantendo uma posição de grande importância, providenciando habitats para variada fauna e flora.²⁴

3.2 - GASTRONOMIA REGIONAL - O QUEIJO DE AZEITÃO

Uma das principais produções da região de Azeitão é o queijo de ovelha, que citado pela Bíblia, por Homero e Aristóteles, reza a lenda terá sido criado por Aristeu, rei da Arcádia, filho de Apolo e Cirene e que terá aprendido a confecioná-lo com as suas amas.²⁵

Lendas à parte, a fama deste queijo é mais recente, e diz-se que:

*“Por volta de 1830, um homem de nome Gaspar Henrique de Paiva, natural de Monsanto, na Beira Baixa, vem para Azeitão para se dedicar à agricultura, mandando buscar um rebanho de ovelhas leiteiras, de lã preta, da raça «Bordaleira Cumum», que demonstraram adaptar-se bem ao clima e aos pastos locais, ao ponto de haver até há pouco tempo rebanhos afamados ...”*²⁶

Este homem era visitado todos os anos por um queijeiro de Castelo Branco, que viria para lhe fabricar os queijos “tipo da Serra”, e que terá ensinado a um dos pastores de Azeitão a confeção deste

²³ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.

²⁴ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.

²⁵ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

²⁶ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

queijo amanteigado, que foi sendo transmitida com os anos, por entre queijeiros-artesãos, acabando por se tornar famoso o Queijo de Ovelha de Azeitão. Apesar de um declínio na existência de rebanhos de ovelhas para a produção deste queijo, actualmente a produção está em grande desenvolvimento, sendo um dos maiores responsáveis o Eng^o António Francisco de Avillez, também incluindo na produção dos vinhos da região.²⁷



Ilustração 51 Recolha do leite de Ovelha



Ilustração 52 Fabrico do Queijo de Azeitão

3.3 - GASTRONOMIA REGIONAL - AS DOÇARIAS

A origem da maior parte das doçarias de Azeitão remonta ao final do século XIX e início do século XX, com ligação ao senhor Manuel Rodrigues, mais conhecido como "o Cego", que não só deu origem à receita das Tortas de Azeitão, como também na sua família se começou a produzir os famosos "esses", biscoitos em forma de rosca. Estes doces passaram a ser vendidos numa pastelaria cujo nome coincide com a alcunha de Manuel; a mais antiga de Azeitão, aberta desde 1901, até aos dias de hoje.²⁸

Estes doces passaram a fazer parte do roteiro turístico da Península de Setúbal e atualmente representam uma das facetas da região de Azeitão, sendo até aconselhadas simultaneamente ao roteiro dos Vinhos.

²⁷ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1995.

²⁸ Morais, Filomena. "Torta de Azeitão: história e receita." Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/artigo/torta-de-azeitao/>.



Ilustração 53 "Esses" de Azeitão, "O Cego"



Ilustração 54 Pastelaria, O Cego



Ilustração 55 Logótipo, "O Cego"



Ilustração 56 Tortas de Azeitão

3.4 - AGRICULTURA

*"(...) A principal cultura desta região é a vinha, (vitis vinífera), seguindo-se-lhe a da oliveira (olea europaea), que deu nome a esta povoação. Os extensos olivais que já existiam no tempo da dominação árabe, fizeram com que os mouros lhes dessem o nome de Azzeitun que em árabe significa olivedo (olival). Encontram-se aqui, oliveiras de troncos colossais que atestam imensa antiguidade, sobretudo no morgado instituído por Pedro Coelho, (Quinta Nova e Quinta Velha), pertencente à Casa Palmela (isto em 1880). Nesse sítio, à beira da estrada distrital, (Atualmente E. N. 10) existe um tronco que mede 8 metros de circunferência próximo à base..."*²⁹

²⁹ "Ribeiro, Carlos. Engº. Sobre a situação agrícola de Azeitão, no último quartel do século XIX." Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

*"... a cultura dos cereais: trigo (triticus durum) , cevada (hordeum vulgare ou hordeum distica), milho (zea mays) é pouco importante , porque todos os esforços convergem para a vinha. Quando o oidium tuckeri grassou com mais violência e antes de se descobrir a eficácia do enxofre, este concelho empobreceu; depois reanimou-se um pouco e oxalá nunca seja invadido pelo mais terrível inimigo da vinha, o Filoxera Vastratrix... Os vinhos de Azeitão são bastante finos. A sua força alcoólica é de 12 a 14 graus, e a percentagem de seus mostos de 18 a 20. Produzem estes, excelentes vinhos de pasto. Fazem-se também ótimos moscatéis que figuram no mercado com o nome de «Moscatel de Setúbal» ... "*³⁰

3.4.5 - PRODUÇÃO DO VINHO

E claro, por último, mais importante e evidente de todas as referências, a produção que mais se destaca pela sua dimensão e importância por entre as produções de Portugal no geral, é produção de vinhas e de vinho. A região de origem de controlada da Península de Setúbal é uma das grandes regiões vinícolas de Portugal, por entre as regiões do Douro, Dão, Lisboa e Alentejo, e é sobejamente conhecida, não só pela produção de vinhos brancos e tintos, mas principalmente pela produção do famoso Moscatel de Setúbal, e Moscatel Roxo, que para além de típico da região, é também uma casta exclusiva da região, sendo que só existe em 40 hectares no mundo inteiro, todos eles na Península de Setúbal, e em mais nenhuma parte do mundo.³¹

³⁰ "Ribeiro, Carlos. Engº. Sobre a situação agrícola de Azeitão, no último quartel do século XIX." Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

³¹ Informações obtidas em ações de formação com especialistas na área do vinho e da vinha, no âmbito de trabalho como guia de enoturismo na Bacalhã Vinhos de Portugal, SA.

"Dom Dinis pella graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve a vos concelho dessetúbal saud. sabede que dom Diego munis mestre da cavalaria da ordem de santiago me disse que vos posestes notta postura que o vinho de sesimbra e dazeitom que o no t.vuessem a vender hy assetuval senom aquelles que o hy t.vuessem p mar E que disto vos dey minha carta...

*...Tenho por bem qu a dita postura que posestes sobre esto que nom valha se ao Mestre no puger. E que os de sesimbra e dazeitom tragam hy a vender seus vinhos ..."*³² (Primeira menção de Azeitão)

A produção de vinho nesta região já se sabe existir há vários séculos, mas é a 5 de Agosto de 1775 que surge um fator intensificador desta produção – a implantação da primeira manufatura de Chitas em Portugal, a Real Fábrica de Tecidos e Estamparia. Ergueu-se exatamente no Palácio dos Duques de Aveiro, por José Magalhães, que seria um grande e rico comerciante de vinhos em Londres e que, por isso, sabia bem como iniciar o negócio, sendo que os ingleses já há bastante tempo fabricavam tecidos com sucesso.³³ E esta produção era sustentada através da importação desses mesmos tecidos, de Inglaterra, que já se realizava em vários pontos do país, através da sua negociação em troca de produtos portugueses. (pág. 13-14). Com o aparecimento da Real Fábrica, e sendo esta uma consumidora de tecidos, foi natural o aparecimento de produções vinícolas na região de Azeitão, para sustento desta comercialização com Inglaterra. Assim se intensificou e aperfeiçoou os vinhos da zona, até à qualidade e fama que hoje em dia detêm.

³² *Livro dos Copos, ordem de Santiago. 1310, folhas 65. (Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.)*

³³ *Pedreira, Jorge Miguel. Indústria e negócio: a estamparia da região de Lisboa, 1780-1880. Análise Social, vol. XXVI (112-113), 1991 (3.º-4.º), 537-559.*

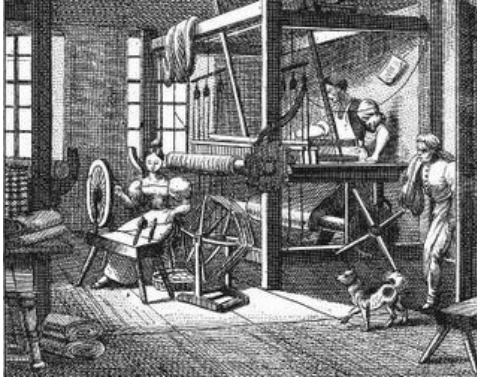


Ilustração 57 Ilustração da Fábrica de Chitas



Ilustração 58 Porção de Documento oficial da Fábrica de Fiação e Tecidos



Ilustração 59 Armazéns do Moscatel



Ilustração 60 Tanoeiros de Azeitão

3.4.6 - PRESENÇA DA PRODUÇÃO VINÍCOLA EM AZEITÃO

José Maria da Fonseca

Esta empresa é das mais antigas presentes na região de Azeitão, tendo sido criada em 1834 e produzido o primeiro vinho *Periquita* em 1850. Com 650 hectares de vinha é uma das líderes na produção de vinho de mesa e generoso; e, para além de estar presente na localidade através destas produções, encontra-se instalada junto ao centro de Vila Nogueira de Azeitão, com setor de enoturismo e casa-museu presente num edifício do século dezanove, restaurada em 1923 e que serviu até meados do século vinte como residência particular de uma das gerações dos donos.³⁴ Este edificado é uma das fachadas procuradas pelos visitantes de Vila Nogueira (Ilustração 61), bem como o interior do seu lote, onde se encontram os jardins (Ilustração 62).



Ilustração 61 José Maria da Fonseca



Ilustração 62 José Maria da Fonseca



Ilustração 63 Loja dos Vinhos, JMF



Ilustração 64 José Maria da Fonseca

³⁴ <https://www.jmf.pt>.

Bacalhôa Vinhos de Portugal



Ilustração 65 Bacalhôa Vinhos de Portugal, Sede

Uma das maiores produtoras de região situa-se, também, em Vila Nogueira – Bacalhôa Vinhos de Portugal – fundada em 1922, sob o nome de João Pires e Filhos, que se iniciou com a produção de venda de uva a granel. Mais tarde, nos anos 60, com a passagem da empresa para a família Avellez e mudança de nome para JP Vinhos, dá-se a primeira produção de vinho, em 1978 e, no ano seguinte, em parceria com o Palácio da Bacalhôa, surge o famoso Quinta da Bacalhôa, hoje em dia uma das maiores imagens da empresa e também de vinhos portugueses. A empresa passa a sua base para o antigo edifício da Readers Digest situado na propriedade da Quinta da Bassaqueira, onde hoje se encontra o enoturismo e a adega. Ainda assim, faz parte do roteiro e da produção de vinhos, o Palácio e Quinta da Bacalhôa, situados em Vila Fresca de Azeitão, que contam com uma casa senhorial datada de 1480 rodeada de vinhas, jardim de buxo e uma casa do lago revestida a azulejos originais do século dezasseis.³⁵

³⁵ Informações obtidas em ações de formação com especialistas na área do vinho e da vinha, no âmbito de trabalho como guia de enoturismo na Bacalhôa Vinhos de Portugal, SA.



Ilustração 66 Cubas de Inox, Bacalhã Vinhos de Portugal



Ilustração 67 Cubas de inox, Bacalhã Vinhos de Portugal



Ilustração 68 Casa do Lago, Palácio da Bacalhã



Ilustração 69 Casa do Lago



Ilustração 70 Palácio da Bacalhã



Ilustração 71 Palácio da Bacalhã, Fonte



Ilustração 72 Palácio da Bacalhã, vista da Casa das Pombas

3.5 - PATRIMÓNIO

3.5.1 - IGREJA DE VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO

Por Azeitão ser uma terra povoada de “muitas campanhas boas³⁶” e, sendo Sesimbra a cabeça do concelho, detendo o poder e a justiça, a relação entre as duas povoações era bastante conflituosa. O povo de Azeitão aproveitou-se do seu crescimento e interesse, conseguindo a sua independência económica e administrativa em relação a Sesimbra, com o auxílio de dois acontecimentos: a visita do Bispo de Lisboa, Dom Vasco Martins, a 19 de Julho de 1344 à Aldeia da Nogueira, e à aquisição de uma quinta local pela família real.³⁷ Até então, Sesimbra era o local para onde o povo de Azeitão teria de se deslocar para realizar qualquer cerimónia religiosa ou fúnebre, o que mudou pouco tempo mais tarde.

O povo de Azeitão queixou-se de não ter qualquer tipo de lugar de culto, onde se pudesse recolher e praticar a sua religião; o bispo, achando uma queixa justa, resolveu dar a sua autorização para a construção de uma igreja e, tendo em conta a importância económica que se ganhava na região, foi mandada construir a igreja, sendo um ato fundamental para que Azeitão ganhasse maior relevância. Mais tarde, com a criação da Quinta da Nogueira, pela vinda de Dona Constança Manuel para a região, mulher de Rei D. Pedro I, o termo de Azeitão terá evoluindo em termos administrativos.³⁸



Ilustração 73 Igreja de São Lourenço

³⁶ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994. Pág. 40.

³⁷ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994. Pág. 33.

³⁸ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994.

3.5.2 - PELOURINHO DE VILA NOGUEIRA E CHAFARIZ DOS PASMADOS



Ilustração 74 Pelourinho



Ilustração 75 Fonte dos Pasmados

O Pelourinho de Vila Nogueira de Azeitão, sabe-se ter estado implantado primeiramente em Vila Fresca, como marco de autonomia municipal e poder autárquico que outrora teve. Mais tarde, a 1 de Outubro de 1786, foi transferida para Vila Nogueira a sede da Primeira Câmara Municipal, consequentemente transferindo-se o Pelourinho para o Rossio, hoje Praça da República.³⁹

"(...) A Aldeia Fresca elevada à categoria de Vila, com a denominação de Vila Fresca, passou a ser Sede do novo Concelho, não obstante Aldeia Nogueira ser a povoação mais importante das que constituem o Limite de Azeitão. Este facto deveu-se, muito provavelmente, ao ódio que Dom José I e o seu Primeiro-Ministro tinham por tudo que recordasse os Aveiros e à influência dos Guedes de Murça, administradores nessa época, do morgado da Bacalhoa".⁴⁰

³⁹ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.

⁴⁰ "D. José I, Alvará e sua Chancelaria, 13 de Novembro de 1759" Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.

*"A Sede da Câmara foi transferida mais tarde para Aldeia Nogueira que - que passou a chamar-se Vila Nogueira - por Alvará de Dona Maria I, datado de 1785. A Rainha pôs em destaque, nesse documento a importância daquela Aldeia por «se achar nela a praça onde se faziam os leilões, a Santa Casa da Misericórdia e o Hospital, um Convento de religiosos dominicanos, e a Real Fábrica das Chitas e Tecidos de Azeitão» e determinou que «para ela se transporte o Pelourinho que se havia estabelecido em Vila Fresca».*⁴¹

Há quem diga que a transferência do pelourinho foi obra do povo de Vila Nogueira que o "roubou" para si.⁴²

*"De vez em quando levantam-se velhas polémicas sobre o pelourinho, e vem sempre à baila o dito de que foram os de Vila Nogueira que o "roubaram"."*⁴³

Quanto ao Chafariz dos Pasmados, parte das várias fontes de Azeitão, diz a tradição que deve o seu nome ao espanto e admiração que causava a quem com ele se deparava. Foi mandado construir por Agostinho Machado Faria, em 1787, e fez parte do desenvolvimento da região nos finais do século XVIII, sendo um elemento decorativo de grande monumentalidade, principalmente pelos seus elementos decorativos em mármore e pelo escudo real de D. Maria I. Até aos dias de hoje, é um local de interesse da vila e embeleza a fachada principal da companhia José Maria da Fonseca, a poucos passos da sua casa-museu.⁴⁴

⁴¹ "Pimentel, J. Cortês. Alvará da Chancelaria de Dona Maria I, de 1 de Outubro de 1786" Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994.

⁴² Desembargo do Paço, Corte e Estremadura. Torre do Tombo. Maço 1381, no 4. (Documento em Anexo).

⁴³ "Azeitão, a Nossa Terra – Paróquias São Simão e São Lourenço" Oliveira, Joaquim. Monografia de São Simão, 1995.

⁴⁴ Oliveira, Joaquim. Fontes de Azeitão. Obtido em http://www.azeitao.net/Fontes/fonte_pasmados.html.

3.5.3. - CONVENTO DE SANTA MARIA DA PIEDADE DOS PADRES DA ORDEM DOMINICANA DE SÃO DOMINGOS

Foi fundado a 1435, por iniciativa do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, contando com o apoio do Frei João de Santo Estêvão que, para além de dominicano, era confessor da rainha e doou uma quinta em Azeitão ao prior do convento de São Domingos de Benfica, Frei Mendo, para que contruísse um convento de frades masculino, que seguisse a reforma conventual ("da Observância") e tivesse a invocação de Santa Maria da Piedade.⁴⁵

Foi, então, contruído perto da Igreja de São Lourenço, e dele faziam parte grandes terrenos, tão grandes que foi possível para os religiosos a cedência de parcelas importantes, como foi a parcela que originou a construção da Quinta dos Duques de Aveiro.

A 30 de Maio de 1834⁴⁶, foram extinguidos todos os edifícios de ordem religiosa masculina, incluindo o Convento, que passou a ser propriedade do Estado, e onde foi contruída uma moradia e, nos terrenos à volta, um centro hípico.



Ilustração 76 Convento de São Domingos



Ilustração 77 Convento de São Domingos

⁴⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Azeitão. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4380651>.

⁴⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Azeitão. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4380651>.

4 - O ANTIGO ROSSIO – PRAÇA DA REPÚBLICA

4.1 A PROBLEMÁTICA



Ilustração 78 Rossio, Palácio dos Duques de Aveiro e Pelourinho

Este conjunto de edifícios encontra-se ligado entre si através de uma área comum, o antigo Rossio, que tal como já referido, é hoje conhecido por Praça da República de Vila Nogueira de Azeitão.

O local surgiu da apropriação dos terrenos em volta⁴⁷ pelo património acima descrito e, inicialmente, seria um espaço que enalteceria e evidenciaria estes edifícios que, por si só, representavam a grandiosidade da Vila, até mesmo porque este património, e em especial o Palácio dos Duques de Aveiro, era o mais visível elemento quando se dava a chegada a Azeitão (Ilustração 79).



Ilustração 79 Chegada a Vila Nogueira de Azeitão

⁴⁷ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Lourenço*, 1994.

Sendo sempre o cartão de receção e visita da Vila, e como o próprio nome indica, tinha como função reunir a comunidade e o comércio da região numa praça pública, que servia, também, de ponto de encontro dos locais. Era no Rossio que se dava o famoso mercado do gado, mercado que reunia toda a população que rodeava a Vila, enchendo por completo a área de Rossio e Rua da República (Ilustrações 80, 81 e 82). Ainda hoje o mercado existe, ligeiramente alterado e praticando-se em forma de venda de velharias, todos os meses.



Ilustração 80 O mercado do Gado, Rossio

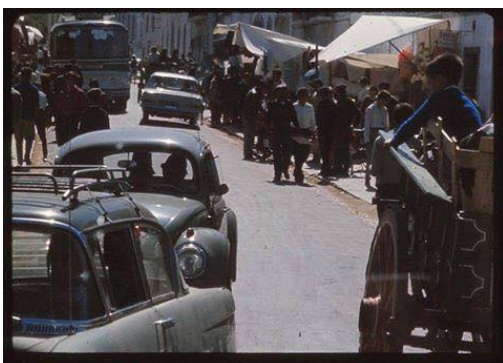


Ilustração 81 Mercado do Gado



Ilustração 82 Mercado do Gado

Foi, também, desde há muito tempo até aos dias de hoje, um meio de contacto com a religião e as festividades que dela derivam, sendo o local onde se festejava a homenagem a Nossa Senhora da Arrábida, Nossa Senhora da Saúde e a Procissão do Senhor dos Passos, até aos dias de hoje, somando a festividades atuais como as "Tradições, Sabores e Aromas de Azeitão".⁴⁸



Ilustração 83 Círio da Nossa Sra. da Arrábida



Ilustração 84 Arraial da Nossa Sra. da Arrábida



Ilustração 85 Nossa Senhora da Arrábida



Ilustração 86 Procissão do Senhor dos Passos



Ilustração 87 Procissão



Ilustração 88 Festas em Azeitão, atualmente

⁴⁸ <https://www.jfregazeitao.com/tradicoes/>.

Ao contrário do que estava previsto, com o passar dos anos o Rossio tornou-se um local desconstruído, tendo-se desenvolvido sem consideração à hierarquia e contextualização do património arquitetónico que o rodeia, sendo o mais evidente o Palácio dos Duques de Aveiro, e hoje acaba por providenciar um espaço sem qualquer vida ou sentido, que acabou por ir crescendo e evoluindo sem controlo nem preocupação a nível de desenvolvimento turístico e cultural, naturalmente merecido pela importância histórica presente no local. Apesar de ainda ser o local de celebração das festividades, e o mercado mensal ainda existir, o restante comércio tem vindo a desaparecer, restando apenas alguns cafés e um restaurante, o que contribui para a falta de fluxo da vila. O Palácio dos Duques de Aveiro, suposto ponto de partida e edifício-chave para o crescimento do Rossio, não foi tomado como tal e acabou por ser afastado para um canto do mesmo, perdendo toda a sua axialidade e imponência, o que deixou a praça sem qualquer tipo memória relativa ao mesmo. Aliado a isto, o edificado está ao abandono há muitos anos, tendo ficado num estado deteriorado e visualmente degradado, o que acabou por lhe retirar a vivacidade e altivez que lhe é merecida. Assim sendo, ao entrar no Rossio, é muito difícil identificar a sua presença, bem como a do Convento de Santa Maria da Piedade, que mesmo após a sua reabilitação, por se encontrar no topo desta praça, sem que alguma evidência lhe seja conferida, acaba por passar despercebido.

É, como tal, um local que inquieta do ponto de vista arquitetónico e, pelos cidadãos, é apenas um local onde os mesmos não desejam ficar, mas sim passar.



Ilustração 89 Declive da Praça da República

A forma como a Praça foi concebida é um dos fatores que leva à descaracterização do local, e reflete-se em várias problemáticas. A primeira e mais evidente de todas é a topografia do local, que é desapropriada para a natural ocupação por parte dos cidadãos, sendo que a praça sobe cerca de treze metros de cota, desde a entrada até à planta de implantação do Convento. Esta forte inclinação não permite uma leitura orgânica do local, muito menos se existirem componentes que cortem o ângulo visual sobre o local, como o Pelourinho ou até mesmo os elementos arbóreos. Uma outra problemática reflete-se na escala do local, uma praça de tamanho demasiado avantajado, que ao invés de lhe conferir grandiosidade, faz com que seja apenas um grande espaço vazio, onde ao longo dos anos se foi colocando elementos que o preenchessem, infelizmente fazendo com que não haja um uso natural da área e o utilizador se perca. Por último, o tipo de funções que este espaço desempenha, que acabaram por ir desaparecendo com o tempo e a deslocação dos habitantes para a cidade, não existindo comércio à excepção de um mercado mensal de velharias e de alguns cafés espalhados em volta. Todos estes fatores fazem com que não haja um fluxo suficiente na Praça, e o que existe é apenas passageiro.

O desafio deve passar por trabalhar todo o espaço público, o antigo Rossio e atual Praça da República, em consonância com a reabilitação do próprio Palácio dos Duques de Aveiro, que merece voltar a ganhar o estatuto que outrora perdeu, devendo proceder-se à atribuição de uma função adequada para o edificado e construção de novos edificados de apoio que possam respeitar e evidenciar os eixos antigos de valorização deste património arquitetónico.

5 - O PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO

5.1 - PERCURSO HISTÓRICO



Ilustração 90 Antigo Palácio dos Duques de Aveiro e Rossio

O Palácio encontra-se em terrenos que outrora pertenciam ao Convento de Santa Maria da Piedade dos padres de ordem Dominicana⁴⁹, junto ao mesmo. O seu fundador foi o Mestre da Ordem de Santiago e Duque de Coimbra, D. Jorge de Lencastre, filho de D. João II; que viria, tal como os seus sucessores, ser devoto ao Convento e terá pedido para que lhe cedessem terras para a construção de casas, jardins, hortas e pomares. Tal aconteceu, e os Padres cederam também as suas águas. Foi assim criada a Casa de Aveiro em Azeitão, quase tão importante e rica como a de Bragança.⁵⁰

Nos primeiros tempos de vida, o Palácio serviu de residência quase permanente de todos os Duques e, até, de quem fez parte da Coroa, como Filipe II, em 1619. Para além de residência, foi também berço de muitos Lencastres, tendo a Duquesa Juliana tido ali 14 filhos, batizados na igreja de São Lourenço.⁵¹

⁴⁹ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 89.

⁵⁰ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 89-90.

⁵¹ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

Também a Justiça fez parte do percurso desta casa, tendo sido instalada a Ouvidoria, a 8 de Agosto de 1650, que tinha jurisdição desde Samora Correia a Castro Verde, de Sesimbra a Ferreira do Alentejo, de Setúbal a Sines.⁵²

Em 1759, a casa dos Aveiros é extinta, bem como o seu título, devido à execução da família, que foi considerada culpada pelo Tribunal de Inconfidência pela tentativa de homicídio de rei D. José I, na noite de 3 de Setembro de 1758.⁵³ Na sequência do sucedido, foram confiscados todos os bens da família e todos os brasões picados e residências demolidas, tendo o Palácio da família em Belém desaparecido para sempre. Quanto à propriedade em Azeitão, foi saqueada e deixada ao abandono.⁵⁴

No século seguinte, o Palácio passou por um período negro, e nele estiveram, sob custódia, os padres Jesuítas da Companhia de Jesus, sendo que foram considerados cúmplices no atentado ao Rei.⁵⁵

Em 1773, fundou-se no Palácio a primeira fábrica de Chitas do país, consequência de um projeto de restauração e desenvolvimento industrial promovido pelo Marquês de Pombal.⁵⁶

Posteriormente, no reinado de Dom João VI, instalou-se uma segunda fábrica, de estampados em algodão, que concluiu atividade em 1846, devido ao abandono dos funcionários para participação na guerra civil.⁵⁷

Foi, ainda, propriedade do estado, em 1873, quando já era conhecido como o “Palácio da Fábrica”, perdendo qualquer imponência e glória que lhe pudesse restar.⁵⁸

Por último, foi vendida a público, para particular, tendo sido, ainda, parcialmente usado como cinema, teatro, Casa do Povo de Azeitão e, até mesmo, Instituto do Vinho e da Vinha.⁵⁹

⁵² Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

⁵³ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 39. Pág. 90

⁵⁴ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

⁵⁵ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

⁵⁶ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

⁵⁷ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91.

⁵⁸ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91-92.

⁵⁹ Oliveira, Joaquim. *Monografia de São Simão*, 1994. Pág. 91-92.

Hoje em dia, continua em posse particular, tendo sido dividido em três alas diferentes, por três usuários diferentes, e por esse motivo, apresenta três evidentes estados de conservação entre a ala esquerda, central e direita. Foi vendido mais recentemente, no ano de 2019, novamente a particular, para um alegado projeto de um hotel de luxo.

5.2 - DESCRIÇÃO ARQUITETÓNICA DO PALÁCIO E QUINTA DOS DUQUES DE AVEIRO

*"(...) nelle está estampada a Renascença classica, pura nas suas linhas - a janella com cornija e frontão com busto no tympano, a mezzanina, pequenos claros, portico emmoldurado em columnas doricas com entablamento da mesma ordem, cunhaes rústicos..."*⁶⁰

Tal como José Cortez Pimentel descreve no seu livro *"Arrábida: História de uma Região Priviligiada"*, não há certezas sobre a data em que surgiu a Casa dos Aveiro por falta de documentação, pensa-se que se trata de uma construção renascentista clássica que terá começado em 1521/1522. Apesar da informação em falta, é possível proceder a uma análise do desenho do edificado e concluir que inicialmente terá sido construída apenas a sua planta retangular central, e que esta foi projetada seguindo regras visivelmente serlianas de proporção a partir do quadrado, o que se pode comprovar quando procedemos à análise e comparação das suas plantas e alçados às regras do *Tratado de Arquitetura*, por Sebastiano Serlio (edição Franceschini)⁶¹, livro usado com muita frequência na aula do paço para a conceção de casas ducais e senhoriais. À semelhança de outros edificados da mesma época, terá sido alterado várias vezes ao longo dos séculos, tendo-se-lhe acrescentado dois corpos laterais, alterando a sua planta para um formato em U, e mais tarde ainda, em H, com a adição de outros dois braços, um deles devastado pelo terramoto de Lisboa de 1755. Também a sua posição relativa ao terreno, de alguma acentuação, segue os princípios apontados por Serlio nas suas propostas de resolução de declive e uso de águas, como se verifica nas ilustrações indicadas.

⁶⁰ Rasteiro, Joaquim. 1898 – Ver anexos II e III.

⁶¹ Serlio, Sebastiano. *Tratado de Arquitetura*. Veneza, 1600.

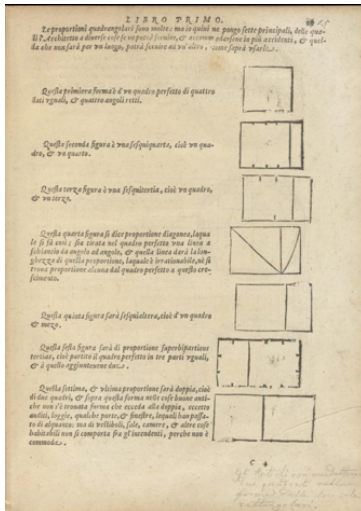


Ilustração 91 Regra de Serlio, proporção a partir do quadrado



Ilustração 92 Regra de Serlio para a concepção de vãos

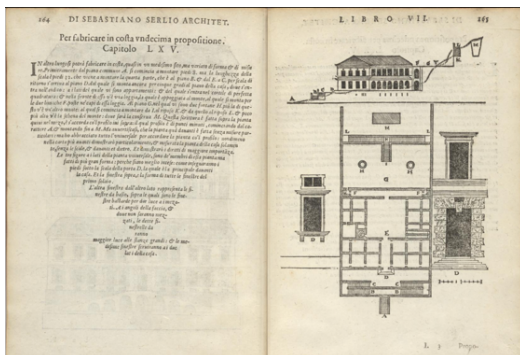


Ilustração 93 Perfil de demonstração para a resolução de grande declive

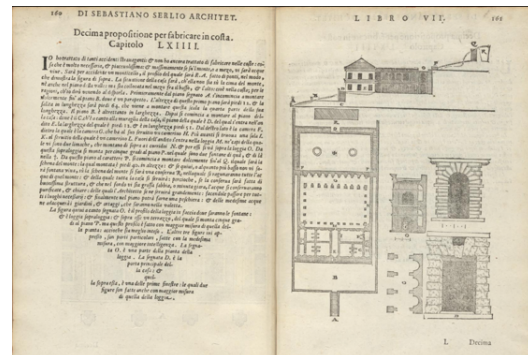


Ilustração 94 Perfil de demonstração para a resolução de grande declive

Relativamente à espacialidade da Casa atualmente, à sua entrada, encontra-se um pátio de honra, delimitado por um muro baixo com duas pilastras em pedra e gradeamento. De frente está o seu corpo central, mais alto, e de cerca de trinta metros de comprimento, onde se encontra a entrada principal, servida por uma longa e imponente escadaria em pedra, de dupla rampa e que foi, outrora, embelezada por dez estátuas de mármore. Apresenta, ao redor do pátio de chegada, um terraço ajardinado que serve a entrada principal. A sala de chegada, também conhecida como Sala dos Tedescos, encaminha, através de duas escadas de um só lance, para a dependência do andar superior, de 25 metros de comprimento por 10 metros de largura, onde o teto é de madeira e as paredes são azulejadas até meia altura.

O corpo central e a ala direita apresentavam, também, outras salas como a Sala de Receção do Duque, a Sala de Jantar e as dependências destinadas a jogos; na ala direita é onde se encontra, ainda, uma das mais belas divisões do Palácio, uma extensa varanda sobre o antigo jardim formal, com teto em madeira, suportado por dez colunas e paredes revestidas parcialmente a azulejo, ladeada por dois pavilhões que comunicam com o jardim através de escadas. Junto a esta varanda, existe uma grande Sala de Baile; e por baixo das duas, encontra-se a Sala da Neve, uma Casa de Fresco cujo teto é suportado por *"delgadas colunas cilíndricas de mármore"*⁶² e onde existia uma pequena cascata revestida a embrechados de pedrinhas, conchas e louça de cor. Era a partir desta sala, que se poderia fazer a saída direta para o antigo jardim de buxo.

Por outro lado, na ala esquerda do edificado, encontravam-se os aposentos dos donos, virados a poente; e no seu extremo sul, um corpo de dimensões mais baixas, que contrastava com o estilo do Palácio, pelo qual o Duque possuía uma passagem para a tribuna sobre a porta principal da igreja do Convento, usada quando queriam assistir aos ofícios divinos. Era por baixo desta passagem que se encontrava uma extensa cave, que servia de adega. Este foi o corpo derrubado pelo terramoto de 1755.

Nas traseiras, situavam-se as dependências dos criados, as cozinhas e um pátio, onde existia um oratório. As cocheiras, amplas e com grandes portas, estendiam-se desde nascente, até à entrada principal.

Pertencia ao Palácio uma grande quinta com quatro grandes e compridas ruas, pelas quais se estendiam *"árvores silvestres, agradáveis bosques, boas vinhas, e pomares de todo o género de frutas, entre as quais os conhecidos abrunhos do Duque."*⁶³ Para além do jardim formal, o exterior era composto por um aviário ("Casa dos Passarinhos"), lagos e fontes, que hoje em dia se encontram cimentadas.

A Casa dos Aveiros deteve já uma vasta coleção de azulejos de grande valor, que foram com o tempo saqueados ou até mesmo vendidos pelos donos, estando alguns em Sesimbra ou em Santana, na posse de particulares. Restam hoje em dia muito poucos exemplares, como os policromáticos azuis e brancos na loggia virada a nascente e as "Quatro estações" do séc. XVI, que estavam na parede exterior, virada ao pomar e estão hoje nas paredes da ala ocidental.

⁶² Pimentel, José Cortez. (1992) *Arrábida – História de uma Região Privilegiada*. Edições Inapa: Lisboa. Pág. 38.

⁶³ Pimentel, José Cortez. (1992) *Arrábida – História de uma Região Privilegiada*. Edições Inapa: Lisboa. Pág. 38.

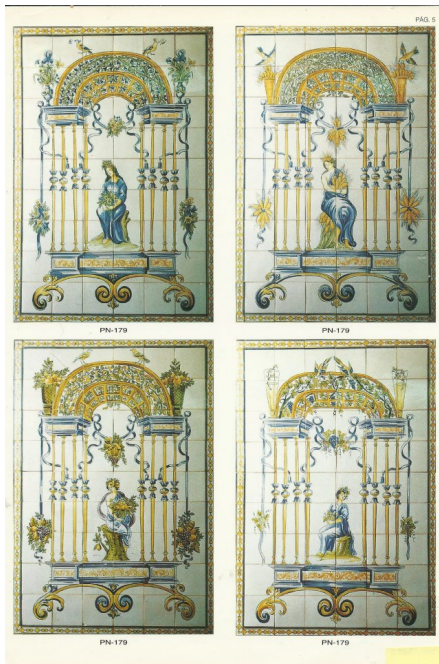


Ilustração 95 Azulejo "As Quatro Estações"



Ilustração 96 Azulejo Exterior



Ilustração 97 Azulejo da varanda principal



Ilustração 98 Azulejo da varanda principal

6 - INTERVENÇÃO NA PRAÇA DA REPÚBLICA E PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO

6.1 - ESTRATÉGIA (CONCEITO)

Após adequado estudo e análise dos temas propostos, tanto a questão do abandono e abandonado, como a aplicação do turismo e enoturismo na sua prevenção, a história e morfologia da região de Azeitão e o Palácio dos Duques de Aveiro, é com maior certeza que se procede ao desenvolvimento de um projeto que possa reverter o estado de conservação do edificado e ainda potencializar a sua vida, um projeto que seja um motor de arranque para uma nova valorização do património arquitetónico, e que seja passível de ser aplicado tanto aqui, como em outros casos equivalentes, com sucesso.

Ao estudar o primeiro capítulo - "o abandonado" - concluiu-se que existe um grande número de edificados nesta condição, que perderam o seu sentido ao longo dos anos, que estagnaram nos tempos enquanto a sociedade se alterou, e hoje a sua função já não tem razão de ser; edificados à espera de alguém que os salve, que os desenterre e lhes confira uma nova função que possa ser algo que os mude, sem os descaracterizar. Isto é, o valor patrimonial deve manter-se, a alma do edifício deve permanecer a mesma, só o seu uso e a sua forma de existir podem transformar-se para que o mesmo ganhe sentido. Aquando do estudo deste tema, entende-se a existência de várias possíveis intervenções ao edificado, cada uma com resultados diferentes – restaurar o antigo, manter a ruína ou construir novo.

No caso em particular, pretende-se um restauro do antigo Palácio, devolvendo a sua alma austera e clássica e, sem que se fira a alma do local, incluir funções que possam facilmente ser aplicadas nas áreas já existentes. Como tal, dever-se-ão projetar as atividades mais suscetíveis em edificados de apoio novos, que possam já ser construídos tendo em conta essas funções e as comodidades que as mesmas envolvem. No caso, as atividades em questão são a hotelaria e o entorismo, ambas presentes em edificados separados e construídos de raiz, sempre tendo em conta a tipologia do Palácio, e sendo projetadas de modo a valorizá-lo estética e funcionalmente.

A escolha das duas funções é feita com base no estudo do capítulo segundo, no qual foi possível concluir que uma das atividades adequadas à revitalização de edificados abandonados, tendo

em conta a sociedade mundial atual, é o turismo. É uma atividade em crescimento e que potencializa o local em que está inserida devido à sua componente económica e valorativa, isto é, a sua existência implica uma valorização de algo, algo que na maioria das vezes é o próprio local onde existe o turismo, o seu clima, povo, património, gastronomia e as suas heranças.

O turismo divide-se em várias tipologias, algumas das quais passíveis de ser aplicadas no local em questão. Optou-se por proceder à aplicação do enoturismo devido ao seu crescimento exponencial, tanto em Portugal como no resto no mundo, visto que a cultura do vinho é hoje uma procura global em todas as regiões do mundo e um setor que atrai, não só os consumidores habituais, nas regiões vinícolas, como também os consumidores não habituais que desejam algo que não está ao seu alcance no seu local de residência. Prevê-se que o enoturismo seja um elemento impulsionador e valorativo para o edificado, também devido à história da região em que o mesmo está inserido. Após estudo do capítulo terceiro, relativo à história da região de Azeitão, compreende-se a importância da herança vinícola e como esta poderá ser a ligação entre o edificado, a localidade e os seus habitantes; e ainda, o ponto central a nível de comércio, restauração, hotelaria e turismo, providenciando economia para a comunidade.

6.2 - INTERVENÇÃO URBANA

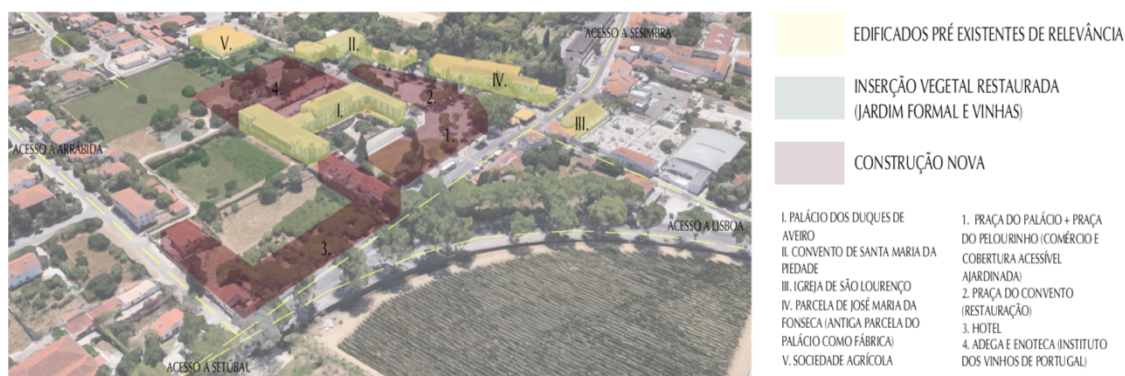


Ilustração 99 Esquema tridimensional de intervenção urbana

*"Propõe-se que o conceito de Revitalização Urbana seja entendido sobretudo como uma estratégia e um processo, distinguindo-se da generalidade dos programas urbanísticos, de um modo geral sem transversalidade e integração nas suas linhas de atuação. Neste sentido, a revitalização urbana desenvolve estratégias e promove um processo com carácter inclusivo e integrador, capaz de provocar iniciativas, projetos e atuações - de carácter transversal e sectorial, sendo um instrumento de gestão coletiva do território com capacidade para utilizar, como recursos próprios, programas urbanos muito diferenciados, de cariz mais social, económico ou cultural."*⁶⁴

Pretende-se uma requalificação urbana e arquitetónica dos edifícios e praça envolventes, criando espaços alusivos, interpretativos e instigadores da memória e cultura da região.

À escala urbana, a intervenção desenvolve-se como um redesenho da topografia, através do qual se desconstrói a escala da Praça que, hoje em dia, é demasiado extensa para permitir qualquer tipo de apropriação natural do espaço.

⁶⁴ Freitas, Dulce. Moura, Isabel. Guerra, João. Seixas, Maria João. 2006. *A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo*. Lisboa. CET - Centro de Estudos Territoriais.

Assim sendo, projetou-se a divisão do local em três zonas e cotas diferentes, nas quais se distribuem novas funções como o comércio e a restauração, que se prevê trazerem um novo fluxo ao local; espaços abertos de diferentes tipologias, que permitem a introdução de mercados sazonais e a utilização pública dos mesmos nas restantes épocas.

Esta divisão da praça segue-se a partir de três eixos axiais regidos pela casa senhorial que, com estas modificações, volta a estar evidenciada.

1. Eixo do Convento de São Domingos, que se cruza com a posição do Pelourinho e que orientará um espaço mais aberto e com duas praças a cotas diferentes, criando dois tipos de espaço para o utilizador, onde se deverão incluir serviços como o comércio (incluindo a realização de mercados mensais/semanais, à semelhança do que acontece hoje em dia), a restauração e o estacionamento, sendo que para estes últimos se fará a introdução de nova construção enterrada, de modo a não perturbar a leitura de praça.
2. Eixo do Palácio dos Duques de Aveiro, que será o eixo central e orientará o espaço a norte do mesmo, como uma praça estilo rossio, que enalteça o valor do edificado e resolva a topografia da área em concreto, convidando os cidadãos a reunirem-se em torno da construção principal. Novamente, de forma a que se resolva a topografia, introduz-se construção parcialmente enterrada, com o objetivo de incluir funções como o comércio.
3. Eixo da mina de água, que se cruza com o eixo do tanque em trevo e do jardim formal, que se estende desde a cota mais baixa, na Rua da República, onde se introduz a unidade hoteleira que, como um muro, fecha o território e que orienta nas seguintes cotas a reformulação do jardim formal de buxo, uma área de vinhas, oliveiras e espelhos de água.

Todos os espaços criados têm uma ligação coerente e fluída, ainda assim, deverão evidenciar as suas três diferentes essências, de modo a afirmar tipos de uso diferentes.

6.3 - INTERVENÇÃO NO LOTE: UNIDADE HOTELEIRA

Relativamente à construção da unidade hoteleira, surge um edificado com trinta quartos e comodidades de restauração, bar, lounge e spa. Para este novo corpo concebe-se uma sobreposição de quatro blocos desencontrados, garantido uma dissimetria que nos situa no modelo contemporâneo, e que contrasta com o modelo clássico e austero do Palácio. A memória da casa senhorial é trazida sobretudo através da fachada norte que aparenta ter uma grossura de três metros, fazendo lembrar uma muralha e as paredes grossas da casa senhorial, com as devidas entradas de luz e onde se concentram algumas zonas de serviço ou menos nobres em termos de função. Esta é a fachada que enfrenta o espaço público e a avenida principal, que em oposição tem a fachada sul, composta por elementos leves envidraçados e de ripado em madeira, que está presente em fachada e, também, em pequenos apontamentos ao longo dos pisos, garantido um jogo de luz e sombra para um usufruto mais interessante e diferenciado dos espaços, e que permite uma ligação maior ao elemento natural madeira, que introduz as zonas exteriores de jardim, para onde estão viradas as zonas de lazer e dormida. É na zona exterior a sul onde se projeta o parcial restauro do antigo jardim existente na área de implantação da unidade hoteleira, e que por ela será rematado.

Relativamente à distribuição de áreas nos blocos, um está enterrado e é onde se encontram as zonas menos nobres como a lavandaria e armazém; o que se encontra à cota da avenida, de formato em U, reúne as zonas de lazer, onde se encontram as funções de bar/restaurante, piscina interior e spa; o que se encontra à cota do Palácio, de formato em L, pelo qual se faz a entrada, com um átrio com receção que faz a distribuição, tanto para os quartos diretamente, como para o átrio inferior, através de acessos verticais que acompanham o pé direito duplo, caracterizado pela grande incidência de luz solar direta, pelos vãos a poente e, também zenital, através do fundo vidrado da piscina exterior que se encontra no último piso. No último piso, de formato em I, encontram-se os quartos e através dos seus átrios dá-se o acesso ao spa.

6.4 - INTERVENÇÃO NO LOTE: PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO E JARDINS

No que toca além da reabilitação do edificado principal, é feita a transformação do mesmo num centro cultural e de investigação público-privado, no qual se inserirá uma componente museológica e um realce à grande herança em termos de produção da região: o vinho. Como apoio, dá-se a construção num novo edificado na sua fachada tardoz, uma adega de estágio e envelhecimento de vinhos da região e uma vasta enoteca para os vinhos das mais variadas regiões do país. É, também, no lado tardoz do Palácio que surge a plantação de vinha, que se estende da cobertura da adega pelo restante terreno, fundindo com o eixo terceiro, onde se projeta o restauro do jardim formal de buxo, para o qual se vira a varanda principal da Casa dos Duques de Aveiro.

O Palácio deverá ser um local de herança, cultura e história, onde se possa viajar para os seus séculos áureos, e que sirva de cartão de boas vindas a quem quiser conhecer as terras de Azeitão, valorizando e fazendo conhecer as suas características, com incidência no vinho, que contribuirá para o seu reconhecimento.

6.5 - INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA - NOVO EDIFICADO

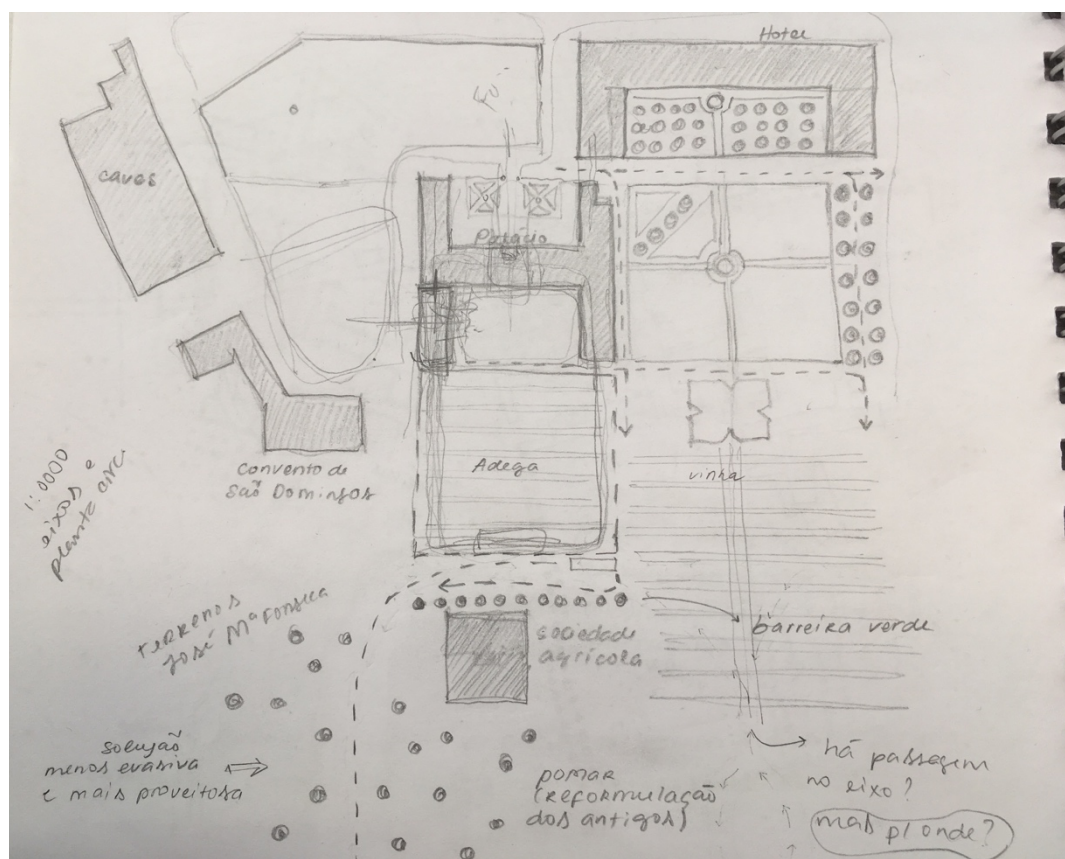


Ilustração 100 Croqui da distribuição do espaço no terreno a intervir

Relativamente ao eixo principal do projeto, a sul da Casa dos Aveiro, projeta-se a adega/enoteca; edifício extraordinário e contemporâneo, que serve a função principal da casa senhorial com grande capacidade técnica e arquitetónica, complementando o corpo da mesma e não ferindo a sua identidade. Este corpo surge sóbrio e inovador, garantindo um balanço através do contraste saudável com o nível de austeridade e classicismo presente na casa senhorial; é, por isso, um corpo semienterrado, passando despercebido à luz de quem passa, mas guardando do seu interior espaços de grande interesse arquitetónico. É neste edifício que está aplicada a tese construída, com as funções menos práticas e que necessitam de maior flexibilidade e técnica construtiva.

Tem uma componente pública e turística e, para além desta, existe uma grande área técnica, que inclui o estágio de vinhos locais em barricas de madeira, uma grande enoteca que deve englobar variados exemplares de vinhos das várias regiões do país, um laboratório equipado onde especialistas desenvolverão pesquisas e manutenções relativas aos produtos criados no local e, também, uma vasta

zona de descargas que serve as atividades do edificado e que se desenvolve desde a entrada a Sul dos terrenos, junto à sociedade agrícola Azeitonense. Este acesso dá-se por uma rua paralela à Rua da República, a uma cota superior, a Rua do Fisco, pela qual se dá a entrada nos terrenos pertencentes à adega José Maria da Fonseca, por entre dois pomares que hoje já não estão presentes, mas deverão ser restituídos, encaminhando o acesso secundário até um largo, junto à Sociedade Agrícola. É junto à sociedade agrícola que se desenvolve uma parede verde de ciprestes altos que pretende anular a vista dos armazéns da mesma, permitindo que a vista tardoz do Palácio tenha três planos apenas: o da vinha de cobertura da adega, a parede verde e a Serra da Arrábida.

Ao projetar a adega para o local em questão, atribui-se à traseira do Palácio um valor bastante diferente, sendo que passa de uma utilidade secundária e laboral para um caráter nobre e de chegada ao novo edificado em construção. Sendo assim, foi necessário repensar a área para que a mesma possa fazer jus a essa mesma importância atribuída ao novo projeto.

Atualmente o terreiro encontra-se rematado por duas casas de habitação unifamiliar, construídas com o intuito de substituir um dos braços destruídos pelo terramoto de 1755, da Casa dos Aveiro, que outrora funcionou com planta em formato de H. Os dois edificados, de pouca relevância arquitetónica quando comparados com o edificado principal, são assim substituídos por um elemento novo que possa continuar a conter o terreiro, pois se assim não fosse, o mesmo perdia o seu valor porque acabaria por se fundir com o restante espaço público. Não obstante, pretende-se que o perímetro seja mais permeável do que é hoje em dia, permitindo que se vislumbre o que o terreiro reserva, suscitando uma curiosidade de visitar a nova construção.

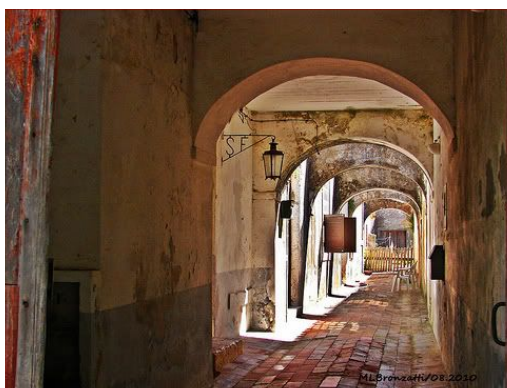


Ilustração 101 Corredor em arcos existente



Ilustração 102 Corredor em arcos existente

Um dos elementos existentes de ligação ao terreiro é um corredor composto por uma repetição de arcos, que não tem valor histórico para a conceção do Palácio, ainda assim, resulta num espaço interessante e convidativo. Pegando na memória dessa mesma passagem, aliando a uma grandiosidade e relevância em termos de espacialidade, pensou-se num elemento que simulasse o corredor e, em simultâneo, substituísse toda a área do braço que outrora existiu; adicionando ao elemento uma cobertura, para que esse local possa ser habitado e usufruído, tanto no verão, como no inverno. Projetou-se um braço inspirado no pórtico que encerra a praça da Igreja dos Servos de Maria (*Santa Maria dei Servi*) em Bolonha, como representado nas ilustrações seguintes. De forma a que o novo elemento exista em coerência com a restante intervenção, e sendo esta um desenho maioritariamente retilíneo, adequou-se o pórtico a esse traçado, substituindo os arcos por pórticos retos, que simulam uma aproximação dos mesmos à *loggia* do Palácio, a nascente. Esta área poderá, não só, ser utilizada como momento de transição e contenção, como descanso ou mesmo para a realização de pequenas feiras de vinho, queijo ou doçarias, impulsionando a fluxo de visitantes e funcionando como uma primeira receção para a nova adega.



Ilustração 103 Santa Maria dei Servi, Bolonha



Ilustração 104 Santa Maria dei Servi, Bolonha

6.5.1 - DESCRIÇÃO PROJETUAL DA ADEGA

A ideia de projeto começa com a implementação de um corpo que não agrida a presença da casa senhorial, bem como a envolvente natural inserida numa área protegida com a da Serra da Arrábida. Como tal, propõe-se que este seja quase totalmente enterrado e coberto por vinhas, para que a sua presença não seja um fator agressivo para o elemento mais antigo. Assim sendo, aproveita-se a subida de cota a partir do Palácio até à sociedade agrícola, surgindo apenas uma pequena altura de cobertura por entre as vinhas, o que confere somente uma presença ligeira. Outro apontamento de controlo para uma boa relação entre ambos os edifícios será o desencosto do novo ao antigo, ou seja, a implantação da adega será feita a alguns metros do braço mais tardoz do Palácio, garantindo uma passagem pela mesma até aos jardins, mas acima de tudo uma linha de sombra que permitirá um corte na leitura dos corpos. Este corte é benéfico no sentido em que, de outro modo, não só a materialidade como a própria conceção dos edifícios não seriam compatíveis, e tornariam desinteressante a sua ligação.

*"Architectura sine luce nulla architectura est."*⁶⁵

Um importante elemento para a construção da adega é o controlo de luz e a sua utilização propositada para a criação de diferentes espacialidades, surgindo frequentemente apontamentos que visam esse controlo. Assim, surgem grandes rasgos na laje de cobertura, com o intuito de iluminar áreas específicas da adega, sendo que na sua maioria a luz é relativamente escassa e muito controlada. Com estes rasgos é, também, possível de dentro do edificado avistar a ponta das vinhas que se encontram na cobertura, e desse modo, aplicar uma relação interior/exterior evidenciada.

A cobertura é um elemento imponente que reflete a memória do Palácio, e que para simular as paredes do edificado antigo, à semelhança do projeto da unidade hoteleira, visualmente tem cerca de quatro metros de espessura, o que garante uma grande profundidade da vivência dos espaços e na entrada de luz através dos rasgos da mesma.

Um outro elemento de controlo de luz que surge repetidamente na conceção da adega, como na unidade hoteleira, é o painel de ripado em madeira, que surge para a impermeabilização visual e

⁶⁵ BAEZA, Alberto Campo. *A ideia construída, Casal de Cambra: Caleidoscópio*, 2013 (5a ed.), p. 17.

dimensionamento dos espaços. Como uma segunda pele, este ripado surge estrategicamente de forma a garantir uma dimensão adicional às linhas da construção e espaços diferentes e controlados.

A fachada principal é a Norte, por onde se dá a entrada e onde existe o terreiro que divide os dois edifícios, permitindo um lugar de chegada onde o contraste antigo/moderno se dá. Esta fachada é vidrada e apresenta já uma das peles de madeira, garantindo que o visitante mantenha a curiosidade pelo que irá ver. É uma segunda pele de madeira que divide o espaço de antecâmara para controlo de ambiente e encaminha o visitante ao primeiro átrio de chegada. Ao entrar, depara-se com um primeiro momento do edifício; este é contido e baixo, mas luminoso, visto que recebe a luz da fachada norte, mas também do grande rasgo da laje de cobertura, que permite uma primeira interação com a plantação de vinhas e, como tal, o tema do edifício: o vinho. É um momento excecional do edifício onde o visitante tem um primeiro impacto arrebatador de tudo o que este percurso lhe pode oferecer, e a partir do qual todas as opções podem ser tomadas, sendo que aqui se concentram todas as ligações possíveis em termos de acessos. Nesta área localiza-se uma receção e uma loja de vinhos, que serão os pontos de início e término do percurso turístico pretendido, e é já neste primeiro átrio que se pode visualizar toda a extensão de patamares onde se encontram as barricas de madeira.



Ilustração 105 Representação tridimensional do átrio de receção

A partir daqui, dá-se a passagem para a zona seguinte, através de uma lâmina de vidro que dividirá os espaços, garantindo o devido controlo de climatização, nomeadamente o de temperatura e

humidade, tal como se estudou anteriormente, sendo estes os mais necessários às funções desempenhadas nas seguintes salas: o envelhecimento e estágio de vinhos.

Esta próxima sala, ampla e mais reduzida a nível de luminosidade, divide-se em quatro patamares, sendo que o primeiro está a uma cota inferior à receção e o seguinte está a uma cota inferior ao anterior, e assim sucessivamente, onde à vista se encontram as barricas de madeira já mencionadas. Este desenvolvimento de desníveis permite dar amplitude ao edifício, sendo que ele pode ser visto quase na totalidade desde o primeiro instante, na receção, como um grande vão livre.

Ao longo deste percurso, que se fará através de uma rampa, o visitante passa por um corredor onde encontra uma sucessão de pilares em lâmina, que reduzem o percurso e permitem um aparecimento de nichos que podem ser usados como espaço expositivo, de um lado, e que encaminham, pelo outro, a espaços secundários de abertura para a sala das barricas, e que podem, também, ser utilizados como elementos expositivos. Estes corredores estão projetados à semelhança de um deambulatório para uma igreja, e assim são espaços secundários e à priori sem muito interesse, mas que assim poderão transformar-se em zonas de grande interesse arquitetónico e espacial, com pormenores que lhes conferem uma grande personalidade. Os pilares usados na conceção destes espaços laterais, são enfatizados pelo uso de vigas à vista, que também funcionam como lâminas que rasgam a grande laje de cobertura, desde o espaço interior, até ao exterior e, assim, servem como divisória para os canteiros de cultivo de vinha. A métrica utilizada para a colocação destas estruturas é um reflexo da métrica presente nos vãos da fachada do Palácio, reforçando a memória do mesmo.



Ilustração 106 Representação tridimensional da vista do corredor em rampa

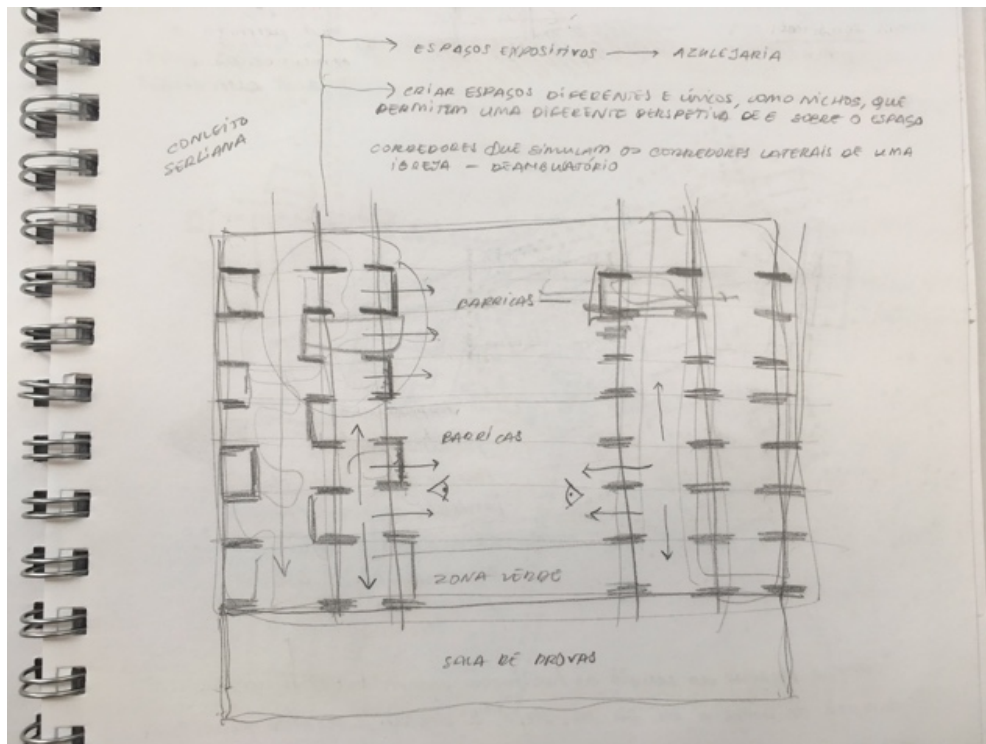


Ilustração 107 Cróqui do deambulatório

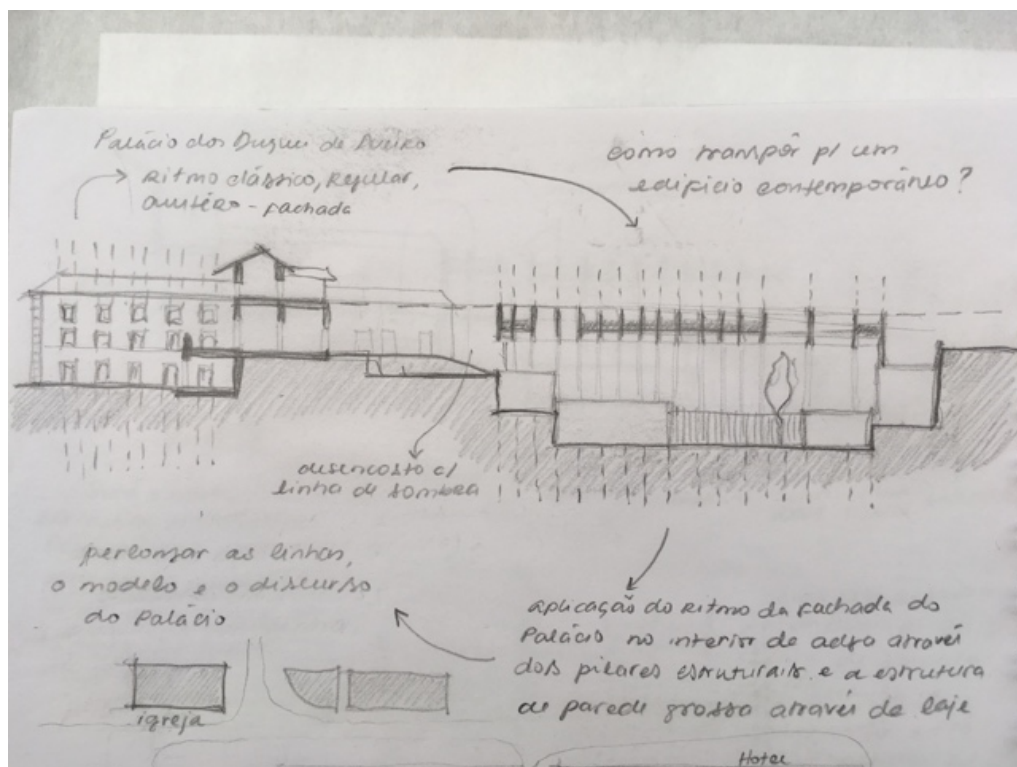


Ilustração 108 Cróqui da disposição dos pilares em corte

No patamar mais baixo, existe ainda uma divisão separada por uma nova lâmina de vidro, que permite, por baixo de um outro rasgo na cobertura de laje, o surgimento de um pátio em jardim, um espaço no coração do edifício, onde chove, onde existe verde e onde se sente a vivência do exterior. Como se de um pequeno paraíso se tratasse, este é um momento de excelência do edificado, onde se pode apreciar a relação com a natureza e a verdadeira presença da mesma, fazendo uma pausa no percurso turístico. Aqui o visitante pode relaxar, meditar e abraçar as sensações que lhe são oferecidas, preparando-se para a degustação. Este jardim é limitado por ambos os lados por duas peles de madeira, que conferem uma subtileza e privacidade maior na criação deste espaço e, também, um melhor controlo de luz.

Após a passagem pelo jardim, seguindo-se uma próxima lâmina de vidro, encontra-se a sala de provas de vinho, servida pelo último rasgo da cobertura e onde há um momento de relaxamento e novamente mais leve através da sua iluminação e visualização da vinha na cobertura. É neste segundo átrio, um espaço amplo e confortável, rodeado do elemento madeira, para que assim se aproxime da sensação de conforto, que se pode apreciar, de um outro ponto de vista, o jardim central do edificado, que protegido pelos ripados, surge tímido.



Ilustração 109 Representação tridimensional da sala de provas

A última parede com pele de madeira divide o espaço acessível do espaço técnico e permite uma leve permeabilidade visual para a sua função de armazém, podendo observar-se um pouco do

processo técnico. O percurso continua, assim, pelo outro lado do edificado, onde se passa novamente por um deambulatório em rampa, no qual deverão, nos nichos formados pelas lâminas estruturais, estar expostos alguns dos vinhos que poderão ser adquiridos no final do percurso. Por entre os nichos de exposição, existem vãos que permitem observar a sala a nascente, o laboratório, novamente um espaço inacessível ao público que pode ser visto pelo visitante, para que o mesmo se sinta parte do processo técnico. O percurso interior termina no momento de entrada, onde está a loja dos vinhos, caso se pretenda queira adquirir algum produto, ou utilizar as instalações sanitárias.



Ilustração 110 Representação tridimensional do acesso à cobertura

É, também, neste momento de entrada que há uma ligação vertical, para o piso inferior, onde se encontra a garrafeira-enoteca mais privada, e salas que podem servir de aluguer para eventos. Este piso é composto por espaços mais contidos e escuros, sendo parte de um percurso mais exclusivo, onde se pode observar a enoteca e, através das peles de madeira, as barricas do piso de cima e o jardim, que se encontra à cota deste piso inferior.

Há, também, uma ligação vertical que permite a subida do visitante até a cobertura, para visitar as vinhas e a vista de 360°, sobre o Palácio dos Duques de Aveiro, o Convento de São Domingos, a praça da República, os jardins da Quinta dos Duques de Aveiro e toda a extensão da Serra da Arrábida.

6.5.2 - MATERIALIDADES E CONSTRUTIVIDADE

Uma das principais características dos espaços pensados para a adega é a presença de grandes vãos livres, que permitam uma visão ampla da grande exposição de barricas e garrafas; vãos estes que exigem uma boa solução construtiva, que se optou por resolver através da aplicação do betão, de forma a responder às necessidades estruturais do edifício. O uso do betão permite uma boa resistência às ações mecânicas e é, também, um material incombustível, o que é bastante relevante na conceção de edifícios de uso público, principalmente quando envolve a presença de líquidos com teor alcoólico e, como tal, inflamáveis. Ainda assim, apresenta um comportamento térmico desvantajoso para o uso em questão, parâmetro que será resolvido com o contacto do edificado com o solo através das suas paredes e, ainda, através da sua espessa cobertura preenchida com terra para a plantação da vinha. O solo é um material natural com grande inércia térmica e que, como tal, permite, com o seu contacto, um controlo de temperatura fácil e adequado no desenho de adegas e enotecas.

A adição de revestimentos ao betão implica um aumento de custos de obra e de manutenção do edificado; e não havendo uma necessidade de aplicação de revestimento adicional, mas sendo o betão aparente um material bastante evasivo a nível visual, procurou-se uma solução que respondesse ao nível da inserção na envolvente.

Um dos principais objetivos na conceção de projeto será a sua boa integração com o que o rodeia, sendo esta a envolvente edificada, os seus materiais e tipologias, mas também, a envolvente natural, a vegetação e os seus solos. Como referido anteriormente, a inserção e desenho do novo edificado são feitos de forma discreta e com a menor agressividade possível; assim sendo, a escolha da sua construtividade e materialidade também deverá ser feita seguindo os mesmos parâmetros.

A procura de materiais menos evasivos para a envolvente passa pela análise de cores e texturas de tudo o que nela se encontra, e sendo que o edificado em questão é enterrado quase na sua totalidade, é incisiva a análise do solo onde o mesmo irá ser inserido, bem como a da fachada do Palácio dos Duques de Aveiro, edifício que dá origem ao projeto em questão.

A análise dos elementos escolhidos foi feita *in loco*, comparando amostras recolhidas, e através da leitura de documentos e relatórios relativos à composição geológica e morfológica, que permitem uma procura pelas cores predominantes do local.

“O solo da serra compõe-se de rochas calcárias dos períodos secundários e terciário, e o das planícies de camadas arenosas de terreno quarternário.... A camada vegetal é de grés finos, desagregados, predominando a sílica, o feldspatho, o calcáreo, o ferro e a argila. O subsolo tem partes da mesma composição, e outras de argila arenosa...”⁶⁶

Os resultados da análise histórica e visual ao solo revelam que os seus constituintes predominantes são o calcário, a areia, o feldspato, a argila e a rocha original da Serra da Arrábida, a sua brecha, de origem sedimentar. Estes resultados conduzem a cores térreas e de origem natural como o ocre, madeira, marfim, feldspato, creme, bege, bronze, cobre, argila e carmim, como se vê em exemplo, através das ilustrações que se seguem.

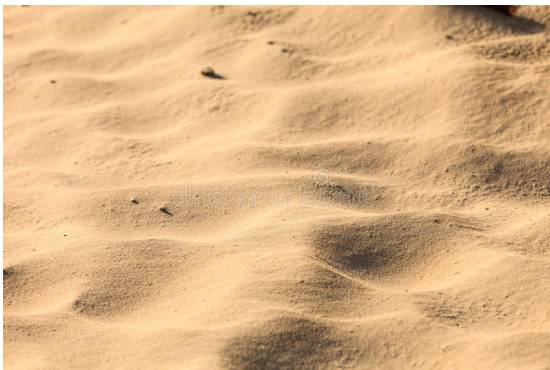


Ilustração 111 Solo arenoso



Ilustração 112 Rocha calcária



Ilustração 113 Solo argiloso

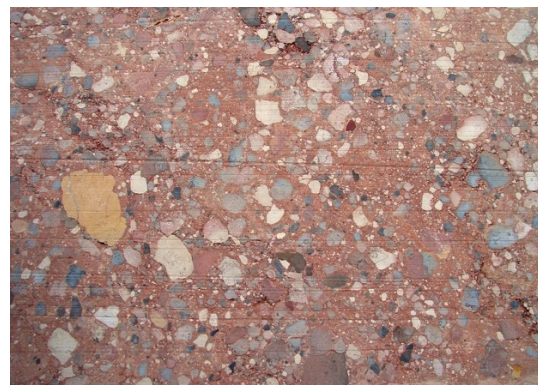


Ilustração 114 Brecha da Arrábida

⁶⁶ Oliveira, Joaquim. Monografia de São Lourenço, 1994. Citação de Eng.º Carlos Ribeiro para "Estudos Geológicos" em 1882.

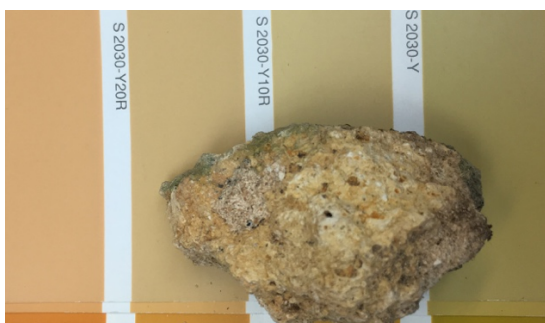


Ilustração 115 Amostra de pedra da construção envolvente



Ilustração 116 Amostra de pedra da construção envolvente

Concluindo que o uso da cor seria uma solução visualmente confortável para a conceção da nova enoteca, tentou-se aliar a mesma à utilização do betão, optando-se pelo uso do betão aparente colorido; uma opção mais complexa e dispendiosa, mas que garante uma inserção mais adequada, que com a aplicação de um acabamento rústico e grosseiro, pode fazer lembrar a superfície de pedra, de madeira, ou mesmo taipa, num material extremamente competente a nível estrutural e construtivo, e que ainda permite uma flexibilidade a nível de uso de várias texturas em acabamentos, conferindo diferentes aspetos entre a superfície exterior e interior, ou mesmo entre diferentes salas.

Sendo assim, optou-se por aplicar o uso da cor na conceção dos espaços interiores, em todos os elementos horizontais, pois estes estão mais longe de ferir visualmente a pré-existência da presente reabilitação. Nas salas com função de átrio, com um perfil mais austero e grandioso, a cor está presente na utilização de pedra lioz vermelha para pavimento, que apesar da tonalidade avermelhada escolhida, simula os cunhais de pedra da Casa dos Aveiro, trazendo mais uma memória do mesmo para o interior do edificado contemporâneo.

Para uma melhor compreensão do impacto e espacialidade possíveis de criar com a materialidade escolhida, recolheram-se alguns exemplos desta mesma aplicação. A Casa Boaçava, em São Paulo, foi projetada pelo atelier *Una Arquitetos*, e simula a utilização da taipa, através da mistura de betão com Pó Xadrez (Lanxess) vermelho e amarelo, o que lhe confere a cor avermelhada, e com a sua textura semelhante à madeira. Um processo semelhante é utilizado na Praça das Artes, pelo atelier *Brasil Arquitetura*, não só com a cor avermelhada como com a acastanhada, onde é aplicada uma textura semelhante à do exemplo anterior, ligeiramente mais rústica. Outro exemplo desta aplicação é o projeto do atelier *Mass Studies* para a sede da Daum, na ilha de Jeju, na Coreia do Sul, com a cor

avermelhada. E ainda, com a cor ocre, a utilização da técnica para o projeto da adega Antión, pelo arquiteto *Jesus Marino Pascual*, em La Rioja, Espanha. São na sua maioria projetos em que se calculou a quantidade de cimento, areia e brita necessários à boa funcionalidade estrutural do betão, ao qual posteriormente se adicionaram os pós coloridos, à procura da cor ideal ao projeto. Esta adição pode alterar as propriedades dos restantes elementos e, como tal, são feitos vários ajustes ao longo do processo, para que a fórmula continue adequada. Portanto, é fundamental que a mão de obra seja rigorosa e paciente, não só para que se possa atingir as tonalidades certas, como para que o resultado final seja uniforme. Na escolha dos pigmentos, dever-se-á optar por óxidos inorgânicos resistentes à luz e intempéries, e recicláveis, para que o impacto ambiental seja reduzido o mais possível.

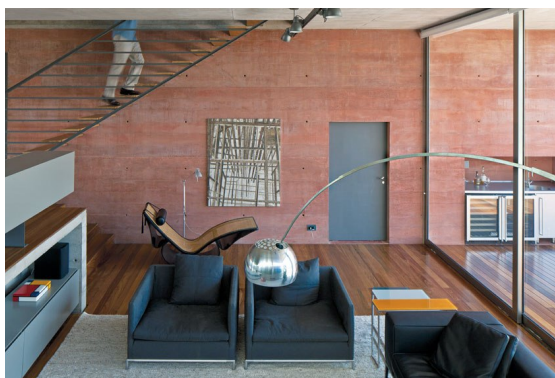


Ilustração 117 Casa Boagava, São Paulo



Ilustração 118 Praça de Artes, São Paulo



Ilustração 119 Sede da empresa Daum, Coreia do Sul

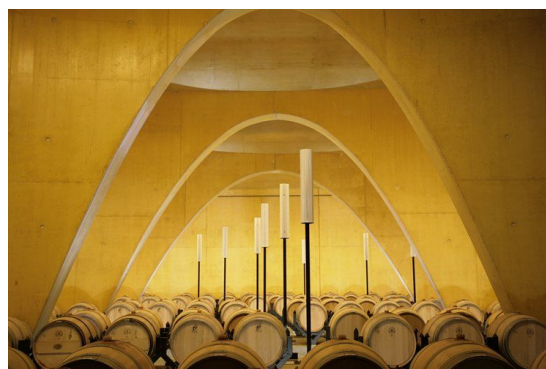


Ilustração 120 Adega Antión, La Rioja

Relativamente ao exterior, e para que a ligação entre todos os elementos se mantenha de forma coerente, optou-se pela aplicação do betão de cor branca na "crosta" do edifício e em todos os seus elementos verticais, para que se relacione com a cor do Palácio que, na sua forma original, seria caiado a cal branca. Optou-se por utilizar um compósito de cortiça e betão, produzido em parceria pela

Amorim Cork Composites, Secil e iTeCons da Universidade de Coimbra, utilizado no Terminal de Cruzeiros de Lisboa, do Arqº. Carrilho da Graça. Este novo tipo de aplicação garante a resistência e durabilidade do betão; e a leveza, sustentabilidade e isolamento térmico da cortiça, garantido um excelente comportamento para a construção e o uso do edifício a ser projetado, cooperando com o objetivo de controlo de temperatura para o mesmo. Esta é uma solução que, a nível visual, para quem lê todo o espaço público, se torna mais sólida e sóbria, não descartando aquilo que deverá ser sempre considerado como a matriz de toda a conceção projetual, o Palácio dos Duques de Aveiro.



Ilustração 121 Terminal de Cruzeiros de Lisboa

6.5.3 – PROGRAMA

Complexo Praça da República

Piso 0

Estacionamento 2594.4 m²

Comércio 425 m²

Comércio 249 m²

Comércio 459 m²

Comércio 190 m²

Piso 1

Restauração 386 m²

Espaço público 3225.3 m²

Piso 2

Espaço público 1968.8 m²

Unidade Hoteleira

Piso -2

Acessos Verticais 36.0 m²

Hall + Zona de Cacifos staff 35.3 m²

Sala de estar staff 94.3 m²

Balneários staff 42.2 m²

Armazém ligeiros 244.0 m²

Armazém pesados 298.9 m²

Piso -1

Átrio 283.7 m²

Lounge + Sala de Leitura 545.4 m²

Administração 37.4 m²

Acesso Restrito 43.2 m²

Instalações Sanitárias 54.6 m²

Átrio Polivalente 166.1 m²

Zona de Refeições 328.0 m²

Bar 54.6 m²

Saída de Refeições 37.9 m²

Cozinha + Copa 109 m²

Receção Spa 132.9 m²

Balneários 113.9 m²

Piscina interior 144.6 m²

Banhos 99.4 m²

Casa de Fresco de acesso à cota do terreno seguinte 68.9 m²

Piso 0

Átrio 283.7 m²

Administração 27.1 m²

Arrumos 55.6 m²

Instalações Sanitárias 43.4 m²

Arrumos II 43.4 m²

Biblioteca 79.6 m²

Quartos 1013.1 m²

Átrio II – Acesso spa 545.4 m²

Piso 1

Piscina exterior + zona de estar 211.7 m²

Arrumos 55.6 m²

Instalações Sanitárias 43.4 m²

Arrumos II 43.4 m²

Biblioteca 79.6 m²

Quartos 1013.1 m²

Átrio III – Acesso spa 545.4 m²

Adega/Enoteca

Piso -1

Sala para Eventos 762.5 m²
Sala de guarda de garrafas antigas 440.0m²
Instalações Sanitárias 96.53 m²
Jardim Exterior 270.8 m²
Sala de provas privada 591.5 m²
Corredor expositivo I 359.7 m²
Corredor expositivo II 285.5 m²

Piso 0

Átrio 302.29 m²
Receção + Loja dos Vinhos 109.34 m²
Instalações Sanitárias 96.53 m²
Sala de Barricas 909.5 m² (quatro patamares)
Sala de Provas 591.5 m²
Corredor Expositivo I 359.7 m²
Corredor Expositivo II 285.5 m²
Armazém de apoio à loja 189.5 m²
Laboratórios 426.9 m²
Copa 76.7 m²
Auditório/Sala expositiva 188.5 m²
Armazém de Chegada 588.6 m²

Piso 1

Cobertura ajardinada – Vinhas 2681.5 m²
Cobertura percorível 1835.7 m²

6.5.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Azeitão encontra-se sob um acentuado crescimento e desenvolvimento turístico e valorativo, tendo os recursos necessários a isso mesmo, mas pecando pela apresentação do seu maior centro: o Rossio de Vila Nogueira de Azeitão.

Este projeto final de mestrado visa reorganizar os recursos da região, utilizando-os a seu favor e apresentando um cartão de boas-vindas, com uma praça principal fácil de usar, intuitiva e principalmente com abertura para a criação de fluxo turístico de grande valorização económica para o local. É esta praça que vai, também, evidenciar a presença hoje pouco sentida de um dos maiores monumentos históricos presentes, o Palácio dos Duques de Aveiro; que passa a apresentar-se reabilitado, cuidado e imponente como deveria ser sempre. É neste edificado, e a partir do mesmo, que se procede à implantação de um complexo de caráter turístico, museológico e investigativo, que se garante a si mesmo como um centro que faz jus ao que a região tem para contar.

Através da reabilitação da Casa dos Aveiro, apresenta-se o Instituto de investigação do vinho e da vinha, como já outrora foi, mas agora com um caráter de partilha para com os locais e visitantes que pelo mesmo se interessem. Como seu apoio, surge o edificado destinado a unidade hoteleira, que garante um dos serviços menos presentes na região, o alojamento temporário, que por si só permite uma partilha mais aprofundada do que o local tem para oferecer.

Relativamente ao edificado destinado a adega/enoteca, permite-se um caráter turístico e museológico de ênfase na valorização da produção vitivinícola de toda a região, e até de todo o país, não tendo como foque uma única marca, mas sim um dos produtos mais nobres que Azeitão e Portugal consagram no geral. É, ainda, uma forma de presentear a região com um edifício de arquitetura excecional, que apesar de surgir para servir e enaltecer o Palácio de arquitetura clássica, acaba por se evidenciar a si mesmo, destacando-se pela utilização de espaços contemporâneos de complexidade, procurados não só pela sua função e ambiente, mas também pela técnica construtiva. Como já visto durante o desenvolvimento do presente trabalho, este é um ponto fulcral no campo turístico, sendo que há quem se desloque, também, à procura de arquitetura.

Por último, o seguinte projeto tem como objetivo uma segunda abordagem de intervenção, que passa pela reabilitação de toda a área de jardins, pelo que se refaz o jardim formal de buxo e se

aposta na introdução de jardins de vinhas, que outrora foram as personagens principais da Quinta dos Aveiro.

Assim sendo, é uma intervenção complexa, que se estende desde a componente urbanística, à arquitetónica e paisagística, permitindo uma reabilitação completa, cuidada e sóbria do Palácio dos Duques de Aveiro e o centro de Vila Nogueira de Azeitão, onde está inserido. Através desta, pode-se proceder a exercícios semelhantes relativos a outros edificados na mesma posição até que, num cenário ideal, os que se encontram no mesmo estado sejam cada vez menos.

É possível voltar a trazer a alma do edificado de volta ao contexto contemporâneo, mesmo quando a obsolescência funcional o absorve. É necessário estudar as estratégias e recursos disponíveis, mas é sobretudo necessário ouvir aquilo que o edifício tem para nos contar.

7 - BIBLIOGRAFIA

- Feliciano, A. M. Leite, António. (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Ramos, Bernardo Costa (s.d.). *Azeitão*. Obtido de *Vila Nogueira de Azeitão*. Disponível em: <http://www.azeitao.net/azeitao/>. Consultado em Outubro de 2018.
- Ramos, Bernardo Costa (s.d.). *Azeitão*. Obtido de *Palácios, Solares e Quintas. Palácio dos Duques de Aveiro*. Disponível em: <http://www.azeitao.net/quintas/palacio.htm>. Consultado em Outubro de 2018.
- Sousa, Manuel Frango. *Azeitão, a nossa terra*. Jornal de Azeitão, 1ª edição. 2013.
- Pimentel, José Cortez. (1992) *Arrábida – História de uma Região Privilegiada*. Edições Inapa: Lisboa.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Azeitão. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4380651>.
- Património Cultural e Edificado. Freguesia São Lourenço e São Simão, Azeitão. Disponível em: <https://www.jfregazeitao.com/patrimonio-cultural-e-edificado/>. Consultado em Outubro de 2018.
- Oliveira, Joaquim. (Junho, 1995). Monografia da Freguesia de São Simão de Azeitão, 425 Anos de História. Azeitão.
- Oliveira, Joaquim. (Novembro, 1994). Freguesia de São Lourenço de Azeitão, Subsídios para a sua Monografia. Azeitão.
- Fernandes, Ana Margarida Ribeiro. (Dezembro, 2013). Projeto Final de Mestrado para Obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura: Projetar com o Lugar, Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Guerreiro, Rita Sofia Leite. (Março, 2018). Projeto Final de Mestrado para Obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura: Projetar com a Memória, Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Vila Nogueira de Azeitão. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

- Lourenço, José Henrique. (2009). Dissertação: A Indústria, na Vila de Alenquer. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Soares, Manuela Goucha, 13 de Maio de 2016. Viagem aos Palácios Abandonados, Expresso. Disponível em <https://expresso.pt/multimedia/2016-05-13-Viagem-aos-palacios-abandonados>. (Entrevista de Favila, João; Ferrero, Paulo)
- Reportagem SIC NOTÍCIAS, 9 de Fevereiro de 2015. Disponível em <https://sicnoticias.pt/programas/abandonados/2015-02-09-Estalagem-do-Gado-Bravo>.
- Restos de Coleção, 13 de Setembro de 2016. Disponível em <https://restosdecolecao.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>.
- Macedo, Isabel Maria Duarte Espada Pratas Sousa. 24 de Março de 2016. A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a residência de veraneio. Disponível em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/cad6/artigo04.pdf>.
- Correia, Vânia Sofia. (Dezembro de 2017). Projeto Final de Mestrado para Obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura: Da Memória à Manutenção da Identidade dos Lugares. Proposta de uma Resignificação Multifuncional no Martim Moniz em Lisboa. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Saraiva, José Hermano. (Novembro, 1993). Setúbal, Sesimbra, Palmela, Azeitão, Serra da Arrábida e seus monumentos. Disponível no arquivo RTP1, em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/setubal-3/>.
- Veloso, Nuno Filipe. (Outubro, 2013). Tese de Mestrado: Arquitetura do Vinho: A Adega e a Paisagem vitivinícola do Alto Douro Vinhateiro. Universidade do Minho.
- Serra, Maria do Rosário. (Março, 2013). Dissertação em Arquitetura: Eno Arquitetura, Adegas contemporâneas. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Barros, Vera Gouveira. Turismo em Portugal. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Woschek, Heinz-Gert; Duhme, Denis; Friederichs, Katrin. (2012). Editora: DETAIL. Munique.
- A história do Vinho. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_vinho.
- Correia, Bento de Carvalho Lopes. (1981) *Vinhos do nosso País*. 2ª Edição da Junta Nacional do Vinho. Lisboa.

- Barreto, António. (Novembro de 2018). *Douro – Rio, Gente e Vinho*. Relógio D'Água Editores, Lisboa.
- Rasteiro, Joaquim. "Noticias archeologicas da Peninsula da Arrábida" em *O Archeologo Português*, vol. III; n.ºs 1 e 2, Janeiro e Fevereiro, Museu Ethnographico Português, 1897.
- Rasteiro, Joaquim. (1893). *Quinta dos Duques de Aveiro*, manuscrito não publicado; Arquivo Distrital de Setúbal.
- Rasteiro, Joaquim. (1895). *Inícios da Renascença em Portugal: Palácio e Quinta da Bacalhôa em Azeitão*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- Pedreira, Jorge Miguel. *Indústria e negócio: a estamperia da região de Lisboa, 1780-1880*. *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3.º-4.º), 537-559.
- Oliveira, Joaquim. Fontes de Azeitão. Obtido em http://www.azeitao.net/Fontes/fonte_pasmados.html. Consultado em Abril de 2019.
- Sítio da Junta das Freguesias de São Lourenço e São Simão, disponível em <https://www.jfregazeitao.com/tradicoes/>.
- Freitas, Dulce. Moura, Isabel. Guerra, João. Seixas, Maria João. 2006. *A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo*. Lisboa. CET - Centro de Estudos Territoriais.
- BAEZA, Alberto Campo. *A ideia construída*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013 (5a ed.).
- Rodrigues, José Jorge Almeida. (Junho, 2017). *Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia Civil: Proteção e Reabilitação de Estruturas de Betão Armado*. Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.
- Sousa, Catarina Ferreira Abreu Moura. (2012/13). *Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura: A medida como suporte da arquitetura*. Faculdade de Arquitetura do Porto.

- Cunha, Rui Maneira. (2014-2015). *As medidas na arquitetura – uma perspetiva arqueológica*, em *Arqueologia & História*, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, volumes 66-67.
- *Casa Boaçava, Una Arquitetos*. ArchDaily. 2012. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-82508/casa-boacava-slash-una-arquitetos>. Consultado a 11 de Agosto de 2019.
- *Praça das Artes/Brasil Arquitetura*. ArchDaily. 20 de Abril de 2012. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Consultado a 11 de Agosto de 2019.
- *Daum Space. 1/Mass studies*. ArchDaily. 21 de Março de 2013. Disponível em <https://www.archdaily.com/347457/daum-space-1-mass-studies>. Consultado a 11 de Agosto de 2019.
- *Daum Space. 1/Mass studies*. ArchDaily. 21 de Março de 2013. Disponível em <https://www.archdaily.com/347457/daum-space-1-mass-studies>. Consultado a 11 de Agosto de 2019.
- *Concreto colorido reforça integração arquitetónica e cria diferenciação em adega*. LanXess. Disponível em https://www.aecweb.com.br/emp/cont/m/concreto-colorido-reforca-integracao-arquitetonica-e-cria-diferenciacao-em-adega_14810_3137. Consultado a 11 de Agosto de 2019.

8 - ÍNDICE DE IMAGENS

Ilustração 1 | Palácio da Comenda – Antes

Ilustração 2 | Palácio da Comenda – Antes

Ilustração 3 | Palácio da Comenda – Depois | Autoria própria

Ilustração 4 | Palácio da Comenda – Depois | Autoria própria

Ilustração 5 | Palácio da Comenda – Depois | Autoria própria

Ilustração 6 | Estalagem do Gado Bravo – Antes | Em

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>

Ilustração 7 | Estalagem do Gado Bravo – Cartaz alusivo | Em

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>

Ilustração 8 | Estalagem do Gado Bravo – Antes | Em

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>

Ilustração 9 | Estalagem do Gado Bravo – Depois | Em

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/09/estalagem-gado-bravo.html>

Ilustração 10 | Estalagem do Gado Bravo – Depois | Autoria de Gastão de Brito e Silva | Em

<http://ruinarte.blogspot.com/2010/02/estalagem-do-gado-bravo-recta-do-cabo.html>

Ilustração 11 | Convento de Santa Maria do Bouro | Autoria de Luis Ferreira Alves | Em archdaily.com.br.

Ilustração 12 | Convento de Santa Maria do Bouro | Em archdaily.com.br.

Ilustração 13 | Convento de Santa Maria do Bouro | Em archdaily.com.br.

Ilustração 14 | Convento de Santa Maria do Bouro | Em archdaily.com.br.

Ilustração 15 | Pousada da Cidadela de Cascais | Autoria de João Morgado | Em

<https://www.archilovers.com/projects/73904/cascais-citadel-hotel.html>.

Ilustração 16 | Pousada da Cidadela de Cascais | Autoria de João Morgado | Em

<https://www.archilovers.com/projects/73904/cascais-citadel-hotel.html>.

Ilustração 17 | Hotel Paço de Vitorino | Autoria de João Morgado | Em archdaily.com.br.

Ilustração 18 | Hotel Paço de Vitorino | Autoria de João Morgado | Em archdaily.com.br.

Ilustração 19 | Pousada de Santa Marinha da Costa |

Ilustração 20 | Pousada de Santa Marinha da Costa |

Ilustração 21 | Barricas de Estágio de Vinhos Tintos, Bacalhã Vinhos de Portugal | Cedidas por Bacalhoa Vinhos de Portugal, SA.

Ilustração 22 | Barricas de Estágio de Vinhos Tintos, Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedidas por Bacalhoa Vinhos de Portugal, SA.

Ilustração 23 | Talhas de Vinho, Esporão | Autoria própria.

Ilustração 24 | Talhas de Vinho, Adega José de Sousa | Em <https://wineguide.adegga.com/jose-maria-da-fonseca-prepara-dia-do-pai-programa-vinico-cultural/>.

Ilustração 25 | Barricas de Envelhecimento de Moscatel, Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedidas por Bacalhoa Vinhos de Portugal, SA.

Ilustração 26 | Barricas de Envelhecimento de Moscatel, Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedidas por Bacalhoa Vinhos de Portugal, SA.

Ilustração 27 | Estágio em Garrafa, Esporão | Autoria própria.

Ilustração 28 | Estágio em Garrafa, Esporão | Autoria própria.

Ilustração 29 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 30 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 31 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 32 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 33 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 34 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 35 | Herdade do Freixo | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 36 | Herdade do Esporão | Em <http://www.acaixanegra.com/works/adega-dos-lagares-esporao/>.

Ilustração 37 | Herdade do Esporão | Autoria própria.

Ilustração 38 | Herdade do Esporão | Em <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2018-09-26-Entre-vinhas-e-planos-Roteiro-por-11-adegas-com-cunho-de-arquiteto>.

Ilustração 39 | Quinta do Vallado | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.

Ilustração 40 | Quinta do Vallado | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.

Ilustração 41 | Quinta do Vallado | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.

Ilustração 42 | Quinta do Vallado | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.

Ilustração 43 | Quinta do Vallado | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.

Ilustração 44 | L'and Vineyards | Autoria de Fernando Guerra | Em archdaily.com.br.

Ilustração 45 | L'and Vineyards | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.br.

Ilustração 46 | L'and Vineyards | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.br.

Ilustração 47 | L'and Vineyards | Autoria de Nelson Garrido | Em archdaily.com.br.

- Ilustração 48 | Mapa antigo de Azeitão | Cedida por Pedro Marquês da Sousa.
- Ilustração 49 | Momento de chegada a Vila Nogueira de Azeitão | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 50 | Momento de chegada a Vila Nogueira de Azeitão | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 51 | Confeção do Queijo | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 52 | Confeção do Queijo | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 53 | “Esses” de Azeitão | Em <https://www.viajecomigo.com/2018/10/02/vila-nogueira-de-azeitao-portugal/>.
- Ilustração 54 | Fotografia antiga de pastelaria “O cego” | Em www.facebook.com/SetubalOntemEHoje.
- Ilustração 55 | Azulejo “O Cego” | Autoria própria.
- Ilustração 56 | Tortas de Azeitão | Em <https://www.clubevinhosportugueses.pt/vinhos/sabores-de-portugal-tortas-de-azeitao/>.
- Ilustração 57 | Fábrica de Chitas.
- Ilustração 58 | Documento Oficial da Fábrica de Fiação e Tecidos.
- Ilustração 59 | Armazéns de Moscatel – Cliché Álvaro Torres | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 60 | Tanoeiros de Azeitão | Cedida por Eduardo Vasco.
- Ilustração 61 | Fachada principal José Maria da Fonseca | Autoria própria.
- Ilustração 62 | Jardins José Maria da Fonseca | Autoria própria.
- Ilustração 63 | Símbolo loja dos vinhos de José Maria da Fonseca | Autoria própria.
- Ilustração 64 | Fachada principal José Maria da Fonseca | Autoria própria.
- Ilustração 65 | Fotografia aérea da sede Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedida por Bacalhôa Vinhos de Portugal, SA.
- Ilustração 66 | Cubas de inox da Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedida por Bacalhôa Vinhos de Portugal, SA.
- Ilustração 67 | Cubas de inox da Bacalhôa Vinhos de Portugal | Cedida por Bacalhôa Vinhos de Portugal, SA.
- Ilustração 68 | Casa do Lago da Quinta da Bacalhôa | Cedida por Bacalhôa Vinhos de Portugal, SA.
- Ilustração 69 | Casa do Lago da Quinta da Bacalhôa | Autoria própria.
- Ilustração 70 | Pormenor Palácio da Bacalhôa | Autoria própria.
- Ilustração 71 | Fonte do jardim de buxo Palácio da Bacalhôa | Autoria própria.
- Ilustração 72 | Vista para a fachada norte Palácio da Bacalhôa | Autoria própria.
- Ilustração 73 | Igreja de São Lourenço | Autoria própria.
- Ilustração 74 | Pelourinho de Vila Nogueira | Autoria própria.
- Ilustração 75 | Fonte dos Pasmados | Autoria própria.

Ilustração 76 | Convento de Santa Maria da Piedade | Autoria própria.

Ilustração 77 | Convento de Santa Maria da Piedade | Autoria própria.

Ilustração 78 | Pelourinho e Palácio dos Duques de Aveiro, Cliché Álvaro Torres | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 79 | Chegada a Vila Nogueira de Azeitão | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 80 | Antigo Rossio | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 81 | Mercado do Gado | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 82 | Mercado do Gado | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 83 | Chegada do Cirio da Senhora d'Arrábida, Cliché do Centro Phot. Académico | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 84 | Arraial da Senhora da Arrábida, Cliché do Centro Phot. Académico | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 85 | Chegada do Cirio da Senhora d'Arrábida, Cliché do Centro Phot. Académico | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 86 | Procissão do Senhor dos Passos | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 87 | Procissão | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 88 | Festas de Azeitão na atualidade | Em <https://www.jfregazeitao.com/tradicoes/>.

Ilustração 89 | Declive da Praça da República | Autoria própria.

Ilustração 90 | Antigo Palácio dos Duques de Aveiro, Cliché do Centro Phot. Académico | Cedida por Eduardo Vasco.

Ilustração 91 | Esquema das regras de Serlio, proporção a partir do quadrado | Em Tratado de Arquitetura, por Sebastiano Serlio, Edição Franceschini.

Ilustração 92 | Esquema das regras de Serlio, conceção de vãos | Em Tratado de Arquitetura, por Sebastiano Serlio, Edição Franceschini.

Ilustração 93 | Esquema das regras de Serlio, perfil de demonstração para a conceção de grande declive | Em Tratado de Arquitetura, por Sebastiano Serlio, Edição Franceschini.

Ilustração 94 | Esquema das regras de Serlio, perfil de demonstração para a conceção de grande declive | Em Tratado de Arquitetura, por Sebastiano Serlio, Edição Franceschini.

Ilustração 95 | Azulejo "As Quatro Estações" | Cedida por Ana Margarida Ribeiro Fernandes.

Ilustração 96 | Azulejo Exterior | Cedida por Ana Margarida Ribeiro Fernandes.

Ilustração 97 | Azulejo da loggia | Cedida por Ana Margarida Ribeiro Fernandes.

Ilustração 98 | Azulejo da loggia | Cedida por Ana Margarida Ribeiro Fernandes.

Ilustração 99 | Esquema tridimensional de intervenção urbana | Imagem de Google.maps e esquema de autoria própria.

Ilustração 100 | Croqui | Autoria própria.

Ilustração 101 | Fotografia do corredor composto por arcos na zona tardoz do Palácio | Em <https://www.flickr.com/photos/bronzatti/4888165915>.

Ilustração 102 | Fotografia do corredor composto por arcos na zona tardoz do Palácio | Em <http://ruinarte.blogspot.com/2010/05/o-palacio-dos-duques-de-aveiro-azeitao.html>.

Ilustração 103 | Fotografia do pórtico de Santa Maria dei Servi, em Bolonha | Em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portico_Santa_Maria_Dei_Servi.JPG.

Ilustração 104 | Fotografia do pórtico de Santa Maria dei Servi, em Bolonha | Em <https://www.bolognawelcome.com/home/vivi/eventi/calendario-completo/tci-santa-maria-dei-servi-e-la-undefinedmaestaundefined-di-cimabue/>.

Ilustração 105 | Representação tridimensional do átrio de receção | Autoria própria.

Ilustração 106 | Representação tridimensional do vista do corredor em rampa | Autoria própria.

Ilustração 107 | Croqui | Autoria própria.

Ilustração 108 | Croqui | Autoria própria.

Ilustração 109 | Representação tridimensional da sala de provas | Autoria própria.

Ilustração 110 | Representação tridimensional do acesso à cobertura | Autoria própria.

Ilustração 111 | Solo arenoso | Em <https://www.mundoecologia.com.br/natureza/tipos-de-solos-e-suas-caracteristicas/>.

Ilustração 112 | Rocha Calcária | Em <https://blog.aegro.com.br/prnt/>.

Ilustração 113 | Solo argiloso | Em <https://casa.umcomo.com.br/artigo/quais-as-caracteristicas-do-solo-argiloso-25701.html>.

Ilustração 114 | Brecha da Arrábida | <https://www.flickr.com/photos/loca-bandoca/438749635>.

Ilustração 115 | Amostra de pedra da construção da envolvente | Autoria própria.

Ilustração 116 | Amostra de pedra da construção da envolvente | Autoria própria.

Ilustração 117 | Casa Boaçava, São Paulo | Autoria de Leonardo Finotti, em <https://casa.abril.com.br/casas-apartamentos/estas-paredes-de-concreto-moldado-remetem-as-antigas-taipas/>.

Ilustração 118 | Praça das Artes, São Paulo | Autoria de Nelson Kon, em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.151/4820>.

Ilustração 119 | Sede da empresa Daum, Coreia do Sul | Autoria de Kyungsub Shin, em <https://www.archdaily.com/347457/daum-space-1-mass-studies/514a2a09b3fc4b2765000002-daum-space-1-mass-studies-photo>.

Ilustração 120 | Adega Antión, La Rioja | Autoria de Francine Gardner, em <https://www.pintower.com/media/231724343298744476>.

Ilustração 121 | Terminal de Cruzeiros de Lisboa, Arqº. Carrilho da Graça | Em <https://amorimcorkcomposites.com/pt/materiais-aplicacoes/construcao/projetos/terminal-de-cruzeiros-de-lisboa/>.

9 - ANEXOS GERAIS

9.1 - ANEXO I

- Oliveira, Joaquim. (Novembro, 1994). Freguesia de São Lourenço de Azeitão, Subsídios para a sua Monografia. Azeitão.

Capítulo IV – A independência administrativa, página 40.

“O assunto andava no ar e certo dia veio à casa da Câmara o Desembargador Doutor José Henrique de Anchete Fortes Pereira de Sampaio que ouviu a petição da Nobreza e povo de Azeitão. Disseram que, villa Fresca era pequena, que não tinha cómodos para funcionários e que os não podia vir a ter, e que pelo contrário aldeia Nogueira tinha todas as acomodações necessárias, além de estar lá o Convento, a Misericórdia, e a Fábrica de Chitas Pediram que a Câmara mudasse par Aldeia Nogueira e assinaram o documento 136 pessoas. Juntaram ao processo um relato da fundação da Freguesia de São Lourenço e o depoimento dos párocos de São Lourenço e São Simão.

No parecer final o supra dito Desembargador diz que os suplicantes parecem ser dignos da mercê que suplicam.

A rainha Dona Maria decretou "Vista a resposta dos oficiais da Câmara, Nobreza e povo conformo-me com o parecer do Corregedor informante, persuadindo-me de que he conveniente a transladação da villa que se creou na vizinhança da Aldeia Nogueira para a mesma Aldeia Nog. pelas justas razões que todos uniformem.te ponderem a favor da dita transladação. R. (Rainha)

A Mudança da Câmara exigia a mudança do Pelourinho.

É tradição que os habitantes da Freguesia de São Lourenço cumpriram na íntegra o que consideravam como determinação régia, conduzindo o pelourinho de Vila Fresca para Vila Nogueira. O acontecimento ocorreu numa noite de Outubro de 1786, sendo o monumento transportado num carro puxado por uma junta de bois. foi esta, segundo cremos, a origem do pelourinho existente no Rossio de Vila Nogueira

de Azeitão, e não propriamente o que lá está lavrado, atribuindo o seu levantamento ao Senado constituído após a instalação da Câmara na sua Sede de Vila Nogueira, como faz supor a inscrição «Fidelíssima Regina D. Maria 1a Imperante Senatus Fexit : Anno 1786», que se lê na base do fuste do monumento.”

9.2 - ANEXO II

- Rasteiro, Joaquim. (1893). *Quinta dos Duques de Aveiro*, manuscrito não publicado; Arquivo Distrital de Setúbal.

Cópia Cap. IV, página 30.

"O palácio, severo e magestoso, na sua estrututra, é vasto e de um só andar; apenas sobre o corpo central se ergue uma espaçosa sala de sete janellas de frente. Symetrias em todas as suas partes, não se deverá dar(?) dos preceitos da arte clássico-italiana, sem rendilhados nem curvas de qualquer especie, tudo n'elle obedece à linha horizontal do prumo e à esquadria implacáveis.

A unidade, já dizia Platão, é um dos característicos essenciais da bellesa; o bello é a harmonia da medida e das proporções e, se esta regra fosse infalível, o palácio seria um primor cativante. Nobre e imponente nas formas só parece talhado para as recepções cerimoniais até à entonação da voz, cadencia das palavras e... (?) reduzidas à miniatura as proporções do edificio seria um bom modelo ichnographico, nunca, porem, um adorno delicado de gabinete elegante.

O corpo central mede uns 30 metros de frente, domina, com a sua altura as restantes construcções: ladeam os dois corpos de uns 5 metros cada um ligando-se por elles às alas que flanqueiam um vasto terreiro adentro pela frente.

Terraços ajardinados acompanham entre alas e corpos (?) principaes a unirem-se ao patamar medio dessa escadaria que dá acesso á entrada nobre do edificio. Sessenta janellas, mezzaninas e portas abrem-se sobre o terreiro. Todas as janellas são fartas(?), rasgadas, ornadas de simples cornijas e por cima de cada uma d'estas uma mezzanina.

O aparelho rústico, em voga na época, teve modesta e bem calculada applicação aqui apenas para fazer sobressair os cunhais dos angulos do palácio, ou, a modo de pilastras, para dividir os differentes corpos e quebrar a monotonia da continuidade.

Uma larga escadaria dupla, partindo do centro, dobra-se sobre si e, formando 2 lanços convergentes, dá accesso a uma varanda ampla que serve de contraforte do corpo central e para ella abre a porta

principal da casa. Foi do corpo, conforme as boas regras, que se quis imprimir mais movimento architectónico, juntando-o à uniformidade commum. Esta fachada é de 2 andares, dividida por pilastras em trez corpos. No andar superior ha sete janellas; as duas dos corpos extremos e a do centro são ornadas e com frontões triangulares em cujos tympanos se metteram bustos."

9.3 - ANEXO III

- Rasteiro, Joaquim. (1893). *Quinta dos Duques de Aveiro*, manuscrito não publicado; Arquivo Distrital de Setúbal.

Capítulo III, página 25.

Acerca do Livro de Azeitão Outubro de 1898

“No advento da Renascença, os architectos, cheios de respeito pelos praxes e regra precedentemente estabelecida, tentavam acomodar o passado ao presente. Os palácios da nobresa e os príncipes tinham foras consagradas pelo uso e conveniências – quatro corpos rectilíneos ligados deixavam entre si um espaço descoberto para onde abria a entrada principal da habitação; pavilhões ou torres, que elevava dos ângulos, dominavam o edificio sobre a planta de um palácio fortaleza...

A escadaria italiana de dupla rampa é utilizada.

Se a unidade do traçado expressa matematicamente a direcção a vontade um só sentido, a variedade nos tectos e azulejamento, a circunstância de ser sobre abobadada. O pavimento da alla ocidental em quanto todos os demais apontam sobre o vigamento pode significar épocas diferentes na construção. Há tecto elevado com grandes apainelados, ha o elavado á pessoa como e diz em carpinteria, também em grandes painéis quadrangulares ou triangulares almodadads com olduras; duas salas seguidas à de Baile e que dão sobre varanda do jardim, teem tectos “soffito” com caixotões e pendentes no encruzamento das molduras de belle effeito e a que a pintura decorativa daria maior realce. No azulejamento encontram-se bellos azulejos de superfície lisa, desenho variado, bellas côres e aprimorado gosto; ha o azulejo branco, formando com quadrilongos azues ou verdes a grade ou rede indicativo de tempo mais atrasados; em volta da grande varanda coberta que dá sobre o jardim até se empregou o tijolo emoldurado em azulejo quadrilongo. (Fig 101)

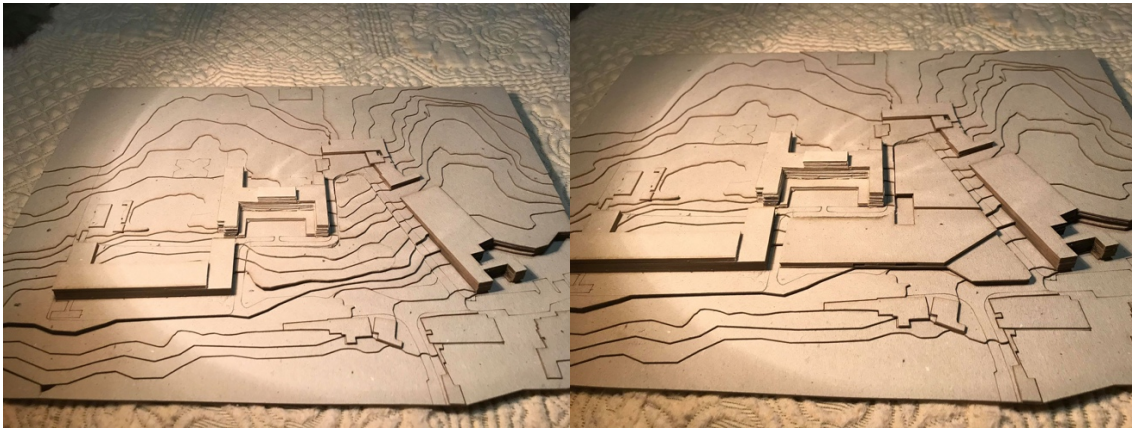
Não devera pois tratar-se despropósito atribuir-se à edificação a mais de um senhor.

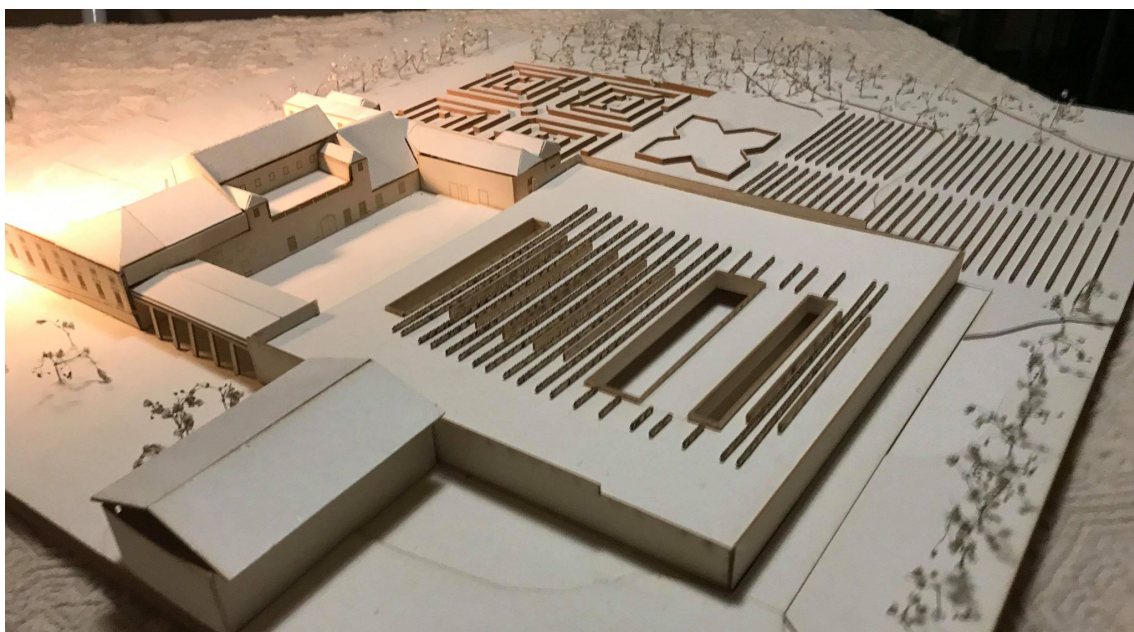
Na sala de Baile o azulejamento distingue-se de todo o outro, é bicolor e feito de propósito para vãos, que tinha ornamentos, desenho medido, mas caprichoso grinaldas e umas figuras de fantasia e tinta branca sobre fundo azul. (fig. 9)

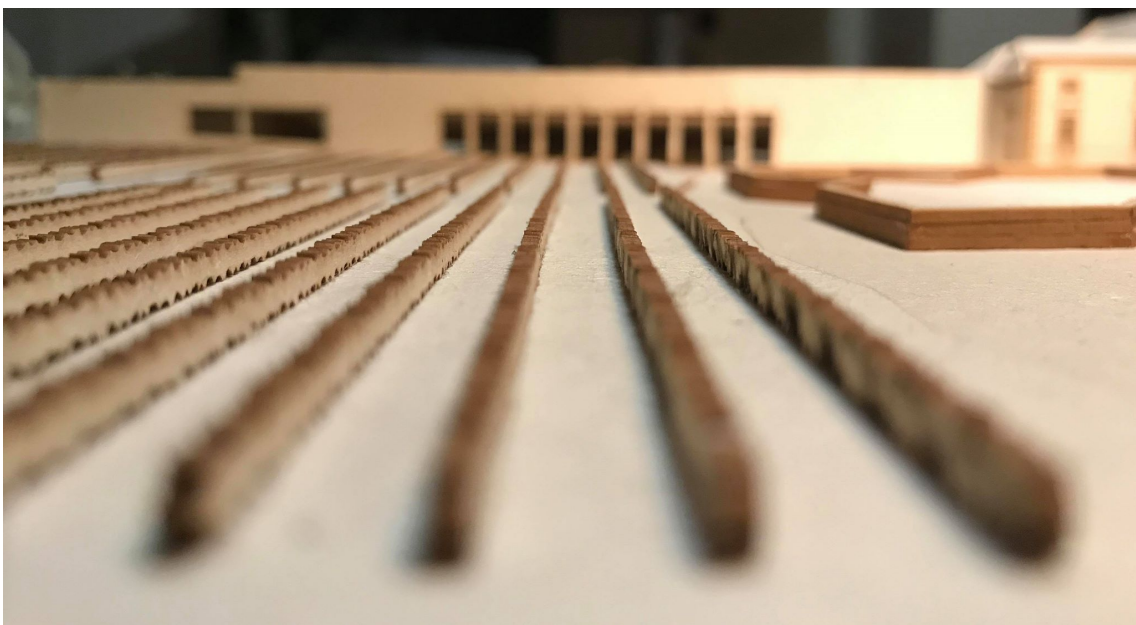
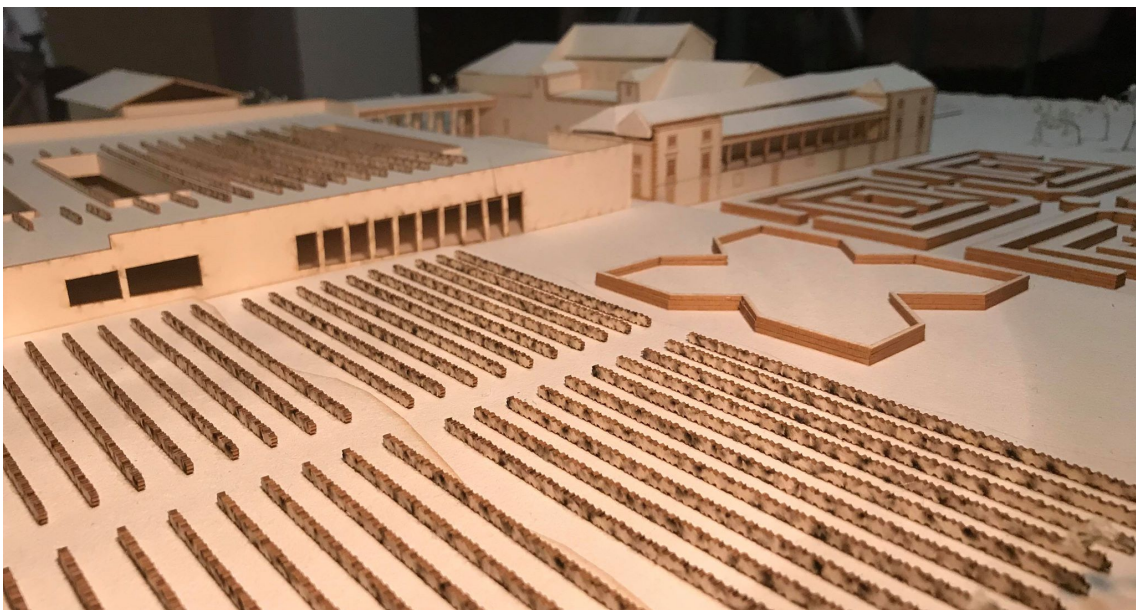
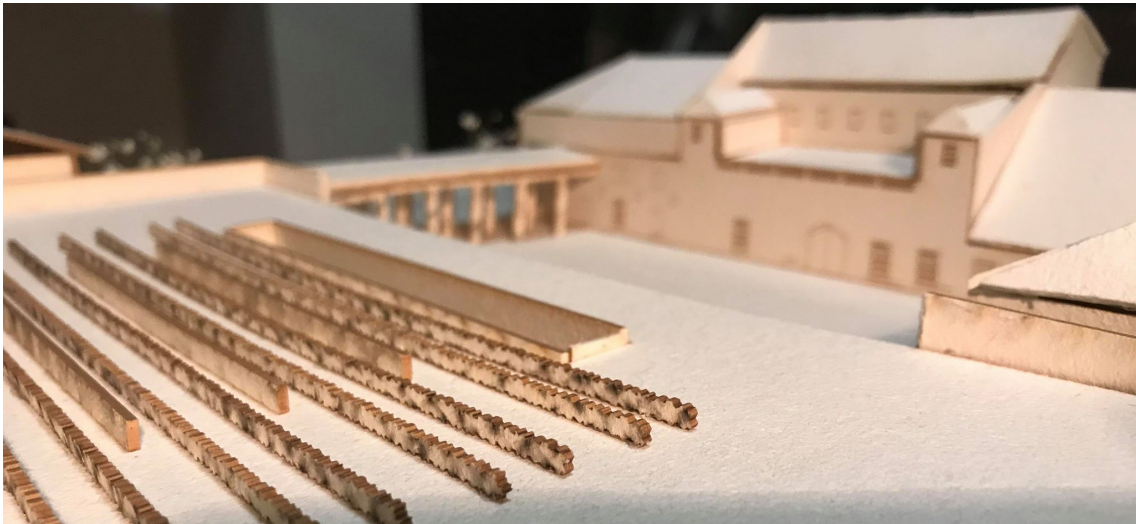
O fino guarnecimentos interiores das portas e janelas é de mármore da Arrábida polida; o tecto hemisférico é estucado, com longos arabescos a fresco (fig. 3) pi cimalha muito ornamentada (fig. 4) devindo-se ainda pintados óvalos e denticulos.

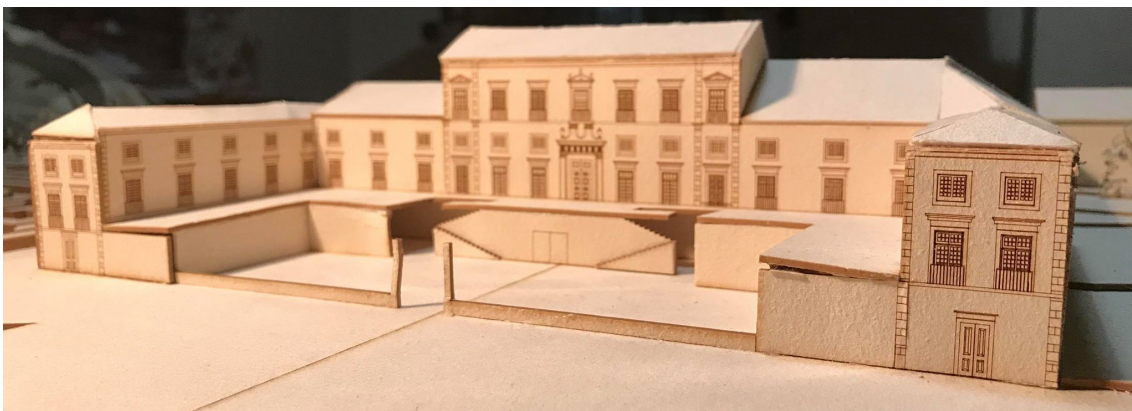
Esta obra é indubitavelmente das galerias (louvada ou varanda) com granpolécia pelo duque D. Álvaro. Nas traseiras do palácio há um pátio atulhado de reles casinholas, algumas até de taipa, encontram-se ali o oratório particular da casa e para o mesmo pátio dão janelas e portas das cozinhas e outras dependências. Este espaço apertado entre o palácio actual e o mosteiro não dá lugar a que ali pudesse ter existido edificações capazes de alojar os duques. Se D. João de Lencastre em 1539 habitou o palácio quase pode certificar-se não haver sido ele o edificado, pelas razões atrás expostas, no entanto não repugna aceitá-lo com reforma ou complemento dos trabalhas de seu pai; depois do falecimento deste. Se o tipo era errado no principio do séc. XVI, se D. Jorge por 1520 a podia ter escolhido, sobejariam já no paiz por 1550 architectos que traça p sobre agulhas formas o solar dos duques de Aveiro.

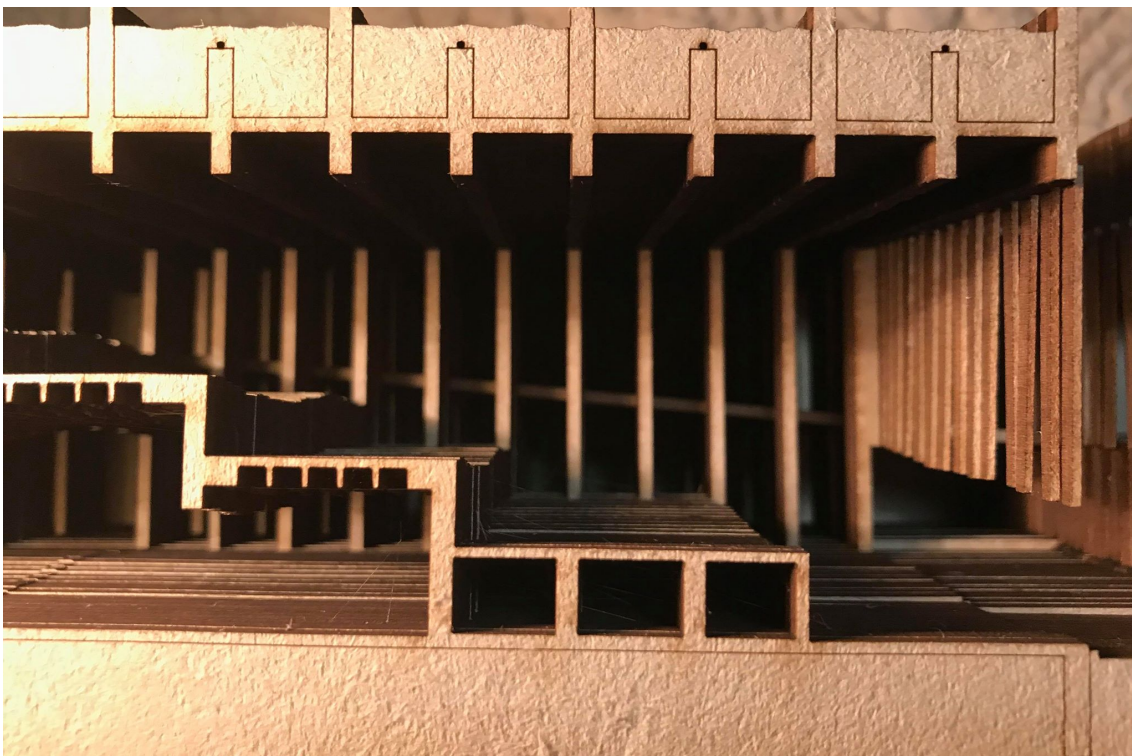
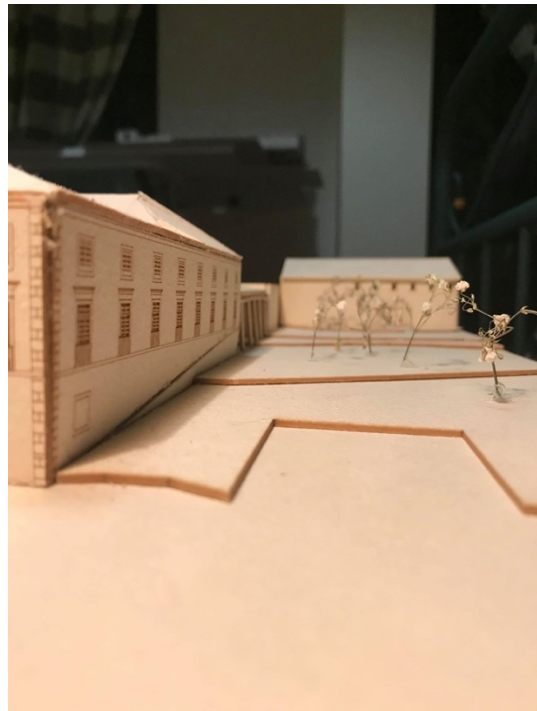
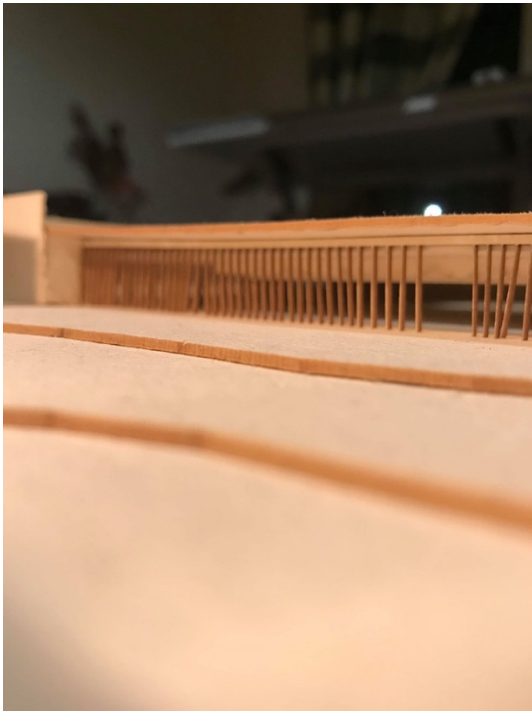
10 - ANEXOS - PEÇAS DESENHADAS E FOTOGRAFIAS MAQUETE

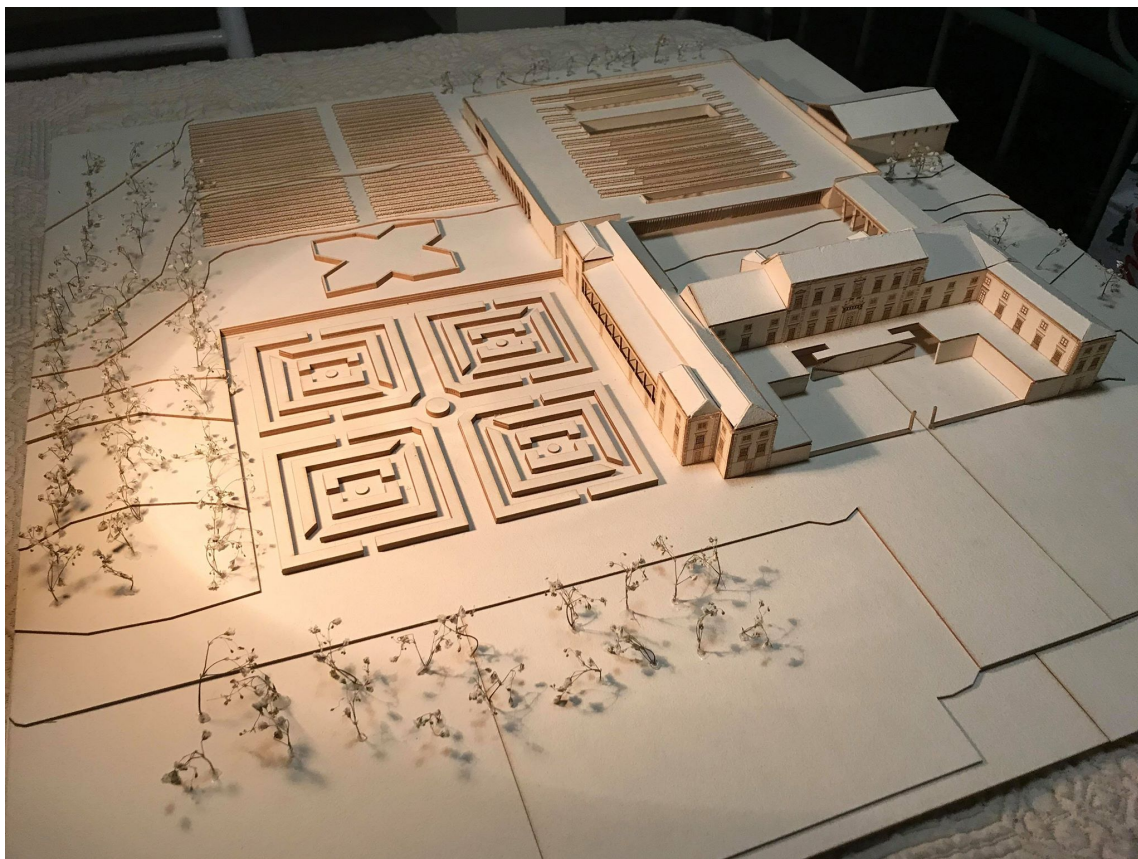








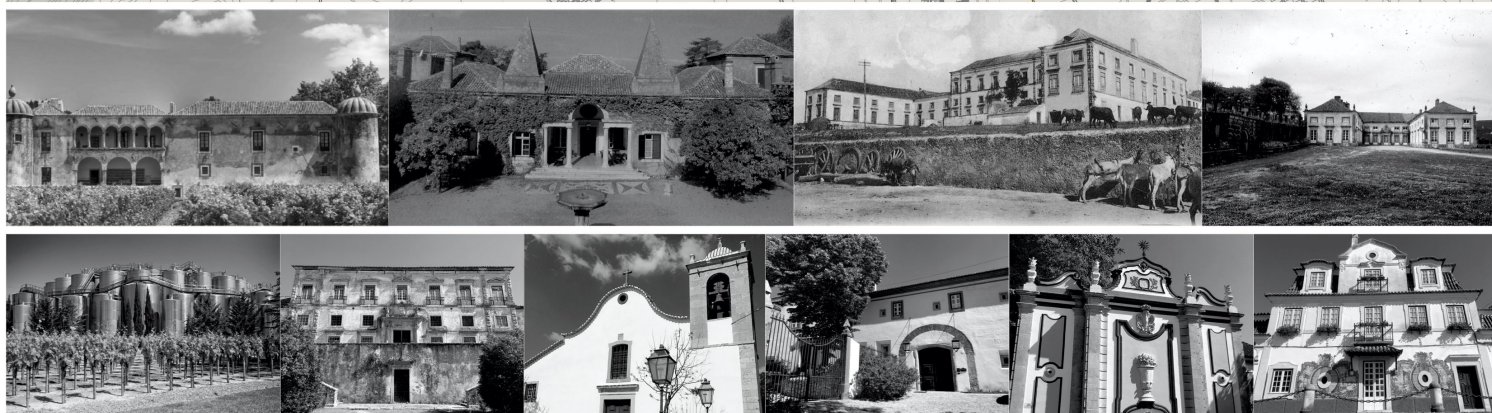
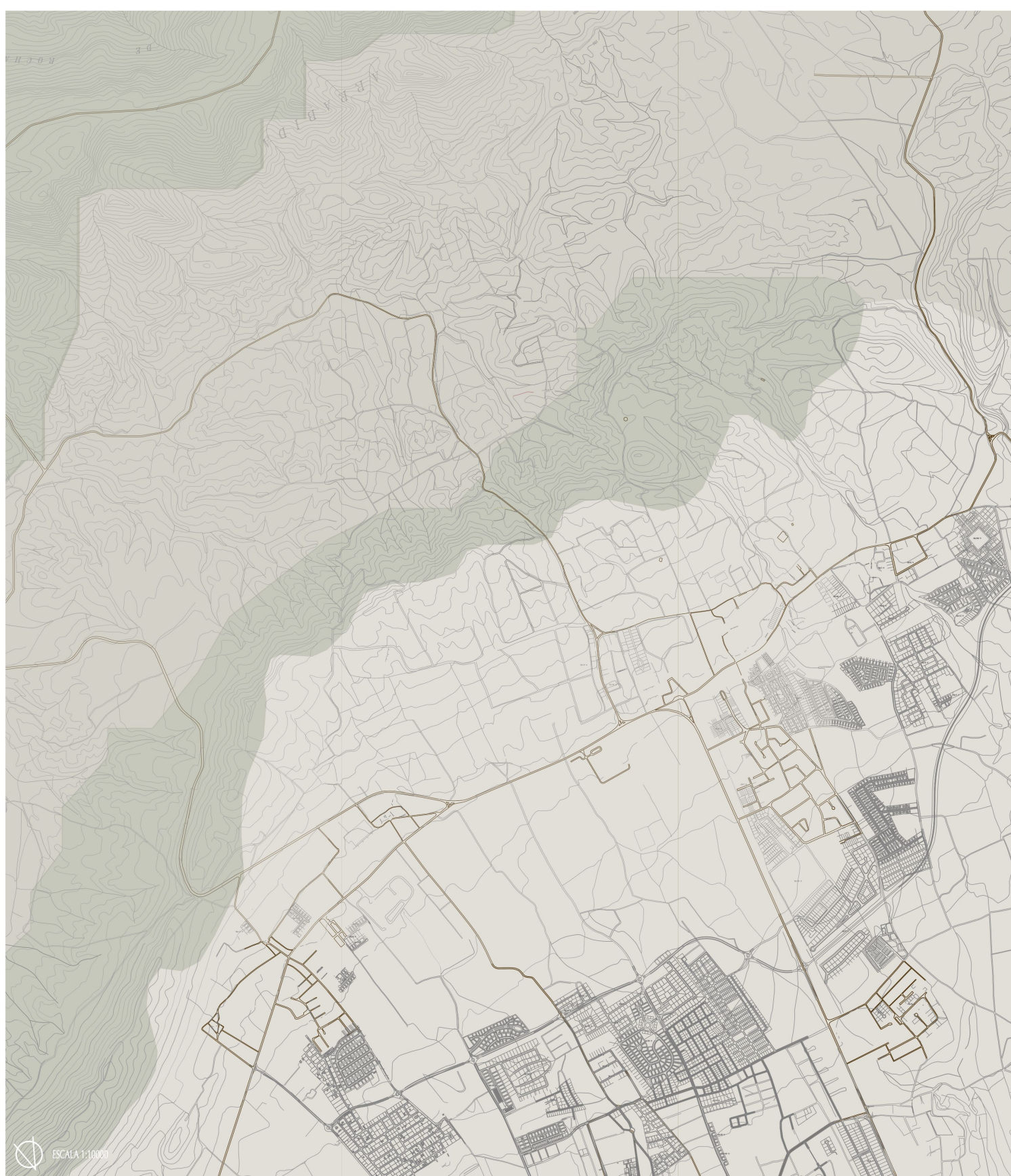


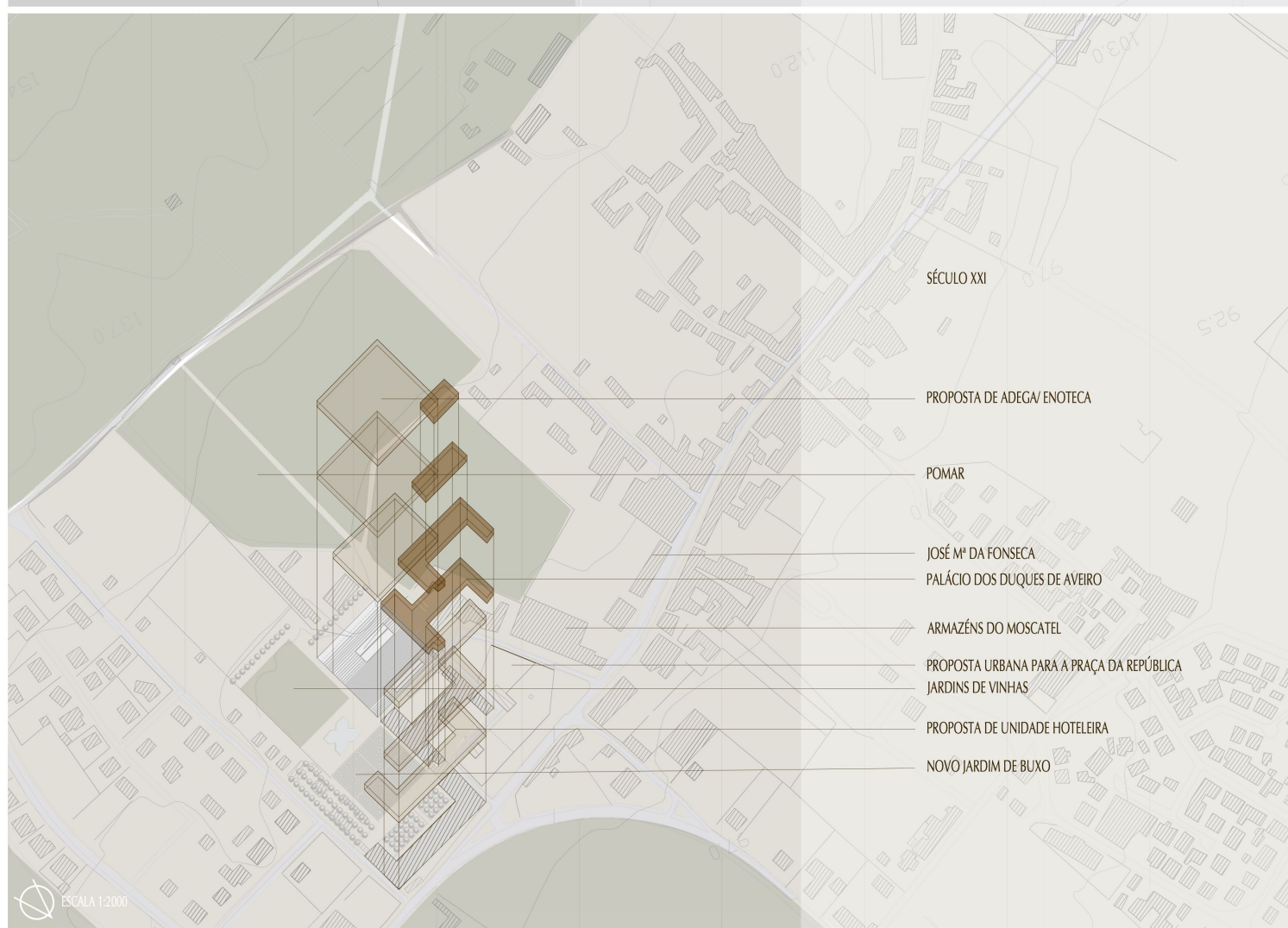


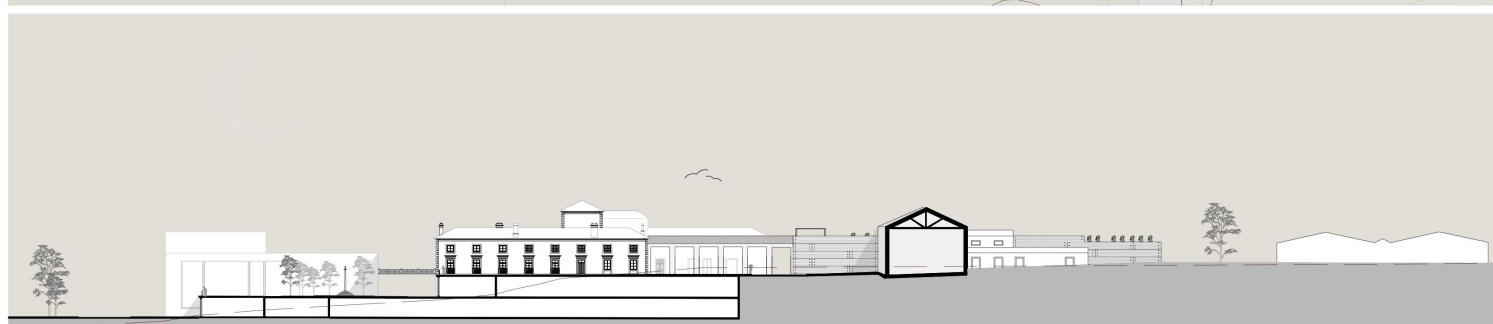
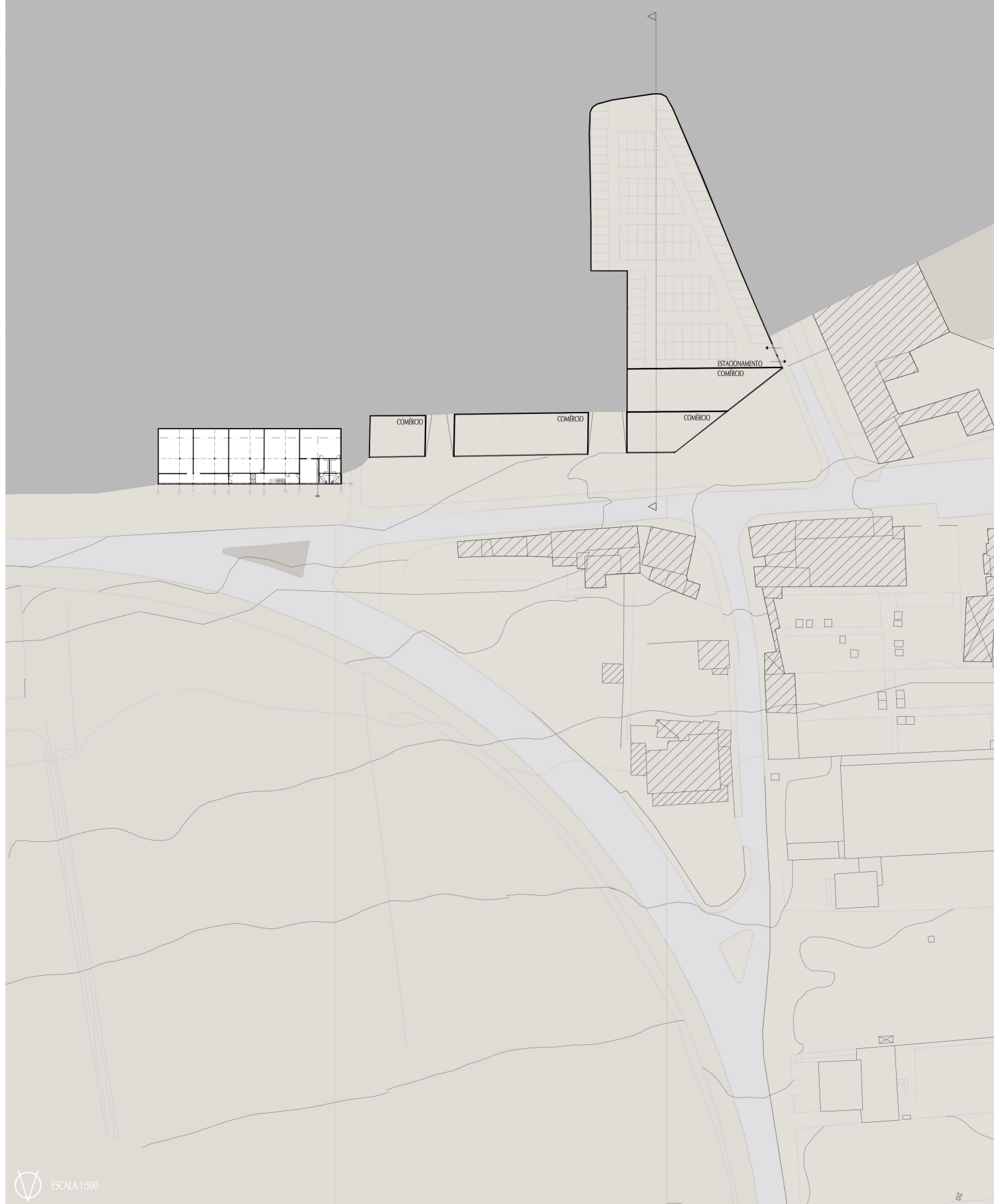
LUGARES DE ABANDONO, DA OBSOLESCÊNCIA FUNCIONAL AO TURISMO IDENTITÁRIO

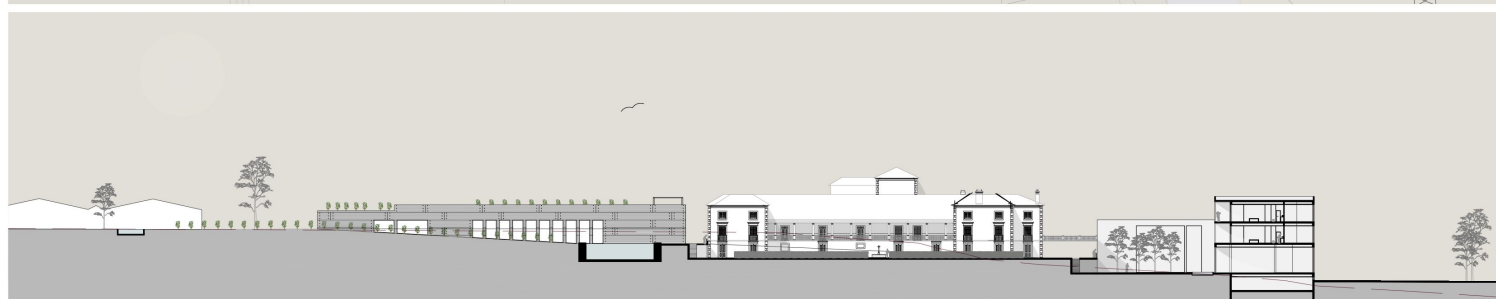
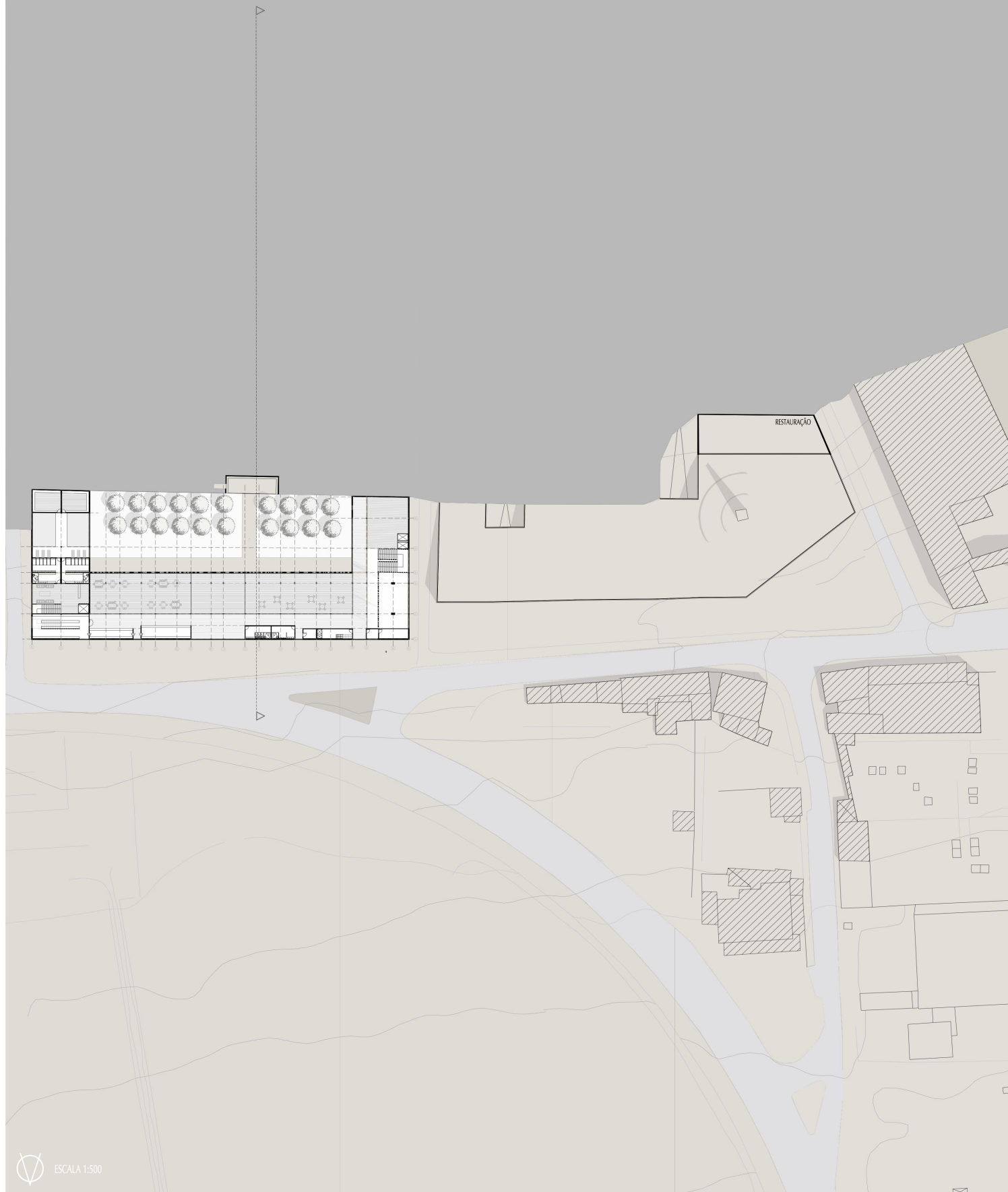
Proposta de turismo vitivinícola para a reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão

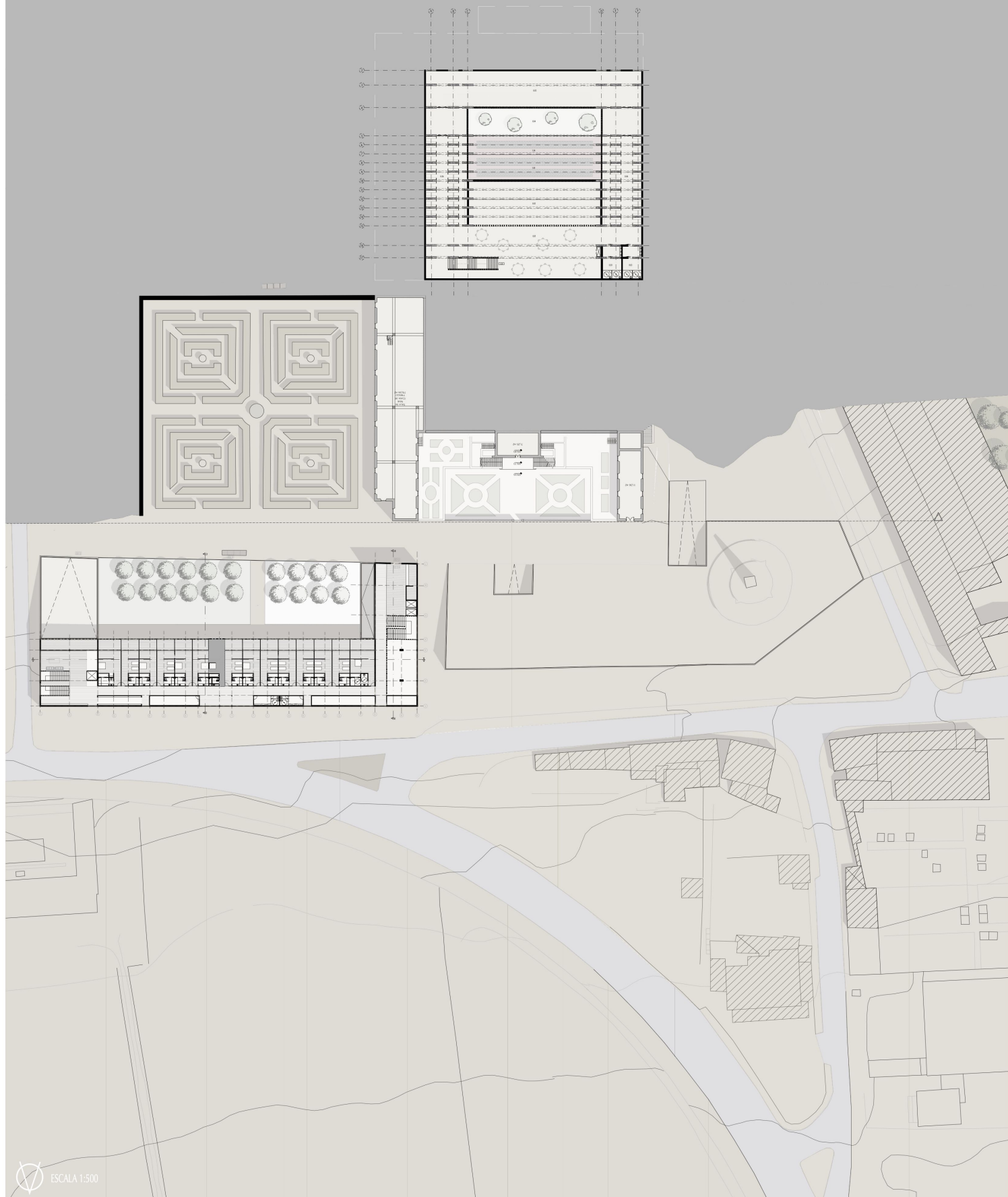


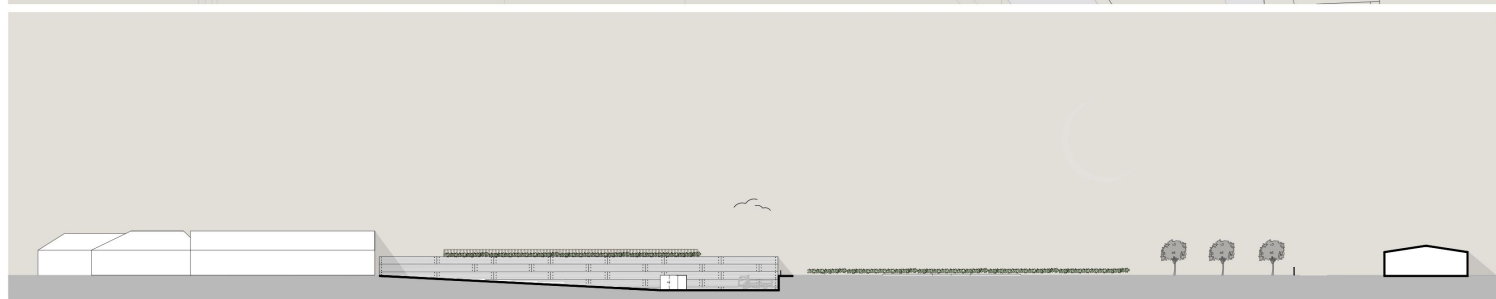
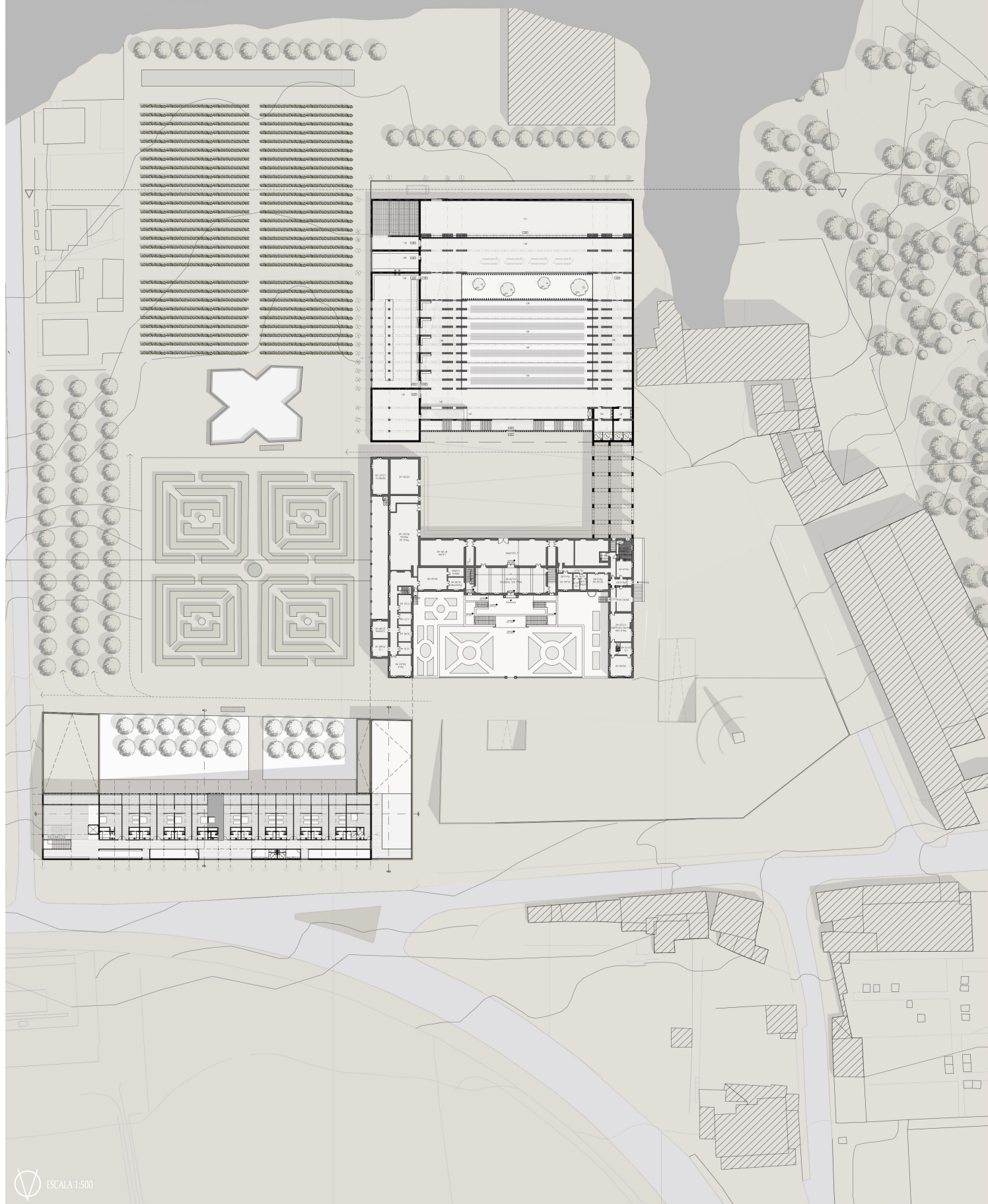


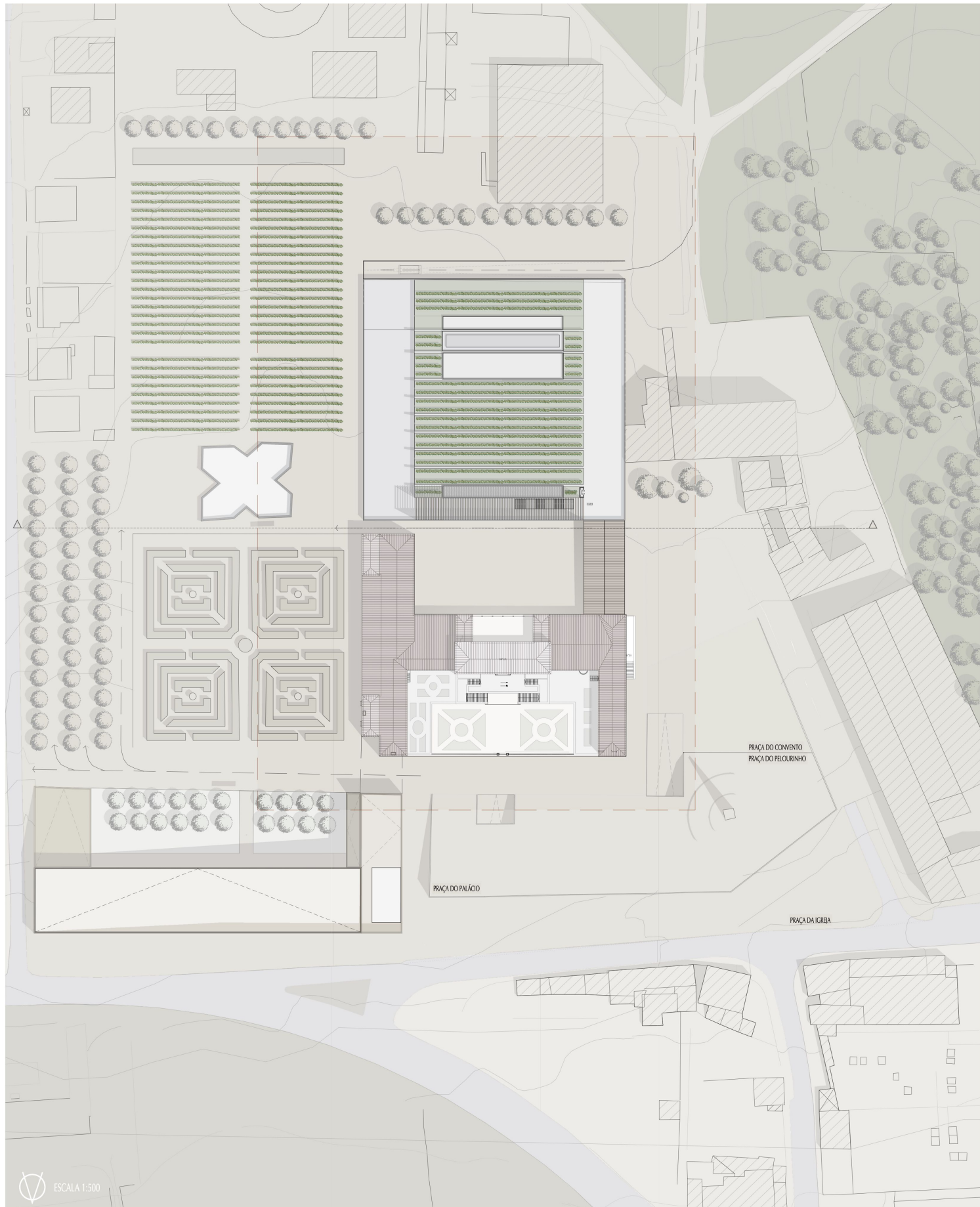


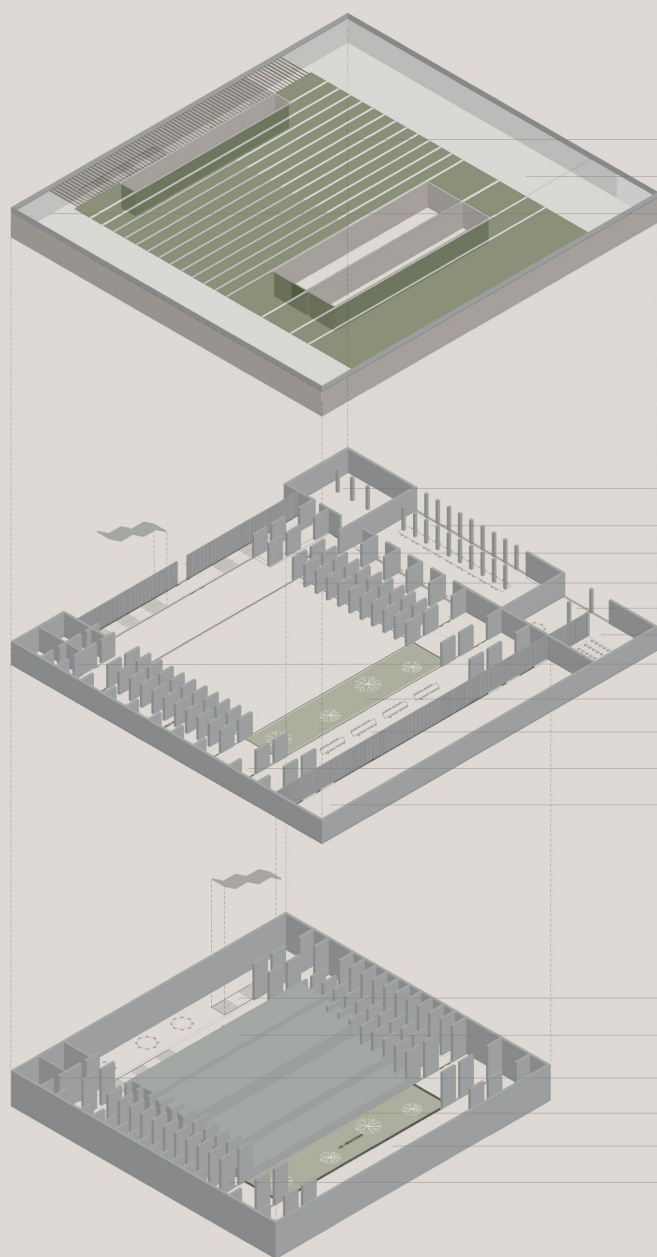












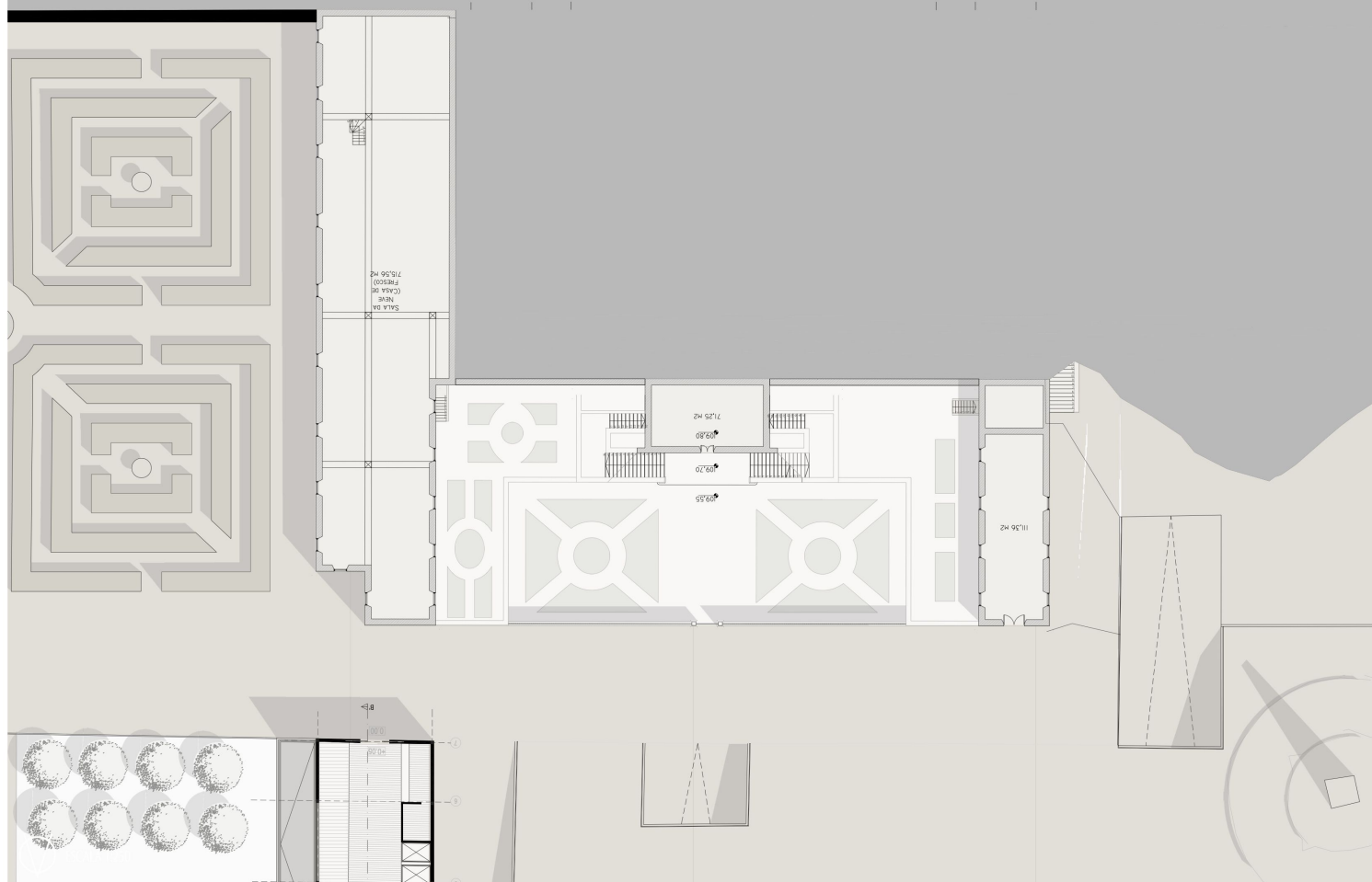
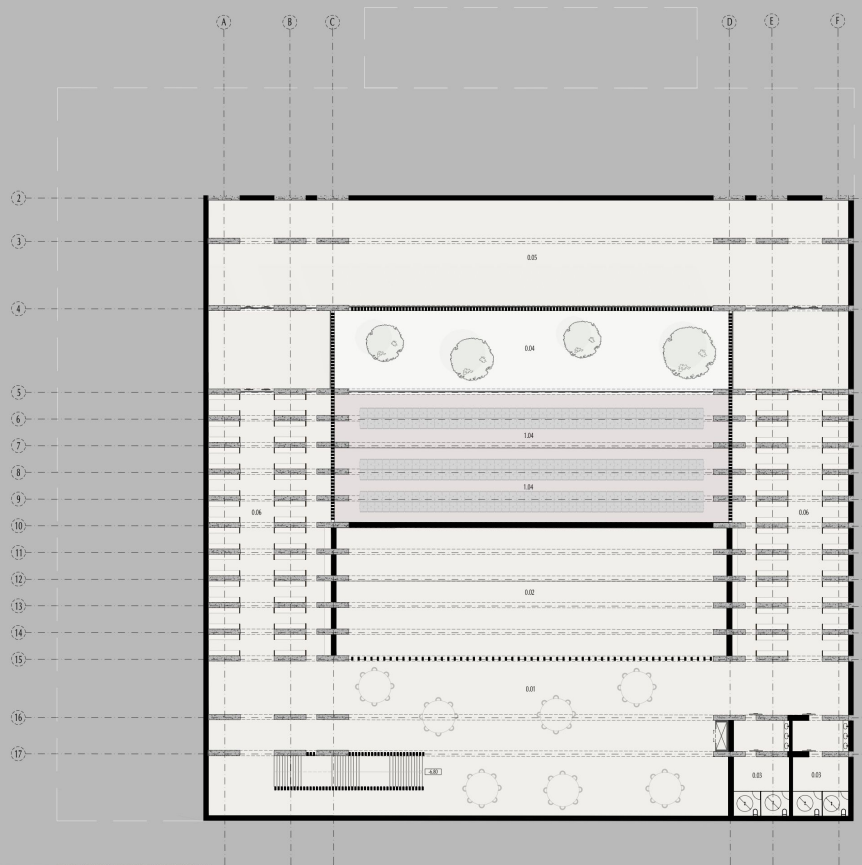
COBERTURA AJARDINADA - PLANTAÇÃO DE VINHA
COBERTURA ACESSÍVEL PERCORRÍVEL
COBERTURA ACESSÍVEL PERCORRÍVEL

ARMAZÉM DE APOIO À LOJA
LABORATÓRIO
RECEÇÃO
SALA RESERVADA DAS BARRICAS
COPA DE APOIO À SALA DE PROVAS
AUDITÓRIO/SALA EXPOSITIVA
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
JARDIM EXTERIOR
SALA DE PROVAS
CORREDOR EXPOSITIVO
ARMAZÉM DE CHEGADA

SALA PARA EVENTOS
SALA RESERVADA À GUARDA DE GARRAFAS ANTIGAS
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
JARDIM EXTERIOR
SALA DE PROVAS PRIVADAS
CORREDOR EXPOSITIVO





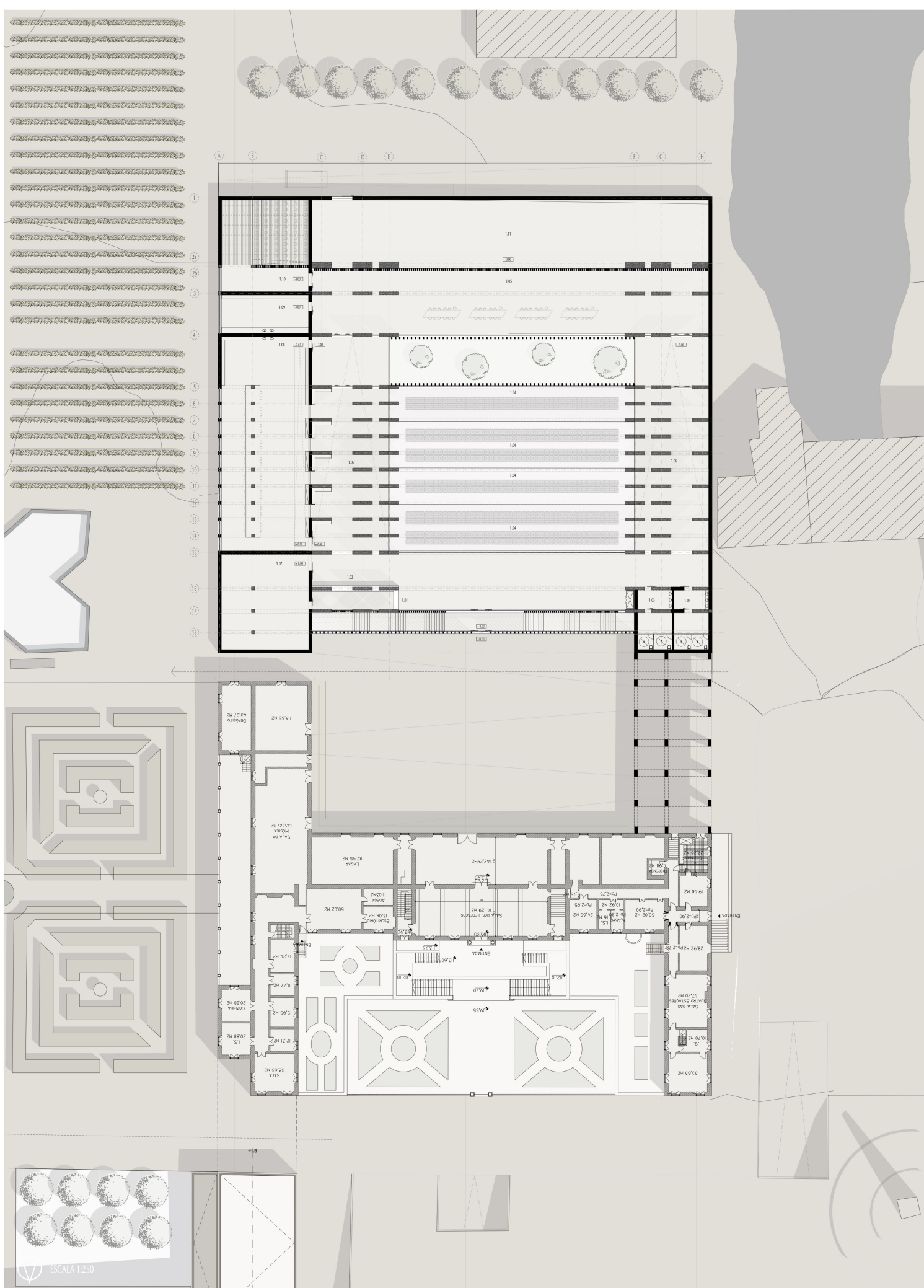


0.01. SALA PARA EVENTOS | 1.02. SALA RESERVADA À GUARDA DE GARRAFAS ANTIGAS | 1.03. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 1.04. JARDIM EXTERIOR | 1.05. SALA DE REFRIGERAÇÃO | 1.06. CORREDOR EXPOSITIVO

LUGARES DE ABANDONO, DA OBSOLESCÊNCIA FUNCIONAL AO TURISMO IDENTITÁRIO

Proposta de turismo vitivinícola para a reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão

Orientação Científica: Professor Doutor António Leite, Professor Doutor Francisco Oliveira
Marta Lagoutina Maia | 20141202 | MIARQ | Outubro de 2019 | Faculdade de Arquitetura | Universidade de Lisboa



1.01. RECEÇÃO | 1.02. LOJA DOS VINHOS | 1.03. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 1.04. SALA DAS BARRICAS | 1.05. SALA DE PROVAS | 1.06. CORREDOR EXPOSITIVO | 1.07. ARMAZÉM DE APOIO À LOJA | 1.08. LABORATÓRIO | 1.09. COPA | 1.10. AUDITÓRIO/SALA EXPOSITIVA | 1.11. ARMAZÉM DE CHEGADA

LUGARES DE ABANDONO, DA OBSOLESCÊNCIA FUNCIONAL AO TURISMO IDENTITÁRIO

Proposta de turismo vitivinícola para a reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão

Orientação Científica: Professor Doutor António Leite, Professor Doutor Francisco Oliveira
Marta Lagoutina Maia | 20141202 | MIARQ | Outubro de 2019 | Faculdade de Arquitetura | Universidade de Lisboa

P12

